

ADAIR DE MENEZES JÚNIOR

A CONQUISTA DA AUTENTICIDADE EM HEIDEGGER

*Belo Horizonte, Janeiro de 1987*

1262510

Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

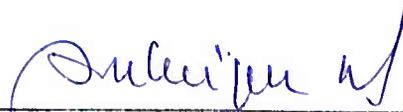
A CONQUISTA DA AUTENTICIDADE EM HEIDEGGER

Adair de Menezes Júnior

Dissertação defendida e APROVADA  
pela Banca Examinadora constituída dos  
Senhores:



Prof. OLINTO ANTONIO PEGORARO



Prof. JOSE HENRIQUE SANTOS



Prof. Sebastião Trogo Orientador

BELO HORIZONTE, 20 DE MARÇO DE 1987.

"... el Dasein esta arrojado y abandonado en la hecceidad de una existencia que ha sido impuesta... ese abandono pertenece a la condici<sup>o</sup>n humana como tal; sin derelici<sup>o</sup>n en el mundo, no podemos existir ah<sup>í</sup>, existir como Da ... esta derelici<sup>o</sup>n es inseparable de la responsabilidad... El hombre ha sido abandonado al mundo con la obligaci<sup>o</sup>n de consumarse, apesar de su im<sup>o</sup>potencia y contra ella..."

"Hablar de existencia humana implica (pues) que se hable de esfuerzo, de conquista, de pugna contra una resistencia en resurreicci<sup>o</sup>n perpetua y omnipresente, que es a la vez necesariamente la enemiga y la aliada de nuestra posibilidad."

Walhens, A. de: La Filosofía de Martin Heidegger. Instituto Luis Vives de Filosofía. Madrid, 1952. pags. 88 e 40, respectivamente.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
PRIMEIRA PARTE: A ESTRUTURA DA INAUTENTICIDADE.....	08
Introdução .....	08
Capítulo 1 - Ser-no-mundo: presença e absorção no mundo.	10
Capítulo 2 - Ser-com-o-outro: da relação para a sujeição ao outro.....	22
Capítulo 3 - O sentido temporal da existência inautênti- ca .....	36
SEGUNDA PARTE: O DASEIN EM SI MESMO .....	44
Introdução .....	44
Capítulo 1 - O estado de ânimo, compreensão, interpreta- ção e discurso .....	46
Capítulo 2 - O sentido do "cuidado" como a essência do Dasein .....	54
TERCEIRA PARTE: A CONQUISTA DA AUTENTICIDADE .....	60
Introdução .....	60
Capítulo 1 - A experiência da angústia .....	62
Capítulo 2 - A angustiada compreensão do ser-para-a-mor- te .....	68
Capítulo 3 - A voz da consciência como chamado do "cui- dado" .....	77
Capítulo 4 - O estado de resolução antecipatória e a ins- tauração da existência autêntica .....	90
Capítulo 5 - A constituição da existência resoluta como destino .....	99

QUARTA PARTE: A ESTRUTURA DA AUTENTICIDADE .....	105
Introdução .....	105
Capítulo 1 - O sentido temporal da conquista da autenticidade .....	107
Capítulo 2 - A passagem do "eu" subjogado para o "eu" resgatado .....	115
Capítulo 3 - Autenticidade como a experiência integrada do "cuidado" .....	123
QUINTA PARTE: O HOMEM HEIDEGGERIANO .....	130
Introdução .....	130
Capítulo 1 - A concepção heideggeriana do Homem .....	132
CONCLUSÃO .....	138
BIBLIOGRAFIA .....	140

## INTRODUÇÃO

Martin Heidegger é um filósofo bastante conhecido, o que nos dispensa de apresentá-lo. Pela mesma forma, "*Sein und Zeit*", sua magistral obra, é bastante familiar a muitos leitores do campo da filosofia.

"*Ser e Tempo*" é tido como uma obra inicial de Heidegger. Sua preocupação dominante, como filósofo, sempre foi com o "Ser", o tema primordial da Metafísica. Em "*Ser e Tempo*", como obra inicial, Heidegger procura compreender o Ser, a partir do estudo do único ente intramundano capaz de interrogar-se sobre o Ser, sobretudo, do seu próprio Ser. "*Ser e Tempo*", portanto, transcorre como uma análise meticulosa sobre o homem, entendido como "Dasein" (ser-aí), isto é, existência. A linguagem de "*Ser e Tempo*" é lógica e discursiva e se aplica, como vimos, a compreender o homem como existência.

Após "*Ser e Tempo*", o trabalho de Heidegger muda de direção e depois, de linguagem. "*Ser e Tempo*" é uma obra inacabada, interrompida pelo autor, que concluiu que uma análise do homem, como existência, não o levaria a compreender o ser, tal como ele pretendia inicialmente. A partir daí, volta-se para a pesquisa pura do ser, visando-o diretamente. Um pouco mais adi-

ante, também deixará a linguagem lógica e discursiva, para assumir um discurso poético, como forma que poderia adequadamente revelar o Ser.

Nosso trabalho, em âmbito mais restrito, atém-se à Antropologia Filosófica de "Ser e Tempo", no qual preocupamos em examinar o conceito de "existência humana" tal como esta surge nesta obra de Heidegger. E dentro do âmbito antropológico de "Ser e Tempo", destacamos o problema da autenticidade e como ela é alcançada.

Existência autêntica, como gradualmente veremos ao longo de nosso trabalho, é aquela que transcorre de uma forma na qual ela se torna o desdobramento verdadeiro e legítimo de si mesma, resgatada das dispersões que a levaria a extraviar-se de si mesma. Ocorre a existência autêntica, de um modo diferenciado de uma outra forma de existência, que é a existência inautêntica, que, por oposição, é aquela que ocorre de forma dispersiva e desatenta de si mesma.

Heidegger propõe que o próprio homem (Dasein) na intimidade dele mesmo, possa achar em si mesmo o fundamento de uma existência autêntica. A descoberta e a realização da autenticidade, porém, são, se faz por um processo, no qual o Dasein passa por sucessivas etapas.

Para tratar sequencialmente o tema da conquista da autenticidade, procuramos caracterizar, inicialmente, em detalhes, a estrutura da inautenticidade.

A partir de uma exposição do sentido do mundo, e do ser-no-mundo, como o "existencial" primordial do Dasein, veremos que é a preocupação circunspectiva do Dasein com os utensílios intramundanos, de que necessita para viabilizar seu ser-no-

mundo, que caracteriza um primeiro nível de sua inautenticidade. A preocupação, mais do que ser uma atenção simples para com o mundo, implica uma complexa inserção do Dasein no mundo pelo qual ele se preocupa, de tal modo que, sem aperceber-se disto, o Dasein se confunde com o mundo, perdendo-se a si mesmo nele.

Veremos, em seguida, como pelo ser-com-os-outros, como o segundo "existencial" primordial do Dasein, ele, inicialmente aberto para uma relação face a face com um outro, que ele vê diante de si mesmo, progressivamente se rende ao "se", como um conjunto de interpretações distorcidas, criadas e veiculadas por uma totalidade de outros anônimos.

A absorção do mundo, bem como a sujeição ao "se", serão vistos como inevitáveis: o Dasein existe em um mundo, e então, como ser-no-mundo, ele fatalmente absorverá toda uma interpretação sobre o mundo mesmo, sobre os outros, e sobre si mesmo, interpretação esta criada, apregoada e mesmo imposta pelos outros anônimos. A sujeição ao "se" surge como um segundo nível da inautenticidade, que incorpora em si a absorção no mundo, pois o "se", pela curiosidade, sustenta uma paixão incontida pelo mundo e pelos outros que nele habitam.

A existência absorvida no mundo e sujeitada ao "se" transcorre no horizonte temporal do fazer-presente que, como limitação da experiência da temporalidade total da existência, caracteriza a existência inautêntica essencialmente.

O Dasein inautêntico não sairá desta condição espontaneamente. A saída da inautenticidade, como o esquecimento de si, em direção à autenticidade, como a conquista de si mesmo, se dá por um processo, em que o Dasein passa por diversas etapas. A etapa que é anterior, apesar de se destacar da que lhe é posterior, se estende pela etapa seguinte, acrescentando-se a

ela, de tal forma que a sucessão das etapas gera um efeito cumulative, que culmina na autenticidade propriamente dita.

Assim sendo, a primeira etapa da conquista da autenticidade surge com o angustiado defrontamento do Dasein com a sua própria morte. O resultado combinado da angústia e da perspectiva da morte aniquila o sentido do mundo e dos outros para o Dasein; o Dasein recolhido a si mesmo, sente que nele habitam todas as suas possibilidades de ser, e que cabe a ele decidir onde empregá-las, em uma existência, agora vista irremediavelmente como finita.

Tendo passado por esta etapa, o Dasein libertou-se da sua preocupação excessiva com o mundo e, podemos acrescentar, de uma solicitude também excessiva pelos outros. Ainda estará, porém, existindo sob o poder da malha interpretativa do "se".

Será com a segunda etapa que o "se" será vencido. O Dasein, tendo, pelo angustiado defrontamento com a morte, se recolhido a si mesmo, ouvirá em si mesmo a voz de sua consciência que, falando-lhe pelo silêncio, relembra-lhe a origem de sua existência como um ser que foi lançado no mundo e que esta condição de lançado significa uma falta de poder fundamental sobre sua existência. A esta falta de poder sobre a origem de sua existência, como uma deficiência constitucional, Heidegger denomina de culpabilidade.

A assunção da culpabilidade, propiciada pelo ouvir a voz da consciência, destruiu o poder que o "se" tinha sobre o Dasein por duas razões fundamentais. Não só o silêncio da voz da consciência anula a fala do "se", que é a tagarelice, mas a antevisão do ser-no-mundo primordial, com a estranheza que surgirá associada a esta visão, anula a falaciosa construção do

mundo, dos outros e do próprio Dasein, tomado isoladamente, veiculada pelo "se".

Ao mesmo tempo que a consciência lembra o Dasein acerca de sua origem, ela convoca o mesmo Dasein, que já tinha deseujado ser ele mesmo, a efetivamente realizar a potencialidade deule ser ele mesmo. O Dasein que ouviu a sua consciência partirá para realizar a si mesmo, absolutamente cõnscio da sua origem no ser-no-mundo, como ser lançado, e sabendo também o tempo que ele tem para se realizar, é finito.

O resultado acumulado da angústia, da antecipação da morte, do silêncio e da culpabilidade, instala o Dasein na terceira e definitiva etapa da conquista de sua autenticidade, que será vista como o estado de resolução antecipatória. Este, encontrando um Dasein já desembaraçado tanto do mundo, dos outros quanto do "se", permite que o Dasein, através do ato de resolução, aja numa direção que significa a efetivação de sua potencialidaude para ser.

O Dasein, agindo para concretizar seu ser, age reíntegrado ao mundo e aos outros, mas, de tal forma, que ele não mais se esquece de si mesmo ao lidar com os objetos intramundanos e com os outros.

Finalmente, e mais como um sub-produto do que uma quarta etapa, o Dasein já tornado autêntico, foi buscar, no passado da história que ele tem atrás de si, modelos de possibilidades autênticas de existência, disponíveis para ele como uma herança. Esta herança foi assumida, em caráter seletivo, através do expediente da repetição, que recriou o passado, anexando-o a um presente transformado. Resultou disto tudo em um destino, que é uma força que brota do Dasein mesmo, e que o prepara para enfrentar qualquer tipo de circunstância.

O Dasein, existindo como destino, existe reintegrado às gerações que o precederam, recolhendo os fundamentos da existência autêntica, enquanto, ao mesmo tempo, ele, no seu presente, leva adiante esta herança, passando ele próprio a ser gerador de uma nova herança para futuros "Daseins".

Tendo examinado todo o processo pelo qual o Dasein, saído da inautenticidade, alçou-se à existência autêntica, estamos então em condições de examinar detidamente a estrutura da existência autêntica, em termos da experiência integrada da temporalidade da existência, feita por um "eu" resgatado de sua absorção no mundo e sujeição ao "se", que se torna, então, veículo fiel da experiência integrada do fenômeno maior do "cuidado".

Por fim, movidos mais por uma curiosidade pessoal do que pela necessidade estrita do presente trabalho, julgamos importante recolher as concepções sobre o Homem esparsas ao longo do texto de "*Ser e Tempo*". Heidegger, para evitar uma construção apriorística do Homem, passou ao largo dele, para tratar de sua existência: a existência é a forma concreta para qual o Homem, entendido como Dasein se dá a conhecer. Este Homem, porém, embora implícito na sua existência que transcorre, desponta de uma forma peculiar; buscamos, então, tornar explícita esta concepção do homem que subjaz ao ser que existe.

Desenvolvemos o presente trabalho a partir da versão inglesa "*Being and Time*", traduzido por John Macquarie e Edward Robinson, pela Editora Basil Blackwell. Obviamente, se tivéssemos acesso ao idioma original de "*Sein und Zeit*". certamente nosso trabalho poderia ter sido mais fiel ao texto de Heidegger.

Fizemos uso extensivo de citações literais, tanto do texto de "*Being and Time*", quanto de alguns comentaristas, por julgarmos que o meramente remeter o leitor a uma determinada pá

gina da obra citada não atenderia ao nosso objetivo, que foi o de "desocultar", no próprio texto de "*Ser e Tempo*", a revelação do problema da autenticidade e do processo da sua conquista.

As citações do texto de "*Being and Time*" são acompanhadas sumariamente do parágrafo de onde elas foram extraídas. Já as citações dos comentaristas, são também, sucintamente acompanhadas do nome do comentarista e da página do livro do qual a citação foi retirada: na bibliografia se encontram as referências completas sobre as obras dos comentaristas transcritas.

Finalmente, precisamos esclarecer que o conceito da autenticidade pelo próprio fato dele ser a culminação de um processo, só se faz rigorosamente claro após examinarmos a finalização deste mesmo processo. Antecipá-lo, significa não apreendê-lo integralmente. Acreditamos que este conceito, na parte final do trabalho, tenha ficado claro.

**PRIMEIRA PARTE - A ESTRUTURA DA  
INAUTENTICIDADE**

## INTRODUÇÃO

A existência inautêntica existe para o Dasein decaído de uma forma que é consistente e constante. Ela está estruturada de forma tal, que resiste a mudanças. Veremos nesta primeira parte, a constituição da estrutura da inautenticidade como forma de existência.

Como primeira instância da estrutura da existência inautêntica, veremos em detalhes o ser-no-mundo do Dasein e como, ao se integrar no mundo, o Dasein acaba por se deixar absorver pelo mundo. Por que o mundo teria tal poder de absorção para o Dasein? Simplesmente porque o Dasein espontâneo, não tem em si mesmo elemento algum que atue como uma barreira de contenção entre ele e o mundo. O mundo surge, assim, como o palco natural onde o Dasein se instala e se esquece de si mesmo.

Mas no mundo, além do próprio Dasein, estão os outros. Para o Dasein espontâneo, já esquecido de si mesmo pela sua absorção no mundo, os outros se tornam mais uma oportunidade para o Dasein esquecer-se de si mesmo. Encontrando-se com a totalidade anônima dos outros, chamado por Heidegger de "se", o Dasein perderá o que lhe restava de sua individualidade.

O ser é temporal, assim como o Dasein, que se interroga sobre o ser. Veremos, então, como a existência inautêntica se apresenta como forma peculiar de o Dasein experienciar a temporalidade, pe

la qual ocorre uma exaltação exclusivista do presente, que se mostra então como a estrutura íntima da inautenticidade.

A absorção no mundo e a sujeição ao "se", dão-se integralmente com a experiência restrita do presente, e este conjunto, levando o Dasein a esquecer o seu ser, torna a sua existência inautêntica, como veremos nos três capítulos da primeira parte deste trabalho.

## CAPÍTULO I - SER-NO-MUNDO: PRESENÇA E ABSORÇÃO NO MUNDO

Desenvolvemos este trabalho dentro de uma perspectiva filosófica que seria mais pertinente a uma Antropologia Filosófica, tratando da aventura existencial do Dasein em busca de sua autenticidade, superando todas as forças e circunstâncias que a ela se opõem. Importa esclarecer, porém, que a preocupação dominante de Heidegger é com o "ser", "questão hoje tão esquecida".<sup>1</sup> Retomando a questão do ser, Heidegger desenterra um ponto de investigação que, em sua opinião, não foi adequadamente tratado de pois dos pré-socráticos.

Ser, "é tudo aquilo sobre o que nós falamos, tudo aquilo que nós temos em vista, tudo aquilo para o qual nós nos comportamos de alguma maneira".<sup>2</sup> Ser é, então o princípio pelo qual todas as coisas existem.

Dentre todas as coisas que são, o homem é algo especial. Heidegger preferirá chamar o homem de "Ser-aí", ou, para conservarmos o termo alemão, Dasein. O porquê Heidegger esco-

---

<sup>1</sup>"This question has today been forgotten." (§ 2)

<sup>2</sup>"Everything we talk about, everything we have in view, everything toward which we comport ourselves in any way, is 'Being'..." (§ 7)

lheu um termo tão pouco usual para referir-se ao homem, ele em momento algum explica; apenas afirmará que o Dasein é "esta entidade que cada um de nós é, e que inclui o inquirir como uma de suas possibilidades de ser".<sup>3</sup> O Dasein, como Ser-aí, é a entidade única que "no seu ser mesmo, o ser é uma questão para ele".<sup>4</sup> Ser-aí, é o Ser no aí de uma situação, pronto e disponível para ser compreendido. O Ser é algo próximo do Dasein, do Ser-aí.

O Dasein "tem um relacionamento para com este ser", pelo qual ele compreende a si mesmo no seu ser, e em alguma extensão, "ele faz isto explicitamente"; ou seja, o Dasein não só existe, como é capaz de compreender explicitamente o fato mesmo do seu existir, ou ser.<sup>5</sup> Esta relação estreita entre o Dasein e o seu ser é o que define a "Existência" do Dasein.<sup>6</sup>

Na medida em que o Dasein, pelo fato mesmo do seu existir, guarda esta relação estreita com o Ser, é que Heidegger buscará, através do desenvolvimento de uma analítica da "existência" do Dasein, o meio pelo qual ele se avizinhará de uma compreensão do Ser, que é o seu objetivo básico. Preferir o caminho da especulação abstrata para chegar ao ser, e não o da analítica da existência, seria elaborar um trabalho "idealista", com um necessá-

---

<sup>3</sup>"This entity which each of us is himself and which includes inquiring as one of the possibilities of its Being, we shall denote by the term "Dasein"." (§ 7)

<sup>4</sup>"Dasein is an entity which does not just occur among other entities. Rather it is ontically distinguished by the fact that, in its very Being, that Being is an issue for it." (§ 12)

<sup>5</sup>"... Dasein, in its Being, has a relationship towards that Being... And this means further that there is some way in which Dasein understands itself in its Being, and that to some degree it does so explicitly." (§ 12)

<sup>6</sup>"That kind of Being towards which Dasein can comport itself in one way or another, and always does comport itself somehow, we call existence". (§ 12)

sário distanciamento do "mundo da vida" (Lebenswelt), para usar um termo de Husserl, caminho este que seria inaceitável para alguém que foi profundamente influenciado por Kierkgaard.

A analítica da existência será desenvolvida buscando aquilo que a existência tem de estrutural, ou seja, que surge organizado como estrutura, e que será chamado por Heidegger de "existencialidade".<sup>7</sup> Cada elemento, nesta análise, surgirá estreitamente vinculado com todos os outros que o precederam e com todos que o sucederão.

Neste enfoque estrutural, a estrutura básica pela qual o Dasein existe é como "ser-no-mundo",<sup>8</sup> ou seja, situado e basicamente referido a um mundo, entendido não só como totalidade de entes, mas também como a interpretação coletiva sobre estes entes. Dentro deste enquadramento básico, todas as outras estruturas se seguirão.

O ponto de partida é que o Dasein tem uma grande familiaridade com o mundo no qual vive. "Ser-em" significa "residir em", "habitar em".<sup>9</sup> Esta familiaridade, que existe ao nível do implícito, oculta na realidade uma densa e complexa relação, que examinaremos em detalhes.

O ser-no-mundo começa com o fato do Dasein "ser"; este fato define a "faticidade" básica do Dasein, ou seja, o fato do Dasein ser implica necessariamente que ele esteja em algum lugar, e este lugar é o mundo.<sup>10</sup> O mundo é o anteparo básico contra o

<sup>7</sup>"The context of such structures we call existentiality" (§ 12)

<sup>8</sup>"... to Dasein, Being in a world is something that belongs essentially". (§ 13)

<sup>9</sup>"'In', is derived from 'innan' - to reside, 'habitare', 'to dwell'. 'An' signifies 'I am accustomed', 'I am familiar with', 'I look after something'." (§ 54)

<sup>10</sup>"Whenever Dasein is, it is a Fact, and the factuality of such a Fact is what we call Dasein's 'facticity'." (§ 56)

qual colide o ser do Dasein. Ocorre um entrelaçamento entre o Dasein e as entidades intramundanas, que o leva a absorver-se no mundo. Entenderemos melhor a intensidade deste entrelaçamento, se considerarmos que Heidegger recusa ao Dasein uma "interioridade", pela qual ele pudesse, ainda que esporadicamente, refugiar-se do mundo, nos recessos de seu "mundo interior". Ao invés disto, para Heidegger, o Dasein está sempre "do lado de fora", junto aos objetos intramundanos com os quais está interessado.<sup>11</sup>

O ser-em do Dasein se desdobrará em ações diversificadas no mundo, obedecendo a um interesse fundamental por ele, e para com os objetos intramundanos. Neste agir, vemos surgir a "preocupação", como o "ser" deste entrelaçamento básico com o mundo.<sup>12</sup> Por preocupação, Heidegger não quer dar a entender outra coisa senão aquilo que usualmente entendemos por preocupação, e esta significa uma atenção contínua, que não exclui sua intermitência, para com os objetos intramundanos importantes para um Dasein individualizado. A preocupação é o que caracteriza o ser-no-mundo do Dasein, e leva a uma fascinação pelo mundo.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup>"When Dasein directs itself towards something and grasps it, it does not somehow first get out of an 'inner sphere' in which it has been proximally encapsulated; but... it is always 'outside' alongside entities which it encounters and which belong to a world already discovered." (§ 62)

<sup>12</sup>"Dasein's facticity is such that its Being-in-the-world has always dispersed itself or even split itself up into definite ways of Being-in. The multiplicity of these is indicated by the following examples: having to do with something, producing something, attending to something and looking after it, making use of something, giving something up and letting it go, discussing, determining... All these ways of Being have 'concern' as their kind of Being..." (§§ 56-57)

<sup>13</sup>"Being-in-the-world, as concern, is fascinated by the world with which it is concerned." (§ 61); "La preocupacion el estar preocupado, designa fundamentalmente la manera como la existencia humana esta en el mundo... El Dasein no existe sino en cuanto preocupado... No es el objeto... de mi preocupacion, lo que engendra a esta. El objeto no es sino el punto sobre el cual se concentra momentaneamente una facultade que lo ultrapassa infinitamente, Por que

A frontalidade do Dasein para com o seu mundo, somado à preocupada intervenção nele, intervenção esta que o leva a esquecer-se de si mesmo, por perder-se nos objetos, caracteriza o primeiro nível da inautenticidade. Subjugado por sua preocupação o Dasein esquece-se de si mesmo, e se perde no mundo com o qual se preocupa.<sup>14</sup>

Os objetos intramundanos, com os quais o Dasein interage pela sua preocupação, Heidegger os denomina "utensílios".<sup>15</sup> Utensílios são os instrumentos, ferramentas e aparelhos que o Dasein utiliza para concretizar o seu preocupado ser-no-mundo. Eles não existem isoladamente, mas sim "referidos" a uma totalidade de utensílios. O utensílio é sempre "alguma coisa para" e, nesta sua utilidade, nós temos a sua "destinação ou referência" de alguma coisa para com outra coisa. Ou seja, o uso dos utensílios sempre se dá de forma conjunta e complementar. As relações de destinação ou referência criam o que Heidegger chamará também de "envolvimento".<sup>16</sup>

O "para quê" de um utensílio vem a constituir-se na essência do mesmo, como sendo a sua particular e estrita condi-

---

estamos anclados en el mundo y, por virtude de esta misma relación, nos afanamos por ele..." de Waelhens, p. 42.

<sup>14</sup>"... la existencia inautentica se caracteriza por el hecho de de que el Dasein, lejos de dominar su preocupación, se deja, por el contrario, esclavizar por ella, hasta el punto de quedar absorbido por su objeto y por el mundo proximo que lo contiene..." de Waelhens, p. 213.

<sup>15</sup>"We shall call those entities which we encounter in concern, equipment" (§ 68); Obs: Por motivo de maior clareza, preferimos utilizar o termo "utensílio", do que "equipamento" que seria a tradução literal de "equipment", porque "equipamento" sugere, em português, um conjunto de coisas e não um objeto isolado, que é o que é alvo da preocupação.

<sup>16</sup>"Equipment is essentially 'something in-order-to'... In the in-order to as a structure there lies an 'assignment or reference' of something to something... Equipment... always is in terms of its belonging to other equipment..." (§ 68); "The character of Being which belongs to the ready to-hand is just such an involvement." (§ 84)

ção de "prontidão à mão".<sup>17</sup> Com este termo, Heidegger quer dizer que cada utensílio que é descoberto, e que passa a ser correntemente utilizado tem a sua razão de ser na sua utilidade estrita para o Dasein, que é a forma pela qual ele se apresenta "à sua mão".

O Dasein descobre o utensílio para seu uso, através dos seus "signos". Signos são "itens de utensílio cujo caráter específico consiste em mostrar ou indicar".<sup>18</sup> Os signos indicam a prontidão à mão de um utensílio, ou em que ele poderá vir a ser útil. O signo indica e revela, mas supõe um Dasein familiarizado com ele.

O utensílio descoberto pelo Dasein existe em um "lugar" que lhe é próprio. Um lugar não é meramente uma posição no espaço, mas é um ambiente que é próprio de um utensílio, no qual ele é usualmente encontrável, e fora do qual não será encontrado.<sup>19</sup>

O lugar de um utensílio existe em uma determinada "direção". Aquilo que permite que o Dasein tenha um sentido de "direção" do "para onde" se encontra um utensílio, em termos do "lugar" que lhe é próprio, será chamado por Heidegger de "região".<sup>20</sup> Descobrir o lugar de um utensílio só é possível para o Dasein que esteja familiarizado com a "região" na qual ele se encontra.

---

<sup>17</sup>"The kind of Being that the equipment possesses - in which it manifests itself in its own right - we call 'readness to hand'." (§ 69)

<sup>18</sup>"... signs... are themselves items of equipment whose specific character as equipment consists in showing or indicating." (§ 77)

<sup>19</sup>"Equipment has its place... When equipment for something or other has its place, this place defines itself as the place of this equipment - as one place out of a whole totality of places directinally lined up with each other and belonging to the context of equipment that is environmentally ready-to-hand" (§ 102)

<sup>20</sup>"This 'whither' which makes it possible for equipment to belong somewhere, and which we circumspectively keep in view ahead of us in our concerned dealings, we call the 'region'." (§ 103)

A região não aponta para um lugar específico que seja estritamente relacionado ao lugar do utensílio. A região indica uma multiplicidade de lugares, dentre os quais o Dasein interessado descobrirá o lugar específico do utensílio com o qual se preocupa. A esta multiplicidade de lugares indicados, ou pertinentes a uma mesma região, Heidegger chama de "redondeza".<sup>21</sup>

Tendo já detalhado o que é um utensílio, o que o caracteriza, como ele se dá ao Dasein, onde ele se encontra e como o Dasein o localiza, precisamos nos estender mais sobre a preocupação, ou de como esta captura o utensílio a partir de todos estes elementos que o integram.

A preocupação que move o Dasein para descobrir um utensílio para uma necessidade imediata, leva-o a acionar um tipo de "visão", pela qual ele percebe o "para quê" dele. Este "para quê" se faz imbutir no signo, que, uma vez identificado, leva o Dasein a descobrir o utensílio em questão. A este ver, Heidegger denomina de "circunspecção".<sup>22</sup>

A circunspecção orienta e canaliza a preocupação do Dasein, mas ainda não é suficiente para levar o Dasein a uma posse efetiva do utensílio. Para isto o Dasein terá de fazer um uso complementar da "aproximação" e da "direcionalidade".

---

<sup>21</sup>"The regional orientation of the multiplicity of places belonging to the ready-to-hand goes to make up the 'aroundness' - the round-around-us' - of those entities which we encounter as closest environmentally". (§ 103)

<sup>22</sup>"... When we deal with them (the things) by using them and manipulating them, this activity is not a blind one; it has its own kind of sight, by which our manipulation is guide and from which it acquires its specific Thingly character. Dealings with equipments subordinate themselves to the manifold assignments of the 'in-order-to'. And the sight with which they thus accommodate themselves is 'circumspection'". (§ 69)

Por "aproximação" entendemos o poder do Dasein de "fazer a distância desaparecer", de "trazer algo para perto".<sup>23</sup> O trazer para perto faz o Dasein avizinhar-se do utensílio em questão, e ele faz isto utilizando-se principalmente de sua visão e audição. Trazer para perto, mais do que ter um sentido puramente espacial, significa antes pôr um utensílio "pronto-à-mão", em condições de estar "presente-à-mão", ou seja, em condições de manuseio ou de utilização efetiva.

O trazer para perto da aproximação se dá guiado por um sentido de "direcionalidade",<sup>24</sup> que, a partir da detecção das regiões que indicam a localização dos lugares, faz com que o Dasein efetivamente alcance o utensílio nos seus lugares apropriados. Os signos mantêm explicitamente abertas aquelas regiões que têm sido usadas circunspectivamente e as regiões, abertas pelos signos, orientam a aproximação direcionada do Dasein, para que este alcance os utensílios de que necessita.

Aproximação e direcionalidade dão-se subordinadas à preocupação circunspectiva e são seus instrumentos, que efetivam seu ser-no-mundo.<sup>25</sup>

Todo este processo, iniciado pela preocupação, que subordina a circunspecção, que por sua vez subordina a aproximação e a direcionalidade, leva o Dasein a descobrir e a apossar-se do

---

<sup>23</sup>"De-severing amounts to making the farness vanish - that is, making the remoteness of something disappear, bringing it close." (§ 105)

<sup>24</sup>"As de-severant Being-in, Dasein has likewise the character of directionality. Every bringing close has already taken in advance a direction toward a region out of which what is de-severed bring itself close, so that one can come across it with regard to its place". (§ 108)

<sup>25</sup>"Circumspectice concern is de-severing which gives directionality. In this concern... a supply of signs is presented. Signs, as equipment, take over the giving of directions in a way which is explicit and easily manipulable. They keep explicitly open those

utensílio, sem que ele venha a perceber o automatismo com o qual todo este processo se deu. Este automatismo, que facilita o ser-no-mundo do Dasein, importa lembrar, é o que sustenta seu aprisionamento ao mundo, que se dá também dentro do âmbito do não-explícito.

Heidegger analisa três situações excepcionais que levam o Dasein a ter explicitado o sentido que o utensílio tem para com o ser ser-no-mundo.

Em uma primeira situação, o utensílio está disponível para o Dasein, mas se apresenta estragado, ou inviável para uso imediato. Quando a impossibilidade de usá-lo se estabelece desta forma, ele se torna "conspícuo", ou seja, e para utilizar um termo que nos seja mais familiar, "perceptível".<sup>26</sup> Nesta circunstância, o "para quê" do utensílio salta para ser percebido, justamente porque o atirar-se cego da preocupação circunspectiva, que já tem como certo seu "para quê", não conseguiu utilizar-se do utensílio tão prontamente quanto de hábito.

Em uma segunda situação, o Dasein precisa de um utensílio e para tanto sua preocupação circunspectiva parte para buscá-lo, mas absolutamente não o encontra, por que ele está desaparecido. Perceberá então, o sentido de "intrusão" inerente a ele.<sup>27</sup> A intrusibilidade do utensílio assim explicitada refere-se à sua imprescindibilidade, à necessidade que veio a ter para o Dasein,

---

regions which have been used circumspectively... Both directionality and de-severance, as modes of Being-in-the-world, are guided beforehand by the circumspection of concern" (§ 108)

<sup>26</sup> "When its unusability is thus discovered, equipment becomes conspicuous. This conspicuousness presents the ready-to-hand equipment as in a certain un-readiness-to-hand." (§ 73)

<sup>27</sup> "... We also find things which are missing... When we notice what is un-ready-to-hand, that which is ready-to-hand enters the mode of obtrusiveness." (§ 73)

e que esta se torna uma intrusão, um cerceamento, ou uma dependência a mais do Dasein para o exercício do seu ser-no-mundo. Quanto mais urgentemente o Dasein precisar do utensílio, e quanto mais flagrantemente este lhe faltar, mais esta característica de intrusibilidade se fará sentir.

Numa terceira e última situação, o utensílio surge para o Dasein, não como instrumento, mas como um obstáculo, ou um impedimento para a sua intenção. O poder que o utensílio tem de criar um distúrbio no ser-no-mundo do Dasein demonstra a "obstinação" de que ele é capaz.<sup>28</sup> Obstinação aqui significa que o objeto, normalmente "submisso" às intenções do Dasein, pode se apresentar a ele como um elemento a mais da faticidade que cerceia o Dasein.

Em todas estas três situações, o antigo, usual e irrefletido uso do utensílio ficou impedido. O utensílio salta para a tematização plena, e, com ele, toda uma totalidade de utensílios e mesmo uma porção expressiva do mundo.

A maneira como a preocupação circunspectiva age, descobrindo um utensílio, referindo-o a outros e pelo utilizar-se de le, fazendo com que ele tenha um "sentido", demonstra que o Dasein tem um "poder" para tomar um objeto que antes não significava nada, e daí, dar-lhe, conferir-lhe um sentido, que é seu "para quê", sua "prontidão à mão" atrelada ao Dasein.

A referências dos utensílios entre si irão constituir o que Heidegger chama de "significandos",<sup>29</sup> que, somados e organiza-

---

<sup>28</sup>"... the un-ready-to-hand can be encountered... as something... which stands in the way of our concern... Anything which is un-ready-to-hand in this way is disturbing to us, and enables us to see the 'obstinacy' of that which we must concern ourselves in the first instance before we do anything else". (§§ 73-74)

<sup>29</sup>"The relational character which these relationships of assignments possess, we take as one of 'signifying'." (§ 87)

dos como uma totalidade, constituirão a "significação"<sup>30</sup>. A significação, articulando toda a rede de referências que unem a totalidade de utensílios, torna o ser-no-mundo para o Dasein, algo possível, que se dá com um mínimo, ou mesmo nada de desadaptação. O fato desta significação não ser explícita, apenas demonstra como a inserção do Dasein no seu mundo, no que acaba por ser sua queda no mundo, se dá dentro do campo do não explícito e não tematizado.

O espaço, dividido em lugares e redondezas, e no qual estão localizados os utensílios, é um espaço que foi "Daseinizado". Esta estruturação se opõe àquilo que seria o espaço puro, quando as "regiões se tornam puras dimensões... os lugares perdem a sua ligação com os utensílios, e se tornam apenas posições, e o mundo, perdendo a estruturação da mundanidade, surge apenas como natureza".<sup>31</sup>

Como veremos adiante, a percepção do mundo, desvestido da mundanidade que foi articulada pelo próprio Dasein, tem um impacto desagregador sobre o habitual ser-no-mundo do Dasein. Será, porém, a partir desta dolorosa desarticulação, que o Dasein dará início à penosa conquista de sua autenticidade.

A minuciosa exposição que Heidegger faz sobre o ser-no-mundo cotidiano do Dasein apenas tem por propósito demonstrar

---

<sup>30</sup>"These relationships are bound up with one another as a primordial totality... The relational totality of this signifying we call 'significance'." (§ 87)

<sup>31</sup>"When space is discovered non-circumspectively by just looking at it, the environmental regions get neutralized to pure dimensões. Places... get reduced to a multiplicity of positions for random Things... The world loses its specific aroundnesse; the environment becomes the world of Nature". (§ 112)

que a absorção do Dasein no mundo é complexa, e não explícita.

Na medida em que o Dasein está lançado no mundo, ele está no mundo de uma forma irrevogável. Ser-no-mundo, na extensão em que o Dasein não tem uma interioridade na qual se resguarda no mundo, é, pela preocupação, conhecer e estruturar um sentido de mundo, a partir da construção de uma rede de referências ou atribuições.

Este sentido de mundo, construído, levou o Dasein a ter uma grande familiaridade com o mundo, que foi então, tornado seu. O problema está em que a mesma absorção preocupada que levou à construção do sentido de mundo, levou também a que o Dasein, pela fascinação com a qual ele fez o trabalho, a perder a referência de si próprio, ao construir o mundo.<sup>32</sup> É como se tivéssemos um pedreiro, tão absorvido com a construção de uma casa, que, sem perceber, misturou-se com a massa de cimento e se tornou a casa. Ficou a casa construída, mas perdeu-se a "ipseidade" do agente construtor da casa.

Isto caracteriza o que chamaremos de o primeiro nível da inautenticidade que se dá com o esquecimento de si mesmo e da própria existência, a partir de uma absorção preocupada e fascinada com o mundo dos utensílios. Daí, resgatar a si mesmo, desta preocupada absorção no mundo, terá que ser a primeira etapa da conquista da autenticidade, como a conquista de si mesmo.

---

<sup>32</sup>"Our concerned absorption in whatever work-world lies closest to us, has a function of discovering..." (§ 71); "Being-in-the-world, according to our Interpretation hitherto, amounts to a non-thematic circumspective absorption in references or assignments constitutive for the readiness-to-hand of a totality-of-equipment. Any concern is already as it is, because of some familiarity with the world. In this familiarity Dasein can 'lose itself' in what it encounters within-the-world and be fascinated with it". (§ 76)

## CAPÍTULO II - SER-COM-O-OUTRO: DA RELAÇÃO PARA A SUJEIÇÃO AO OUTRO

Verificamos como o ser-no-mundo habitual do Dasein se dá através da preocupação do Dasein com os utensílios que viabilizam seu próprio ser-no-mundo, e como esta preocupação levou-o a perder seu próprio ser. Nesta análise, o Dasein foi apresentado de modo frontal ao mundo, sem considerarmos que o seu ser-no-mundo se dá em companhia de outros Daseins. O ser-com-o-outro, que agora examinaremos, é uma importante estrutura que se segue após o ser-no-mundo, e que junto com este, define a existência do Dasein.

Podemos, inicialmente, nos perguntar por que a análise do ser-com surge separada, e posteriormente ao ser-no-mundo. Acreditamos que isto se deu por duas razões. A primeira é de ordem didática: os conceitos necessariamente têm de ser apresentados em uma ordem seqüencial. A segunda, deve-se ao próprio fato de que a relação com o outro habitualmente não se dá de modo tão evidente, como se dá a "relação" com os utensílios, especialmente no caso do Dasein inautêntico.

Por "outro", tal como Heidegger propõe, nós não devemos pensar naqueles "contra os quais o Dasein se opõe", enquanto busca afirmar seu individual e solitário ser-no-mundo. Os outros têm

o mesmo "status" ontológico do Dasein: tal como ele, também estão circunspectivamente preocupados com o ser-no-mundo "deles", o que, na medida em que este mundo é o mesmo para todos, os torna colegas e companheiros do Dasein.<sup>1</sup>

O Dasein encontra-se com os outros principalmente a partir de relações desencadeadas pelo trabalho. Enquanto pela sua preocupação circunspectiva, o Dasein descobre e utiliza os utensílios, ele está ao lado dos outros Daseins, mais do que frente a frente com eles. O trabalho é, portanto, o que aproxima um Dasein dos outros, embora este ser-com-o-outro dificilmente se torne plenamente tematizado.<sup>2</sup>

Assim como é pela preocupação que o Dasein contacta com os utensílios, será pela "solicitude" que ele descobre e se relaciona com os outros Daseins.<sup>3</sup> Heidegger não propõe nenhuma significação diferente para solicitude: esta deverá ser entendida no seu sentido habitual, como sendo a atenção cuidadosa para com o outro. Apesar de o termo solicitude sugerir uma consideração positiva do outro, o que predomina no ser-com cotidiano, como veremos a seguir, é o que Heidegger denomina de "modos deficientes de solicitude".<sup>4</sup> É assim como a circunspeção guia a

---

<sup>1</sup>"By others we do not mean everyone else but me - those over against whom the 'I' stands out. They are rather... those among whom the one is too. This Being-there too with them does not have the ontological character of a Being-present -at-hand-along 'with' them within a world... the too means a sameness of Being as circumspectively concerned Being-in-the-world". (§ 118)

<sup>2</sup>"Dasein understands itself... in terms of its world; and the Dasein-with of others is often encountered in terms of what is ready-to-hand within the world... we meet them (the others 'at work', that is, primarily in their Being-in-the-world" (§ 120)

<sup>3</sup>"... those entities towards which Dasein as Being-with comports itself do not have the kind of Being which belongs to equipment ready-to-hand; they are themselves Dasein. Those entities are not objects of concern, but rather of solicitude". (§ 121)

<sup>4</sup>"... Dasein maintains itself proximally and for the most part in the deficient modes of solicitude". (§ 121)

preocupação, a "consideração" e a "tolerância" orientam a solicitude.<sup>5</sup>

A solicitude pode mostrar-se sob duas modalidades distintas. Numa primeira forma, o Dasein assume, como "preocupação" sua, a existência do outro; ele desaloja o outro da preocupação que este deveria ter com o seu ser-no-mundo, e faz tudo em lugar dele. O outro se torna reduzido à passividade e à dependência. Numa outra modalidade, que representa o sentido legítimo da solicitude, o Dasein "salta à frente" do outro, para, uma vez capturado aquilo que seriam suas possibilidades de ser, devolver esta compreensão ao outro. Fica com isto preservada a sua capacidade de ação. A solicitude deve reconhecer o outro naquilo que ele é: um Dasein, em tudo equivalente a si próprio e que em nada deve ser subordinado ao próprio ser de algum outro Dasein.

Heidegger, em seguida, apresenta uma análise de como o ser-com se dá cotidianamente no coletivo ser-no-mundo. Inicialmente, é uma "preocupação comum" que aproxima dois ou mais Daseins, em um ser-um-com-o-outro. A partir daí, sempre vemos surgir um mal-estar como elemento fundamental do (inautêntico) ser-com: o mesmo ser-com que delimita, circunscreve e define limites, cria, simultaneamente, a distância e a desconfiança em relação a este ser-com que ficou assim delimitado.<sup>6</sup>

O que fica bastante claro é que o ser-com-o-outro não ocorre com a mesma facilidade do que o preocupado e circumspec-

---

<sup>5</sup>"Just as circumspection belongs to concern as a way of discovering what is ready-to-hand, solicitude is guided by considerateness and forbearance". (§ 123)

<sup>6</sup>"Being with another is based proximally and often exclusively upon what is a matter of common concern in such Being. A Being-with-one-another which arises... keeps the most part within the outer limites, but enters the mode of distance and reserve... (and) mistrust. (§ 122)

tivo ser-no-mundo, enquanto relação Dasein-objetos. O utensílio provoca apenas dois tipos de atitudes no Dasein: ou ele o usa, ou, então, o ignora. Já a relação com o outro, apenas pelo fato de ser tematizada, desperta desentendimento e conflito a partir daquilo mesmo que foi a razão do estabelecimento do vínculo do ser-com. O ser-com estabelece sempre, ao nível da cotidianidade inautêntica, um impasse: veremos cuidadosamente o por que disto.

O impasse do ser-com é inescapável. O fato do Dasein, para ser, ter de ser necessariamente como ser-com, faz com que o Dasein só possa compreender a si mesmo, compreendendo, também, ao outro. Temos, portanto, uma vinculação: a compreensão que o Dasein tem de seu próprio ser, avança na mesma proporção que progride sua compreensão do outro, ao qual está ligado pelo ser-com. Um obstáculo ou impedimento, em qualquer um dos dois lados desta polaridade, bloqueia o outro lado.<sup>7</sup>

Para lidar com aquilo que poderia ser a maneira pela qual dois Daseins poderiam chegar a um autêntico ser-com, Heidegger recusará o conceito de "empatia" (Einfühlung). Isto porque a idéia, subjacente à empatia, seria de dois Daseins, separados um do outro, tendo na empatia a "ponte" pela qual suas individualidades distintas se comunicariam. A concepção heideggeriana não concebe, como já vimos, a existência de Daseins tão diferenciados entre si no ser-com; predomina antes, no ser-com, uma juntidade misturada e indistinta, existindo sob o mesmo véu da imper-

---

<sup>7</sup>"... a lively mutual acquaintanceship on the basis of Being-with, often depends upon how far one's own Dasein has understood itself at the time; but this means that it depends only upon how far one's essential Being with others has made itself transparent and has not disguised itself." (§ 125)

ceptibilidade que caracteriza a familiariedade do Dasein com os utensílios. A empatia também se mostra inadequada, porque, como projeção de si mesmo no outro, o outro, desrespeitado na sua diferença, "seria uma duplicada do self" do Dasein.<sup>8</sup>

Esta análise nos leva ao ponto de que os Daseins, ainda que existindo semelhantemente preocupados com os utensílios, guardam entre si diferenças típicas de suas individualidades, no modo peculiar como cada um conduz sua existência. Naquilo em que os Daseins são diferentes entre si, isto é o fator que cria pontos de choque no seu ser-com. A diferença do outro contraria a expectativa implícita de igualdade que um Dasein tinha do outro, e a surpresa da desigualdade perturba o espontâneo e irrefletido ser-com que até então ocorria. A esta diferença, que cria um efeito perturbador no ser-com, Heidegger denomina de "distanciamento".<sup>9</sup> Esta diferença é o elemento que, explicitado num ser-com que, até então, tinha sido formado por uma preocupação em comum, criou a distância, a reserva e a desconfiança.

O Dasein não consegue sustentar a sua diferença específica no ser-com, pelo mal-estar que esta provoca. Daí, o Dasein renuncia às possibilidades de ser próprias, assumindo em seu lugar as possibilidades de ser sugeridas pelos outros, outros estes que nem ao menos são particularizados, constituindo, ao invés disto, numa totalidade anônima e indistinta. Heidegger denomina esta massa de outros de "se", ou "das Man",

---

<sup>8</sup>"The relationship-of-Being with one has towards others would then become a Projection of one's own Being-Toward-oneself 'into something else'. The other would be a duplicate of the self". (§ 124)

<sup>9</sup>"... there is constant care as to the way one differs from them (the others), whether that difference is merely one that is to be evened out, whether one's Dasein has lagged behind the Others and wants to catch up in relationship to them, or whether one's Dasein has some priority over them and sets out to keep them suppressed. The care about this distance between them is disturbing to Being-with-one-another... such Being-with-one-another has the character of 'distantiality'." (§ 126)

para lembrar o termo original alemão, ou o "they" na versão inglesa, que quer significar o sujeito impessoal onipresente, mas incapaz de ser identificado.<sup>10</sup>

Por que esta sujeição? Podemos supor que a diferença, além de ser um obstáculo na relação dos outros para com o Dasein, é também um mal-estar na intimidade do próprio Dasein: ser diferente, significa ser solitário. O Dasein, portanto, abandona sua diferença para fugir à solidão. Assim como a absorção no mundo de sua preocupação estruturou um sentido de mundo para o Dasein, a sujeição ao "se" deu-lhe a segurança de sentir-se irmanado a uma vasta coletividade.

A sujeição ao "se" leva o Dasein a estabelecer-se em uma "medianidade", que significa o igualamento do Dasein aos outros que com ele compõem seu ser-no-mundo.<sup>11</sup> A medianidade anula o anterior distanciamento. Na medida em que, por tornar-se igual aos outros, o Dasein desconsiderou suas próprias possibilidades de ser, então a medianidade levará a um "nivelamento para baixo" de toda a potencialidade para ser do Dasein, que se verá então reduzida ao mínimo que seja comum a todos os outros.<sup>12</sup>

Distanciamento medianidade e nivelamento para baixo comporão o que Heidegger denomina de "publicidade".<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup>"The others... are those who proximally and for the most part 'are there' in everyday Being-with-one-another. The 'who' is not this one, not that one, not oneself, not some people, and not the sum of them all. The 'who' is the neuter, the "they" (das Man)". (§ 126)

<sup>11</sup>"... Being-with-one-another concerns itself as such with 'averageness' which is an existential characteristic of the 'they'." (§ 127)

<sup>12</sup>"This care of averageness reveals in turn an essential tendency of Dasein which we call the 'levelling down' of all possibilities of Being". (§ 127)

<sup>13</sup>"Distanciality averageness and levelling down, as ways of Being for the 'they': constitute what we know as 'publicness'." (§ 127)

O "se", surge como o verdadeiro sujeito da existência cotidiana, e, como tal, é o "eu" do Dasein inautêntico. A abrangência e uniformidade que o "se" apresenta junto aos Daseins, aos quais domina, permitem que ele seja examinado como se fosse uma entidade única, embora impessoal.

A manifestação mais ostensiva do "se" se dá através da "tagarelíce" (Gerede). O termo, porém, não corresponde adequadamente ao termo alemão, que significa mais exatamente, conforme a opinião de Steiner, "bate-papo", ou ainda, a "conversa ociosa" como propõe a versão inglesa (idle talk).<sup>14</sup>

A tagarelíce veicula toda uma interpretação do ser-no-mundo, do ser-com-o-outro e do seu próprio ser, que comporão o ambiente interpretativo no qual todo Dasein adentra na existência, e no qual permanece, enquanto não conseguir se desvencilhar dele. Será "dentro, a partir dela e contra ela" que toda compreensão autêntica será conquistada.<sup>15</sup>

A tagarelíce não se confina ao âmbito da palavra falada, mas invade também o campo da palavra escrita, onde não só aquilo que foi escrito, o foi de forma descuidada, mas também a sua leitura se deu de forma superficial.

Heidegger afirma que o problema mesmo da tagarelíce tem início a partir da própria comunicação: a relação original do

---

<sup>14</sup>"Conversa fiada, falatório, contêm avaliações moralistas que Heidegger quer evitar precisamente por serem demasiado convencionais e confortáveis para o que ele tem a dizer. Talvez o melhor que possamos fazer seja pensar... em Gerede simplesmente como 'bate-papo'. O bate-papo torna público o que deveria ser privado. Alimenta a ilusão de compreensão sem uma genuína apreensão... O ser-com-os-outros transpira numa câmara de eco de incessante e vazia loquacidade..." Steiner, p. 82-83.

<sup>15</sup>"This way in which things have been interpreted in idle talk has already established itself in Dasein... In it, out of it, and against it, all genuine understanding, interpreting and communicating... are performed". (§ 169)

Dasein com uma entidade intramundana prescinde da comunicação. Na medida em que a tagarelice nunca teve tal relação originária, ou teve-a, mas depois perdeu-a, a tagarelice se torna - e nisto reside sua inadequação - um mero "passar a palavra adiante". Apesar de sua flagrante falta de base, o Dasein a ela se submete de uma forma que ela, a tagarelice, se torna autoritária. Será pelo não exercício de sua própria faculdade de investigar e concluir, que o Dasein se submeterá às conclusões falaciosas veiculadas pelo "se" através da tagarelice.

Na extensão em que a tagarelice veicula uma fala desenraizada, que distorce o modo do Dasein ser-no-mundo e ser-com-o-outro, e nubla a compreensão que o Dasein tem de si mesmo, o Dasein se torna "desenraizado existencialmente", condição esta que é constante.<sup>16</sup>

A tagarelice se dá diretamente associada com uma outra característica do "se", que é a "curiosidade". A curiosidade, como uma degradação da "tendência para ver", origina-se de um modo interessante.

A curiosidade surge quando o Dasein, normalmente preocupado com o seu ser-no-mundo, põe-se momentaneamente a descansar. Sua preocupação atenuada libera o seu guia, que é a circunspecção, que subordina a si o poder de aproximação para trazer para perto coisas novas, pelo simples prazer da novidade, sem ter uma real necessidade de conhecer ou usar esta novidade. Buscando ocio

---

<sup>16</sup>"El Dasein, que se manifesta e interpreta a través de la conversación cotidiana, es una existencia desconectada de toda relación profunda e real consigo misma, con los otros y con el mundo. Flota en medio de una niebla ... que difunde sobre el mundo, sobre el otro y sobre si mismo las sombras sin color de la no-verdade". de Waelhens, p. 115.

samente sempre aquilo que é o novo, a curiosidade leva o Dasein a absorver-se no mundo, e com uma grande satisfação nisto.

A curiosidade leva o Dasein a "não permanecer" com aquilo que ele trouxe para perto de si, pois sempre o levará a buscar algo mais novo. Isto leva o Dasein a uma constante "distração". A soma destas duas características resulta em que o Dasein "nunca mora em lugar algum", ou seja, querendo tudo, ao mesmo tempo em que não conserva nada, ele nunca chega a ter/ser algo definido.

A terceira e mais nefasta característica do "se" se mostra na "ambigüidade". Resulta da percepção de que já que "se" fala tão abundantemente sobre tudo, já que "se" tem tantas certezas sobre tudo, ao mesmo tempo que o Dasein suspeita legitimamente da fundamentação destas certezas, fica duvidoso saber o que o Dasein sabe genuinamente e o que não sabe absolutamente. A incerteza, nascida na relação do Dasein com o seu mundo, se alastra para o seu ser-com-o-outro, e para com o seu próprio ser-con-sigo-mesmo.<sup>17</sup>

A ambigüidade, vazada pela tagarelice, ressentese quando algum Dasein supera o curioso e descompromissado interesse por alguma coisa e, efetivamente, realiza, consuma algum intento. Isto abala a ambigüidade, pois qualquer realização elimina, naquele âmbito, a incerteza que ali até então imperava. Além disto, uma descoberta ou realização efetiva de algo permite que o Dasein possa falar de sua experiência de forma fundamentada, de

---

<sup>17</sup> "Habrá... bajo el dictado del Man, una interpretación de la existencia... Es a base de esta interpretación que el Dasein forma sus concepciones preontológicas relativas ao mundo, a si mismo y al ser con el otro. Estas concepciones no hacen sino reflejar y llevar hasta lo absoluto las preocupaciones limitadas de la existencia cotidiana". de Waelhens, p. 78

sautorizando assim as opiniões sobre o assunto veiculadas pela tagarelice. A realização de algo, portanto, supera a mera curiosidade, elimina a ambigüidade e desautoriza a tagarelice. Porém, o Dasein que não consegue romper este enredamento, verifica que sua existência estará sempre "dando errado", preso que se encontra nas malhas interpretativas do "se".<sup>18</sup> Na elaboração posterior a Ser e Tempo, que é a obra "Sobre a essência da verdade", Heidegger utiliza um termo mais contundente sobre esta condição do Dasein, que é a "errância".<sup>19</sup>

A ambigüidade, além de interferir na relação do Dasein com o seu mundo, também perturba o seu ser-com-o-outro. A relação com o outro passa a ser mediada pela ambigüidade. Qualquer intimidade fica inviabilizada, e, da distância surgida, brota a suspeita e a desconfiança. O ser-com-o-outro "se mostra um propositado e ambíguo observar-se um ao outro, um secreto e recíproco escutar-se. Sob a máscara do ser-um-para-o-outro, um um-contra-o-outro está em cena".<sup>20</sup> Porque isto se dá? Heidegger não nos esclarece porque necessariamente o "se" estabelece esta desconfiança no ser-com, mas podemos supor que, no domínio das interpretações ambíguas do "se", o outro desafia a pretensa exclu-

---

<sup>18</sup>"Thus, Dasein's understanding in the 'they' is constantly going wrong in its projects, as regards the genuine possibilities of Being". (§ 174)

<sup>19</sup>"O homem erra. O homem não cai na errância num momento dado. Ele somente se move dentro da errância porque in-siste ek-sistindo e já se encontra, desta maneira, sempre na errância. A errância em cujo seio o homem se movimenta, não é algo semelhante a um abismo ao longo do qual o homem caminha e no qual cai de vez em quando. Pelo contrário, a errância participa da constituição íntima do ser-aí à qual o homem historial está legado." Heidegger. Sobre a essência da verdade, p. 42.43.

<sup>20</sup>"Being-with-one-another in the 'they' is by no means an indifferent side-by-sideness in which everything has been settled, but rather an intent, ambiguous watching of one another, a secret and reciprocal listening-in. Under the mask of 'for-one-another', an 'against-one-another' is in play". (§ 175).

sividade de relação com o mundo, que cada um julga erroneamente. O outro surge não como companheiro, mas como rival, do seu ser-no-mundo. Na inautenticidade, o ser-com é sempre inviável.

A tagarelice, a curiosidade e a ambigüidade somadas com porão o estado que Heidegger denomina de "queda".<sup>21</sup> Na queda, da mesma forma que quando Heidegger afirma qualquer coisa sobre inautenticidade, não está presente nenhuma conotação moral negativa; a queda simplesmente é a condição existencial usual do Dasein, na qual ele vive sem ser aquilo que ele poderia ser.<sup>22</sup>

Com o conceito de queda, nós chegamos à inteireza da condição de inautenticidade na qual existe o Dasein cotidianamente. Existir inautenticamente significa viver absorvido pelo mundo e seus utensílios, pelos quais o Dasein se mostra circunspectivamente preocupado e, num segundo nível, existir subjugado pelo "se", que lhe impõe toda uma interpretação viciosa e errônea do ser-no-mundo, do ser-com-o-outro, e do ser-para-consigo-mesmo.<sup>23</sup> Estes "dois níveis" da inautenticidade se completam: é pelo deixar-se absorver-se no mundo, no qual se esquece do seu pró

<sup>21</sup>"Idle talk, curiosity and ambiguity characterize the way in which, in the everyday manner, Dasein is its 'there'... In these... there is revealed a basic kind of Being which belong to the everydayness; we call this the 'falling' of Dasein". (§ 175)

<sup>22</sup>"La existencia caída no es de ninguna manera un no-ser, sino tan sólo una manera de existir en la cual no soy verdaderamente yo mismo". de Waelhens, p. 120. "... Como Dasein é sempre Dasein-com e um ser-no-mundo, em que fomos lançados, 'inautenticidade' e 'queda' não são falsas escolhas. São os componentes necessários da existência, da facticidade existencial do dia-a-dia. Ser-no-mundo é em si mesmo tentador. Ceder à tentação da mundanidade é simplesmente existir. 'Cair' é, portanto, existencialmente de terminativo". Steiner, p. 84

<sup>23</sup>"Through the interpretation of 'falling', what we have called the 'inauthenticity' of Dasein may now be defined more precisely... Inauthenticity... amounts to a quite distinctive kind of Being-in-the-world, the kind which is completely fascinated by the world and by the Dasein-with of Others in the 'they'." (§§ 175-176)

prio ser, que o Dasein se vulnerabiliza diante da mensagem do "se"; ao mesmo tempo, a sedução do "se" veicula uma forma de ser-no-mundo, notadamente a curiosidade, que adensa o enredamento do Dasein com o mundo com o qual ele se preocupa.

Desenvolvendo comentários complementares sobre a queda, Heidegger afirma que a interpretação oferecida pela tagarelice do "se" não toma de assalto ao Dasein, mas está sempre diante dele como uma "tentação". O próprio ser-no-mundo, que naturalmente exige a participação preocupada do Dasein nele, é em si tentador, assim como o ser-com-o-outro, que reclama a sua solícita atenção ao outro.<sup>24</sup>

Além de ser uma "tentação", a queda também traz ao Dasein "tranquilidade", pela qual ele se sente garantido de que conseguirá realizar, a tempo e a hora, todas as ações relativas aos utensílios e outros Daseins que o absorvem. O Dasein se sentirá seguro, confiante em si mesmo, reassegurado da validade das suas preocupações e de sua solícitude.<sup>25</sup>

A tranqüilidade do Dasein em relação àquilo com que ele se preocupa intensamente, leva-o a uma "agitação", que significa um querer usufruir mais e mais daquilo com que ele se preocupa. Com o inevitável e progressivo afastamento de si mesmo que disto resulta, o Dasein se torna crescentemente "alienado" de suas autênticas possibilidades de ser.<sup>26</sup> Cada vez mais, o Dasein perde

---

<sup>24</sup>"Being-in-the-world is in itself tempting" (§ 177)

<sup>25</sup>"The supposition of the 'they' that one is leading and sustaining a full and genuine life, brings Dasein a 'tranquility'" (§ 177)

<sup>26</sup>"Falling Being-in-the-world is not only tempting and tranquilizing: it is at the same time 'alienating'." (§ 178)

a referência do que significa para ele mesmo a sua autenticidade. A própria atuação "agitada" do Dasein, que o leva a uma crescente "alienação" de si mesmo, leva-o à "emaranhar-se em si mesmo."<sup>27</sup> Isto significará que a queda, mais do que meramente um problema "externo" do Dasein, significa que o próprio Dasein (emaranhado) se tornou um problema para si mesmo, e em si mesmo.

A tentação da queda, a tranquilidade (agitada) resultante desta, a alienação em relação a si mesmo e o auto-emaranhamento do Dasein em si mesmo levam o Dasein a um tipo de movimento que será denominado por Heidegger de "mergulho".<sup>28</sup> Este significa um afundamento do Dasein, uma degradação de sua potencialidade para ser, que fica então rasteira e amesquinhada.

Finalmente, o resultado disto tudo é a sua "turbulência".<sup>29</sup> É inevitável que o Dasein, tendo a compreensão do mundo, dos outros, e de si mesmo toda distorcida, exista de forma turbulenta. Não só ele está preso a um círculo vicioso, do qual nem ao menos chega a aperceber-se, como também ele será incapaz de ter a idéia mesma de existência, no que esta signifique uma continuidade conseqüente de si mesmo.<sup>30</sup>

Embora a inautenticidade seja uma condição na qual o

---

<sup>27</sup>"This alienation closes off from Dasein its authenticity... The alienation of falling... leads by its own movement, to Dasein's getting 'entangled' in itself". (§ 178)

<sup>28</sup>"This movement of Dasein in its own Being, we call its 'downward plunge'. Dasein plunges out of itself into itself, into the groundlessness and inauthentic everydayness". (§ 178)

<sup>29</sup>"Since the understanding is thus constantly torn away from authenticity and into the 'they', the movement of falling is characterized by 'turbulence'." (§ 178)

<sup>30</sup>"Representando su existencia como una serie de 'hechos', el existente cotidiano no puede ya comprender como esta sucesion de 'agoras', radicalmente fragmentados, puede, sin embargo, hacer una existencia, mi existencia... No hay problema de la unidad de la vida; mas si si puede preguntar por que la existencia humana es tan capaz de dispersiõn que llega a plantearse esta cuestion." de Waelhens, p. 241-242.

Dasein se enterra profundamente, e que o enreda na intimidade do seu poder de compreensão, ela não será, entretanto, uma condição nem estável, nem permanente.<sup>31</sup> Na medida em que, como veremos logo adiante, o Dasein tem sempre diante de si novas possibilidades de ser, isto sempre significará para ele uma abertura, uma chance para alçar-se à autenticidade.

o0o

---

<sup>31</sup>"La existencia inautentica no sera, por consiguiente, un hecho consumado y estable. Esta siempre en instancia de revocación, o de agravación". de Waelhens, p. 121.

### CAPÍTULO III - O SENTIDO TEMPORAL DA EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA

Examinamos nos capítulos anteriores com o Dasein, como ser-no-mundo e ser-com-os-outros, deixou-se absorver pelo mundo como qual se preocupava e se sujeitou ao "se", como a totalidade de outros anônimos que, onipresentes a sua volta, anularam a sua individualidade. Esta dupla condição de perda constitui-se na condição habitual e cotidiana de inautenticidade do Dasein, condição na qual ele perdeu seu próprio ser.<sup>1</sup> Inautenticidade, cotidianidade e queda são termos sinônimos para Heidegger.

Retomando o enfoque inicial de Ser e Tempo, já vimos que a preocupação de Heidegger é compreender o Ser, a partir do Dasein, que, como Ser-aí, guarda uma relação toda especial com o Ser.

---

<sup>1</sup>"When Dasein is absorbed in the world of its concern - that is, at the same time, in its Being-with-Others - it is not itself." (§ 125); "As thrown, (Dasein) has been submitted to a world, and exists factilly with Others. Proximally and for the most part the Self is lost in the 'they'." (§ 383)

O Ser, na sua generalidade, dá-se a compreender pelo tempo.<sup>2</sup> Pela mesma forma, o Dasein, como Ser-aí, bem como a sua existência, se darão a compreender sob o horizonte da temporalidade.<sup>3</sup> Isto nos levará a apresentar a inautenticidade como uma forma peculiar do Dasein existir temporalmente, que veremos ser, depois, inteiramente diferente do Dasein que conquistou a autenticidade, existir.

A existência inautêtica se estabelece por um privilegiamento do presente.<sup>4</sup> O presente exaltado da existência inautêtica é denominado por Heidegger de "fazer-presente", querendo, com isto, dizer que, mais do que simplesmente estar no presente o próprio Dasein agudiza o sentido deste presente no seu existir.<sup>5</sup>

O fazer-presente ocorre tanto na preocupação circunspectiva, quanto nas atitudes integradas da curiosidade, ambiguidade e tagarelice, que caracterizam a queda.

A preocupação que descobre e leva o Dasein a manipular utensílios, sempre lida com uma totalidade de utensílios. Isto se dá porque, dadas as relações de envolvimento que os utensílios têm entre si, o caráter "pronto-a-mão" de um utensílio - ou seja, sua utilidade - só se dá em função da totalidade de todos os outros utensílios já previamente descobertos e

---

<sup>2</sup>"... whenever Dasein tacitly understands and interprets something like Being, it does so with time as standpoint. Time must be... conceived as the horizon for all understanding of Being and for any way of interpretating it." (§ 17)

<sup>3</sup>"... time needs to be explicated primordially as the horizon for the understanding of Being, and in terms of 'temporality' as the Being of Dasein, which understands Being... We shall point to temporality as the meaning of the Being of that entity which we call 'Dasein'." (§ 17)

<sup>4</sup>"... falling - has its existential meaning in the Present." (§ 346)

<sup>5</sup>"... we call the inauthentic Present 'making present'." (§ 338)

em uso pelo Dasein, que o ajudam a instalar-se no mundo. Mesmo que o Dasein use apenas um utensílio, ainda assim ele terá que ter presente para si a totalidade restante de utensílios que ele não utilizou diretamente.

A compreensão das relações de envolvimento que unem os utensílios entre si, necessária para que o Dasein os utilize, tem a estrutura temporal de um "aguardar" os utensílios que estão diante do Dasein. O Dasein sempre tem, diante de si mesmo, os utensílios de que possivelmente virá a precisar algum dia.<sup>6</sup>

O "aguardar", como dimensão futural, se dá associado ao "reter", que como dimensão relacionada ao passado, compõe para o Dasein uma memória relativa aos utensílios que ele já descobriu e utilizou anteriormente. O "aguardar" e o "reter", ocorrendo de uma forma integrada, que Heidegger chama de "unidade ex-statica", é o modo pelo qual o utensílio é feito presente.<sup>7</sup>

Infelizmente para o Dasein a preocupação com o mundo dos utensílios e a atenção para consigo mesmo, e com o próprio ser, se excluem mutuamente. O Dasein cotidiano não conseguirá simultaneamente preocupar-se com a totalidade dos utensílios e zelar pelo seu próprio ser.<sup>8</sup> A unidade da retenção que aguarda, que

---

<sup>6</sup>"... the understanding of what the equipment is involved in - has the temporal structure of 'awaiting'. In awaiting ... concern can at the same time come back by itself to the sort of thing in which it is involved." (§ 353)

<sup>7</sup>"The awaiting of what is involved in, and - together with this awaiting - the 'retaining' of that which is thus involved, make possible in its ecstatical unity the specifically manipulative way in which equipment is 'made present'." (§ 353)

<sup>8</sup>"... when one projects oneself inauthentically towards those possibilities which have been drawn from the object of concern in making it present, this is possible only because Dasein has forgotten itself in its ownmost thrown potentiality-for-Being." (§ 339); "A specific kind of forgetting is essential for the temporality that is constitutive for letting something be involved. The Self must forget itself if, lost in the world of equipment, it is to be able 'actually' to go to work and manipulate something." (§ 354)

cria o fazer-presente da preocupação circunspectiva é que torna possível a absorção do Dasein no mundo pelo qual ele se preocupa fazendo com que o Dasein esqueça de si mesmo, e do sentido temporal global de sua existência.<sup>9</sup> Assim, o fazer-presente da preocupação circunspectiva, que traz para perto o utensílio em uso já traz consigo esta inevitável absorção no utensílio em questão, e no mundo como um todo.<sup>10</sup>

O deixar-se absorver com aquilo com o que o Dasein manuseia, guiado pela preocupação circunspectiva é inevitável e inerente ao Dasein, que, como ser-no-mundo, precisa instalar-se no mundo.<sup>11</sup> O preço, porém, desta inevitável absorção no mundo é a perda de si mesmo, que vai junto com a perda do sentido da temporalidade total da sua existência, na medida em que esta fica amesquinhada no âmbito temporal estreito do fazer-presente.<sup>12</sup>

O fazer-presente, atrai, em nome da preocupação para os utensílios, tanto o futuro quanto o passado: o futuro é antevisto como o horizonte do qual despontarão novos utensílios, e outras coisas que o Dasein poderá fazer com eles; do passado, fica a memória do que já foi utilizado. Perde-se com isto a percepção autêntica do futuro, como o campo de desdobramento do Dasein, e do passado como sendo a memória do Dasein de si mesmo. É neste sutil deslocamento de ênfase, do Dasein para com os utensílios é que se estabelece e se constitui a perda de si mesmo, ou seja, a inautenticidade.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup>"Letting something be involved is constitutive rather in the unity of a retention which awaits, and is constituted in such a manner, indeed, that the making-present which arises from this makes possible the characteristic absorption of concern in its equipmental world." (§ 354)

<sup>10</sup>"Bringing close makes possible the kind of handling and Being-busy which is 'absorbed in the thing one is handling'." (§ 369)

<sup>11</sup>"Being-alongside-the-world in the sense of being absorbed in the world... is an existentielle founded upon Being-in." (§ 54)

<sup>12</sup>"Temporality is essentially falling, and loses itself in making present." (§ 369)

<sup>13</sup>"The more inauthentically the Present is - that is, the more making present comes towards itself - the more it flees in the face of a definite potentiality-for-Being and closes it off..." (§ 348); "La existencia inautentica desarrolla en un circulo vicioso, en cuyo centro se assienta el olvido total de mi propia existencia. Lanzado a la conquista de fantasmas, de los cuales,

O fazer-presente da existência inautêntica também surge no segundo nível da queda, o da existência sujeita ao "se".

Como vimos, a queda se caracterizava pela curiosidade, tagarelice e ambiguidade. Heidegger, ao estudar a temporalidade da queda, atém-se ao exame da curiosidade, por achar esta especialmente ilustrativa da temporalidade da queda.<sup>14</sup>

A curiosidade tem sua origem em uma potencialidade para ver; o problema é que, ao invés de ir adiante neste ver, para realmente compreender o objeto visto, a curiosidade se esgota apenas no ver, e no já ter visto. Na ansiedade por ver, a curiosidade leva o Dasein a desejar e a aguardar ardentemente aquilo que, no futuro, ainda é apenas uma possibilidade, querendo que esta possibilidade seja uma atualidade. Mas assim que o objeto desejado se atualiza para o Dasein, o Dasein curioso já salta adiante, em busca de outra novidade que ainda se encontra apenas no horizonte das possibilidades. Este presente que abarca o futuro e que está sempre saltando do presente para o futuro, é o fazer-presente característico da curiosidade.<sup>15</sup> E a experiência do passado associada a este fazer presente só pode ser a de um esquecimento de si próprio progressivo.<sup>16</sup>

Vimos assim novamente o fazer-presente a serviço da inautenticidade: no estar sempre saltando adiante, da curiosida

---

ninguno me llevara a uma verdadera reflexion, perdere bien pronto tida capacidad de retorno sobre si mismo." de Waelhens, p. 215.

<sup>14</sup>"... we shall restrict our investigation to a consideration of curiosity, for here the specific temporality of falling is most easily seen." (§ 346)

<sup>15</sup>"Curiosity gets constituted by a making presente which is not held on, but which, in merely making present, thereby seeks constantly to run away from the awaiting in which it nevertheless hold, thought not held on to." (§§ 346-347)

<sup>16</sup>In the leaping-away of the Present, one also forgets increasingly. The fact that curiosity always holds by what is coming next and has forgotten what has gone before... is the ontological condition for curiosity itself." (§ 347)

de, o Dasein se esquece do presente no qual sua existência acontece faticamente, e se esquece de si mesmo, naqueles aspectos de si próprio que ele definiu no seu passado pessoal.

Tendo examinado o fazer-presente, tanto da preocupação circunspectiva, quanto da existência sujeita ao "se", fica claro que é "a unidade do aguardar que esquece e faz presente", que ocorre tanto no absorto ser-no-mundo, quanto na sujeição ao "se", "que cancela a potencialidade para ser" do Dasein, ou seja, arremessa-o na inautenticidade.<sup>17</sup> E dado a condição de dispersão de si no mundo e da mistura do próprio "eu" aos outros, o problema da autenticidade se dilui, passando a ocorrer de forma despercebida. Se o problema da autenticidade pessoal se dilui desta forma, a solução dele, ou seja, a conquista da autenticidade, do ser si mesmo, se perde em possibilidades de ação absurdas e desencontradas.

Finalmente, a preocupação circunspectiva que insere o Dasein ativamente no mundo, leva-o a utilizar-se, e, com isto, a descobrir o sentido do tempo cronológico, o tempo do relógio. É o fato do Dasein ter sido lançado no mundo, e de ter assumido pela preocupação este mundo, é que o leva a existir calculando o tempo.<sup>18</sup>

O tempo descoberto pela preocupação é particularizado em múltiplos momentos que se sucedem em uma linha temporal. Es-

---

<sup>17</sup>"The awaiting which forgets and makes presente is an ecstatical unity in its own right... The unity of these ecstases closes off one's authentic potentiality-for-Being." (§ 339)

<sup>18</sup>"Time is first discovered in the concern which reckons circumspectively and this concern leads to the development of a time reckoning. Reckoning with time is constitutive for Being-in-the-world." (§ 333); "Because its essential do Dasein that is exists fallingly as something thrown, it interprets its time concernfully by way of time reckoning." (§ 411)

te tempo, experienciado desta forma, será chamado por Heidegger de "databilidade".<sup>19</sup>

O uso deste tempo público, para regular as diversas atividades do Dasein como ser-no-mundo e como ser-com-os-outros, requer uma medida objetiva dele. Isto torna necessário o relógio, como instrumento demarcador do tempo público.<sup>20</sup> E quando o Dasein, planejando o tempo para lançar-se em qualquer atividade, consulta o relógio, ele está diante do sentido concreto do "agora".<sup>21</sup>

A percepção cotidiana do tempo que passa, na sucessão infinita dos agora, se evidencia para o existente inautêntico, que será afeito ao aguardar que esquece e que faz-presente. Para o Dasein inautêntico, alienado de si mesmo, a preocupação da fugacidade do tempo é uma escusa, que ele apresenta para si mesmo, de que ele não é capaz de compreender nem a si mesmo, nem a sua existência.<sup>22</sup>

Após vermos como a inautenticidade se estabelece e se sustenta por um auto-aprisionamento do Dasein no presente do fazer-presente, veremos como que, progressivamente, passando pelo processo da conquista de sua autenticidade, o Dasein alcançará

---

<sup>19</sup>"The 'now', the 'then', and the 'on that former occasion' thus have a seemingly obvious relational structure which we call 'datability'." (§ 407)

<sup>20</sup>"This public dating, in which everyone assigns himself this time... uses a publicly available measure... such measurement requires something by which time is to be measured - namely, a 'chock'." (§ 413)

<sup>21</sup>"Looking at the clock is based on taking our time, and is guided by it ... When we look at the clock and regulate ourselves according to the time, we are essentially saying 'now'." (§ 416)

<sup>22</sup>"The awaiting of inauthentic existence - the awaiting which forgets and makes present - is the condition for the possibility of the ordinary experience of time's passing away." (§ 425)

uma percepção autêntica do futuro e do passado, integrando am  
bos a uma experiência plena do presente, vivido então de uma for  
ma inteiramente distinta do fazer-presente.

o0o

SEGUNDA PARTE - O DASEIN EM  
SI MESMO

## INTRODUÇÃO

Heidegger não explicita uma investigação sobre o Dasein mesmo, preferindo, ao invés disto, analisar a existência fática que o Dasein vive, que pode ser vivida de modo inautêntico ou autêntico. Este Dasein, porém, tem uma intimidade que lhe é própria, pela qual ele é capaz de se inteirar do que sucede com ele, e em função disto, planejar um rumo de ação para ele mesmo.

Examinaremos, portanto, nesta segunda parte, como o Dasein percebe sua situação, através do "estado de ânimo", depois pela "compreensão", pela "interpretação" e, finalmente, pelo "discurso". Veremos que Heidegger tem uma significação peculiar para "estado de ânimo" e "compreensão" e entender esta significação, será vital para nos inteirarmos do processo de conquista da autenticidade.

Apresentaremos, também, o conceito de "cuidado" que, como essência do Dasein, será também uma peça fundamental da construção final da existência autêntica. Tivemos de apresentar "cuidado" de forma muito esquemática, pois sua explicitação plena, só será possível ao tratarmos da "voz da consciência", que é o "chamado do cuidado".

Apesar da absorção do Dasein no mundo de sua preocupação e sua sujeição ao "se" ter anulado o seu "eu", estes elemen-

tos de sua intimidade, agindo, serão suficientes para levar o Dasein a resgatar-se a si mesmo de sua condição de queda, o que veremos acontecer na terceira parte.

o0o

## CAPÍTULO I - ESTADO DE ÂNIMO, COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E DISCURSO

Examinaremos, neste capítulo, os recursos de que o Dasein dispõe para compreender a situação na qual se encontra, o seu "aí", no qual está imediatamente presente como "Ser-aí".

Temos inicialmente, o intraduzível "Befindlichkeit", que a versão inglesa traduziu como "state of mind", ou "mood".<sup>1</sup> Conservando o sentido proposto pela versão inglesa, de "estado de ânimo" precisamos esclarecer que, por este termo, Heidegger não quer significar aquilo que corriqueiramente nós entendemos por sentimentos ou afetos. O estado de ânimo é uma vinculação mais primordial entre o Dasein e seu "aí", pela qual ele tem um sentimento abrupto de se encontrar em um "aí".<sup>2</sup> Este "sentimento", não se deixa conceptualizar, pelo menos de imediato, e atinge ao Dasein repentinamente.

---

<sup>1</sup>"What we indicate ontologically by the term 'state of mind' is ontically the most familiar and everyday sort of thing; our mood, our Being attuned". (§ 134)

<sup>2</sup>"... el sentimiento de la situación original no debe ser entendido según la acepción ordinaria de la palabra sentimiento... El sentimiento de nuestra situación original está... en la fuente de todos nuestros estados afetivos." de Waelhens, p. 89.

O estado de ânimo apresenta o Dasein arremessado na sua faticidade, lançado em uma situação de tal forma que isto lhe é inescapável. É desta percepção, deste lançamento irrevogável que brota o estado de ânimo, e à irrevogabilidade da sua condição de lançado, chamamos de "derrelição".<sup>3</sup> A faticidade particular à qual cada Dasein individualmente se encontra submetido é peculiar a cada Dasein, porém cada Dasein está lançado fundamentalmente em sua situação e tem uma apreensão afetiva desta situação: isto é derrelição e estado de ânimo. A partir desta apreensão fundamental, brotam afetos específicos, que são desdobramentos ulteriores do estar-em-situação do Dasein.

Os estados de ânimo brotam da vinculação básica do ser-no-mundo do Dasein, emergindo associadamente à preocupação circunspectiva que está sempre precisando, procurando e levando o Dasein a utilizar-se dos utensílios. Assim sendo, os estados de ânimo surgem como o próprio ser, do Dasein, no mundo. Ou ainda, é só por eles que o Dasein pode se interessar pelo mundo, como também pode ser afetado pelo mundo.<sup>4</sup>

Será, também, a partir desta vinculação afetiva básica, que é o ser-no-mundo mesmo, que o Dasein se deixa absorver e se perde no mundo pelo qual ele se preocupa. Enquanto todos estados de ânimo possíveis aprisionam o Dasein ao mundo, embora cada um

---

<sup>3</sup>"Dasein's Being... is thrown in such a way that, as Being-in-the-world, it is its there. The expression 'thrownness' is meant to suggest the facticity of its being delivered over". (§ 135).

"... el sentimiento nos hace sentir el hecho de que existimos, que somos ya arrojados en el existir, en el ser, en el ser-en-el-mundo, en el ser-ahí, en el ahí..." Gaos, p. 44.

<sup>4</sup>"States of mind... assail Dasein in its unreflecting devotion to the world with which it is concerned and on which it expands itself. It (the mood) comes neither from 'outside' nor from 'inside', but arises out of Being-in-the-world, as a way of such Being". (§ 136)

ã sua maneira, a angústia, como veremos adiante, é o único estado de ânimo que liberta o Dasein, justamente por fazer ruir a estrutura de significação que é o mundo. A angústia devolve o Dasein a si mesmo, a partir do fato de que para o Dasein angustiado, não existe mais mundo pelo qual ele se interesse.

Após poder ter um estado de ânimo, pelo qual o Dasein pode sentir a sua situação, o Dasein pode ter uma "compreensão", propriamente dita, de sua situação, ou antes, do que dele pode efetivamente fazer a partir dela.

Para Heidegger, compreensão não significa nada como chegar a uma conclusão, por via do raciocínio próprio, ou de terceiros. Compreender é antes uma "projeção" que o Dasein faz de si mesmo, dentro de uma nova possibilidade de ser, da qual ele apenas se avizinhou; fazendo isto, ele se antevê diante de si mesmo, podendo, então, julgar, por antecipação, a validade ou a inutilidade dele embrenhar-se efetivamente na possibilidade de ser em questão.<sup>5</sup>

A compreensão, portanto, debruça-se por sobre as possibilidades e surge como a "visão" possível que o Dasein pode vir a ter do seu futuro, que é o espaço de tempo que definirá seu próprio vir-a-ser.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup>"... the understading has in itself the existential structure which we call 'projection'." (§ 145); "El Dasein interpretante es el Dasein en cuanto proyectando posibilidades... la interpretación es proyecto de posibilidades, no pensamiento acerca de los posibles abstractamente aprehendidos". de Waelhens, p. 222. (Observação: a tradução espanhola da obra de de Waelhens traduz 'compreender' por 'interpretar'); "ser nuestras posibilidades, ser posibilidad, es ser proyectandonos. Por eso, el 'comprender ... el ser posibilidad, es proyección." Gaos, p. 47.

<sup>6</sup>"In its projective character, understanding goes to make up existentially what we call Dasein's sight... and Dasein is this sight." (§ 146)

Importante é esclarecer que a compreensão não é de forma alguma um processo passivo de observação e captação das possibilidades de ser do Dasein, que estariam, desta forma, prontas e à espera de serem descobertas. Se isto se desse, teríamos o futuro do Dasein como algo predeterminado, predestinado, o que implicaria a impossibilidade da sua liberdade, da conquista mesma da sua autenticidade. Compreender significa antes criar e conceber uma direção possível de desenvolvimento do próprio ser, criação esta que será uma ultrapassagem da faticidade na qual o Dasein esteja envolvido, ou, pelo menos, uma tentativa neste sentido.<sup>7</sup> Considerando projetivamente possibilidades, o Dasein estará decidindo acerca do seu próprio ser.

Mas qual é o sentido exato de "possibilidades"? Possibilidade, como uma direção provável, mas nunca obrigatória de ser, é "aquilo que não é atual, e não é em tempo algum necessário", e que "caracteriza o meramente possível".<sup>8</sup>

Possibilidades, como direções de ser possíveis ao Dasein não são disponíveis para o Dasein de forma gratuita. O fato mesmo do Dasein existir, já o aprisionou em algumas situações de finidas, algumas delas, definitivas. As possibilidades legítimas, portanto, só se desenharão tomando como ponto de partida a faticidade na qual o Dasein já se encontra situado. É a partir da faticidade, tomada como ponto de partida, que se abre o leque

---

<sup>7</sup>"... el ser mismo del Dasein... no coge la posibilidad, sino que se agarra a ella en el momento que la crea... El proyecto-esbozo se apodera de los caminos que ha creado en el espacio de juego dejado ao poder-ser del Dasein... la interpretación (nota: a compreensão), del ser es una construcción, y de ninguna manera la captación de algo dado." de Waelhens, p. 94-96

<sup>8</sup>"... possibility signifies what is not actual and what is not at any time necessary. It characterizes the merely possible." (§ 143)

de suas possibilidades.<sup>9</sup> Se foi o estado de ânimo que levou o Dasein a aperceber-se afetivamente de sua situação, a compreensão projetiva abre-lhe, a partir de sua situação, as possibilidades que significarão um novo desdobramento do seu próprio ser.

As possibilidades, pensadas nesta vinculação estreita com a faticidade e abrindo o desdobramento futuro do Dasein, estão, portanto, intimamente vinculadas à existência do Dasein; de forma alguma, elas serão exteriores à sua existência.<sup>10</sup> Este enraizamento existencial das possibilidades também cria um alinhamento temporal delas, pelo qual as possibilidades posteriores sempre serão dependentes das possibilidades que lhe foram anteriores.<sup>11</sup> À medida que o Dasein avança na existência, persegue uma possibilidade após a outra, mas a possibilidade realizada torna-se faticidade e se integra à soma total da faticidade que circunscreve e limita o Dasein. A consideração projetiva de possibi

---

<sup>9</sup>"Possibility, as an existentielle, does not signify a free, floating potentiality-for-Being in the sense of the 'liberty of indifference'. In every case Dasein, as essentially having a state-of-mind, has already got itself into definite possibilities." (§ 144). "A faticidade da existência equivale a certa "fixação", consistindo em que determinadas possibilidades são excluídas... Não existe, porém, faticidade alguma que não inclua possibilidades... Convém, contudo, observar que o poder-ser de que aqui tratamos não está nas nuvens. Somente será um poder-ser real se se fundamentar num determinado ser-factual. O ser-factual torna possível o poder-ser... A existência humana, por conseguinte, é a unidade oposicional do ser-factual e do poder-ser, do já e do não-ainda, do passado e do futuro". (Luijpen, p. 197-201)

<sup>10</sup>"El Dasein es su posibilidad... cuando el Dasein interpreta (compreende) esta posibilidad, no se pierde en especulaciones puramente lógicas: posibilidades interpretativas (compreendidas) no son distintas de sus posibilidades de existencia... Cada momento de la existencia me crea unas posibilidades y me sustrae un mayor número de ellas." de Waelhens, p. 93-94.

<sup>11</sup>"Cuando uno se quiere mantener a la altura de la situación que se afirma en determinado momento concreto... debe obrar en conformidad con las posibilidades reales que en ese momento se dibujan. Pero estas últimas son siempre y en grande parte, función de actos y de posibilidades anteriores. de Waelhens, p. 236.

dades futuras já se fará, então, a partir da faticidade total, passada e recente, na qual o Dasein se encontra envolvido. O Dasein, portanto, cumprirá um caminho, na sua existência, que seria impossível a ele vislumbrar antecipadamente.

O Dasein, continuamente, projetando-se e lançando-se em novas possibilidades, "sempre se compreendeu, e sempre se compreenderá em termos de possibilidades".<sup>12</sup> As possibilidades assumidas por ele o levarão a ser um Dasein definido e desenvolvido em alguns aspectos, enquanto que as possibilidades negadas por ele, o impedirão ou bloquearão um desenvolvimento possível do seu ser naquele sentido.

Após sentir a situação, pelo estado de ânimo e compreender projetivamente as possibilidades que despontam a partir da situação, o Dasein tem uma "interpretação" desta sua compreensão. Para interpretação, Heidegger também propõe um sentido particular, como sendo o "desenvolvimento da compreensão". Este desenvolvimento se dá a partir da "explicitação" das possibilidades que foram entrevistas por ocasião da compreensão: a interpretação torna estas possibilidades perfeitamente disponíveis para o Dasein.<sup>13</sup>

Heidegger também relaciona a interpretação como o meio pelo qual a significação do sentido do mundo se estabelece. Não nos estenderemos por este aspecto da interpretação, por não es-

---

<sup>12</sup>"... as thrown, Dasein is thrown into the kind of Being which we call 'projecting... any Dasein has, as Dasein, already projected itself; and as long as it is, it is projecting. As long as it is, Dasein always has understood itself and always will understand itself in terms of possibilities." (§ 145) "El Dasein existe de tal maneira que el se comprende a partir de sus posibilidades. El Dasein es su posibilidad." de Waelhens, p.32.

<sup>13</sup>"The projecting of the understanding has its own possibility - that of developing itself. This development of understanding we call 'interpretation'. In it, understanding appropriates understandingly that which is understood by it... (interpretation) is the working out of the possibilities projected in understanding." (§ 148)

tar diretamente relacionado com a conquista da autenticidade, mas diremos apenas, reafirmando o que já apresentamos no 1º capítulo, que o sentido do mundo, contido na interpretação do mundo, resulta de uma construção na qual as referências dos objetos são descobertas pela compreensão e estas descobertas se fazem explícitas pela interpretação.

Após estado de ânimo, compreensão e interpretação, Heidegger nos fala no "discurso". O Dasein pode, pelo "discurso", comunicar sua experiência aos outros; o discurso se extravasa através da linguagem.

O Dasein inautêntico, através dos seus estados de ânimo, se aprisiona ao mundo de sua preocupação. Mais do que perceber seu "aí" real, que é a sua derrelição em um mundo "estranho", seus estados de ânimo o prendem ainda mais ao mundo, desta forma sentido como "familiar". Sua compreensão também resultará distorcida na condição da queda: ele só vislumbrará possibilidades que estejam dentro do âmbito do que é "familiar, alcançável e respeitável".<sup>14</sup> Com seu poder de compreender amesquinçado, fica anulada a possibilidade de ser si mesmo. Tendo sua compreensão cerceada desta forma, a interpretação também se lhe resulta prejudicada. O Dasein, necessariamente, desenvolverá a interpretação de suas possibilidades dentro do âmbito da ambigüidade carac

---

<sup>14</sup>"As something factual, Dasein's projection of itself understandingly is in each case already alongside a world that has been discovered. From this world it takes its possibilities, and it does so in accordance with the way things have been interpreted by the 'they'. This interpretation has already restricted the possible options of choice to what lies within the range of the familiar, the attainable, the respectable - that which is fitting and proper. This levelling off of Dasein's possibilities... also results in a dimming down of the possible as such." (§ 194)

terística da queda. Finalmente, a única forma de discursividade que lhe é possível é a tagarelice, a conversa desenraizada e desenraizante do "se".

o0o

## CAPÍTULO II - O SENTIDO DO "CUIDADO" COMO ESSÊNCIA DO DASEIN

O quadro que temos construído do Dasein, até agora, é de um ente que se deixou absorver no mundo de sua preocupação e de sua solícitude e tal absorção, levando-o a esquecer-se de si mesmo, enredou-o totalmente no "se". Vimos seu poder de sentir sua situação, de compreender-se em suas possibilidades, de interpretá-las e de expressá-las pela linguagem. Não temos, porém, até o presente, nenhuma menção ao "eu" deste ente, ao agente presente da queda do Dasein.

Heidegger recusa-se em afirmar que o Dasein tenha qualquer interioridade que sirva para distingui-lo do mundo, como o "ego" cartesiano, por exemplo. Desenvolvendo o conceito de "cuidado", porém, vemos que por este termo Heidegger quer deixar algumas palavras sobre aquilo que seria a "alma" do Dasein, a sua essência mesma.

Inicialmente, o "cuidado" é o modo como o ser do Dasein se revela.<sup>1</sup> Heidegger não propõe nenhum significado especial

---

<sup>1</sup>"Dasein's Being reveals itself as care." (§ 182).

para "cuidado", de que podemos concluir que seja uma atenção que o Dasein tenha, um sentido de vigilância para com o seu próprio ser.

O "cuidado" desdobra-se em 3 características. A primeira é o "ser-adiante-de-si-mesmo". Isto significa que o Dasein é o ente que tem sempre uma potencialidade de ser que se desdobra à sua frente, através de possibilidades diversas: é porque o Dasein existe, que ele tem possibilidades à sua frente. O Dasein tendo possibilidades à sua frente, projeta-se nelas, através de sua compreensão e daí pode, por antecipação, julgar da conveniência ou não de lançar-se em uma dada possibilidade. Por isto, o Dasein é sempre "adiante de si mesmo".<sup>2</sup>

O Dasein se lança adiante, porém, já existindo em um mundo. Suas possibilidades só se dão, como já vimos, estando ele situado em um mundo. O sentido do ser-já-em-mundo que aqui surge como o segundo aspecto do "cuidado", se faz mais forte quando compreendemos que o Dasein foi lançado nele de forma irrevogável.<sup>3</sup> Este é o sentido pleno da derrelição.

É pelo estado de ânimo que o Dasein tem uma percepção afetiva de estar situado no mundo. É necessário acrescentar que todos os estados de ânimo possíveis, tais como interesse, temor, esperança, etc., levam o Dasein a confundir-se com o mundo e,

---

<sup>2</sup>"... Being towards one's ownmost potentiality-for-Being means that in each case Dasein is already ahead of itself... as Being towards the potentiality-of-Being which is itself. This structure of Being... we shall denote as Dasein's 'Being-ahead-of-itself'." (§§ 191-192)

<sup>3</sup>"Being-ahead-of-itself does not signify anything like an isolated tendency in a worldless 'subject', but characterizes Being-in-the-world. To Being-in-the-world, however, belongs the fact that it has been delivered over to itself - that it has in each case already been thrown into a world... 'Being-ahead-of-itself' means, if we grasp it more fully, 'ahead-of-itself-being-already-in-a-world'." (§ 192)

com isto, a percepção do ser-no-mundo se dispersa em meio às preocupações cotidianas. É com a angústia que o Dasein terá uma percepção plena de sua condição de ser-no-mundo, percebendo que ele é um estranho neste mundo, mas a ele está lançado. Será no mundo, como ser-no-mundo, que ele se desenvolverá como Dasein.

O ser-adiante-de-si-mesmo implica que o Dasein se projeta e depois se lança efetivamente em possibilidades. O ser-já-em-mundo, que surge associado ao ser-adiante-de-si-mesmo, significará que, da inserção do Dasein no seu mundo, suas possibilidades sempre o levarão de encontro aos utensílios intramundanos e aos outros Daseins, que, com ele, dividem o mundo.<sup>4</sup> A partir disto, o "cuidado", cujo sentido pleno se revela como "ser-adiante-de-si-mesmo-sendo-já-em-um-mundo-junto-com-as-coisas, se desdobra na preocupação e na solícitude, que são, como já vimos, as formas pelas quais o Dasein entra em contato com os utensílios e com os outros.<sup>5</sup>

"Cuidado" é o elemento que, como vimos, atua como agente integrador entre Dasein, mundo, utensílios e os outros. Se "cuidado" é agente integrador, podemos acrescentar que também é o agente equilibrador, que busca manter a proximidade/distância devida entre todos estes elementos, tomados isoladamente. Nesta perspectiva, a queda e a inautenticidade de um modo geral, no

---

<sup>4</sup>"Ahead-of-itself-Being-already-in-a-world essentially includes one's falling and one's Being Alongside those things ready-to-hand within-the-world with which one concerns oneself." (§ 192)

<sup>5</sup>"Because Being-in-the-world is essentially 'care', Being-alongside the ready-to-hand could be taken in our previous analyses as concern, and Being with the Dasein-with of Others as we encounter it within-the-world could be taken as solícitude." (§ 193)

seu duplo sentido de absorção ao mundo e de sujeição ao "se", significam um desequilíbrio entre estes elementos, pelo qual o Dasein perde a base de sustentação em si, para "cair" para o lado dos utensílios e dos outros. Com isto, aquilo que seria a identidade própria de cada elemento se perde: os utensílios se fazem imprescindíveis e absorvedores; os outros perdem qualquer individualidade para se tornarem o anônimo "se"; o "eu" ou aquilo que seria a "ipseidade" do Dasein existe apenas como parte indiferenciada do "se". Não podemos a rigor dizer que o Dasein inautêntico chegue a ser, ou a ter um "eu" que lhe seja distinto e peculiar.

No processo da conquista da autenticidade será o "cuidado" que trará o Dasein decaído de volta a si mesmo, de uma forma definitiva. O "cuidado", como essência do Dasein, jamais perdeu a perspectiva de que os elementos que ele integra são na verdade distintos entre si, ou seja, o mundo existe como realidade bruta e estranha ao Dasein, e que ele mesmo, Dasein, tem sua singularidade que não deve e não pode ser arrolada à massa anônima dos outros. A atuação do "cuidado" será, portanto, de separar e individualizar o Dasein, compondo o equilíbrio necessário entre ele mesmo, o mundo, os utensílios e os outros.

O "cuidado" com este sentido a que aludimos, importa esclarecer, só existe para o Dasein autêntico, resgatado da absorção no mundo e da subjugação ao "se". No domínio da cotidianidade, o que veremos são formas degradadas do "cuidado".

Uma primeira forma degradada de o "cuidado" se apresentar é no "desejar". Vimos como sob a condição de queda, a capacidade do Dasein de compreender, enquanto projetar-se em possibilidades, fica adstrita aos estreitos limites daquilo com o qual o seu estado de ânimo o levou, pelas suas preocupações, a identificar-se. O possível, como tal, ficou reduzido, confinado aos

estritos limites do que é imediato e utilitário. Resulta disto que o "querer" do Dasein existe como um "mero desejar", o que não significa nem uma decisão verdadeira para a ação, nem uma consideração devida a toda faticidade que envolve o Dasein e que teria que ser considerada numa decisão autêntica. O desejar, que cria sua própria continuidade como um "viver ansiando" pelas possibilidades, fecha estas possibilidades, e o existir, não tendo adiante de si possibilidades abertas, surge como o único ser-no-mundo possível.<sup>6</sup>

A persistência do Dasein no "mero desejar" acaba por se constituir em um "vício", pelo qual ele, passivamente, "se deixa viver por qualquer tipo de mundo no qual ele esteja".<sup>7</sup> A reatividade do Dasein, pela qual poderia transcender sua situação, fica, com isto, prejudicada. Por isto, Heidegger afirma que a "estrutura inteira do cuidado fica modificada", e o Dasein se torna "cego", ou seja, o compreender que é a sua "visão", pelo seu não exercício, se atrofia.<sup>8</sup>

Uma forma desviada oposta do "cuidado" surge com a "urgência de viver". Nessa urgência, o Dasein sente-se atraído por algo exterior a ele, e, com um ato de decisão própria, devota-se por inteiro ao objeto do seu interesse, de uma forma que se faz exclusiva.

---

<sup>6</sup>"... this tranquillized 'willing' under the guidance of the 'they'... shows itself for the most part as more 'whishing'. In the wish Dasein projects its Being upon possibilities which not only have not taken hold of it in concern, but whose fulfilment has not been pondered over and expected. On the contrary... the ascendancy of Being-ahead-of-oneself brings with it a lack of understanding for the factual possibilities... (The wish) keeps hankering after possibilities. Such hankering closes off the possibilities; what is there in wishful-hankering turns into the 'actual world'." (§ 195)

<sup>7</sup>"Dasein's hankering as it falls makes manifest its addiction to becoming 'lived' by whatever world it is in." (§ 195)

<sup>8</sup>"... the entire structure of 'care' has been modified. Dasein has become blind, and puts all possibilities into the service of the addiction." (§ 195)

A urgência de viver passa a englobar todas as outras possibilidades, podendo-as a seu serviço; com isto, o Dasein desrespeita o estado de ânimo e o compreender que seriam possíveis para uma dada situação.<sup>9</sup> Neste desvio do "cuidado", o Dasein arrojou-se excessivamente na compreensão, indo além do possível real e autêntico que lhe seria possível vislumbrar na projeção de si. Está, com isto, forçando a situação, desrespeitando a faticidade da situação que, desta forma, permanecerá fechada ao Dasein.

Tanto o desejar, quanto a urgência de viver, são desequilíbrios do Dasein: no primeiro, o querer do Dasein se desvitaliza e recua diante da faticidade que teria de ultrapassar; no segundo, a urgência de viver leva o Dasein a um querer exaltado, que busca, de forma inadequada, passar por cima da faticidade que cerca e envolve ao Dasein.

O sentido correto do "cuidado" só emergirá depois que o próprio "cuidado" resgatar totalmente o Dasein de sua condição de queda e de inautenticidade. Restabelecido o equilíbrio necessário entre Dasein, mundo, utensílio e outros, o "cuidado" levará o Dasein à autenticidade, levando-o a cumprir sua existência com a atenção devida ao seu próprio ser.

---

<sup>9</sup>"On the other hand, the urge 'to live', is something 'towards' which one is impelled, and it brings the impulsion along with it of its own accord. ... The urge seeks to crowd out other possibilities... The urge can outrun one's current state-of-mind and one's understanding." (§ 195)

TERCEIRA PARTE - A CONQUISTA  
DA AUTENTICIDADE

## INTRODUÇÃO

Veremos, nesta parte, como o Dasein, finalmente, se ar-ranca de sua condição inautêntica e se alça à autenticidade, por esforço próprio.

Neste processo, várias ocorrências, todas levando adian-te o processo do Dasein tornar-se autêntico, parecem ocorrer si-multâneamente em uma primeira leitura de Ser e Tempo. A partir desta constatação, nosso objetivo foi de identificar uma seqüên-cia nestas ocorrências, e constatar o efeito cumulativo que nos garantiria estarmos diante de uma seqüência progressiva, que le-varia a uma culminação, neste caso, à autenticidade.

Assim, o processo de conquista da autenticidade tem iní-cio com a compreensão do Dasein de sua morte pessoal, evolui com o seu escutar a voz de sua consciência e chega à plenitude no esta-do de resolução antecipatória. A angústia, como um "estado de ân-imo" especialíssimo, está presente em todo este processo, e se incorpora no seu resultado, permanecendo junto ao Dasein que se tornou autêntico.

Autenticidade, como fidelidade a si próprio no trans-curso da existência, é um poder que o Dasein tem "para enfrentar adversidades"; este é o sentido do "destino", que, mais do que ser uma quarta etapa do processo da conquista da autenticidade, é uma conseqüência dele.

A autenticidade é uma escolha do Dasein. Este elemento de escolha pessoal está presente em todas as etapas do processo, bem como na sustentação da autenticidade, uma vez que esta tenha sido alcançada. E escolher a autenticidade é realizar-se a si mesmo e consumir o objetivo e sentido da existência.

o0o

## CAPÍTULO I - A EXPERIÊNCIA DA ANGÚSTIA

O quadro que temos construído do Dasein até agora nos mostra um ente absorvido no mundo pelo qual ele se preocupa, e sujeito ao anônimo "se", através de sua solicitude. O Dasein, em bora sendo um ente capaz de se projetar em novas possibilidades, dada a sua condição de queda, se projetará apenas nas possibilidades relativas aos seus interesses imediatos que são os utensílios e os outros. Fazendo isto, esquece-se do seu próprio ser e afunda-se cada vez mais na existência inautêntica.<sup>1</sup>

Os estados de ânimo, que vinculam estreitamente o Dasein com seu "aí", animam sua preocupação e sua solicitude, fazendo isto, sustentam a condição de queda do Dasein. Além dos estados de ânimo, que sustentam a perda do Dasein nos utensílios e nos outros e da sua compreensão decaída, que só se projeta naquilo que é a absorvente exterioridade do Dasein, também o seu poder de interpretação fica confinado aos limites de sua preocupação e solicitude. Temos, portanto, um Dasein aprisionado, e pior, sem conhecer sua condição de aprisionamento.

---

<sup>1</sup>"When Dasein is absorbed in the world of its concern - that is, at the same time, in its Being-with-towards others - it is not itself". (§ 125)

Para este Dasein, passar pela experiência da angústia será uma ocorrência fundamental e, talvez, irreversível.

A angústia é uma experiência única. Não é algo específico que a provoca, é o mundo mesmo, enquanto mundo, que, de uma forma inesperada, se anuncia ao Dasein na sua mundanidade bruta, que é estranha ao Dasein e no qual o próprio Dasein se sente estranho. O que causa a angústia é o mundo, percebido como estranho, e ao qual o Dasein se sente arremessado, lançado de uma forma inescapável e terrível.<sup>2</sup>

O sentido de mundo do Dasein, que o levava a se sentir à vontade no mundo, era um sentido de mundo construído. O sentido de mundo tem o início de sua estruturação na descoberta de cada utensílio que o Dasein faz, dando vazão à sua preocupação circunspectiva. Ao descobrir um utensílio, ele é logo relacionado a um conjunto de utensílios. Cada utensílio terá seu signo, seu lugar, sua região. Gera-se, com isto, uma totalidade de envolvimento que articula o sentido do mundo para o Dasein. Na medida em que esta descoberta foi um processo coletivo, os outros, que, junto com o Dasein articularam o sentido de mundo, se integram junto com os utensílios, numa mesma totalidade.

Um primeiro efeito da angústia é o de desarticular este sentido de mundo, reduzindo o mundo, e os outros que também estão no mundo, à insignificância.<sup>3</sup> Neste mundo, no qual o Da-

---

<sup>2</sup>"... in the face of which one has anxiety is Being-in-the-world as such". (§ 186)

<sup>3</sup>"Here, the totality of involvements of the ready-to-hand... is, as such, of no consequence; it collapses in itself; the world has the character of completely lacking significance". (§ 186); "In anxiety what is environmentally ready-to-hand sinks away, and so, in general, do entities within-the-world." (§ 187). "Na angústia desmorona todo o mundo em que me encontro envolvido. O mundo como totalidade revela-se na angústia como sem importância, insignificante, nulo... Na angústia, o mundo como mundo impõe-se a mim em sua nulidade." Luijpen, p. 386.

sein até então se movia com toda naturalidade, ele se sente imobilizado. Os utensílios que até então absorviam sua atenção, não significam mais nada, não mais despertam seu interesse; os outros alvos de sua solícitude que eram, não mais lhe despertam qualquer consideração. No mundo, percebido desta maneira, o Dasein se sente estranho, não mais "em casa".<sup>4</sup>

A perda do sentido do mundo leva ao que poderíamos chamar de um segundo efeito da experiência da angústia: o Dasein, que até então se compreendia a partir de suas projeções nos utensílios e nos outros, e na medida em que utensílios e outros nada mais significam, perde a possibilidade de compreender-se a si mesmo.<sup>5</sup> O sentido de "eu" que o Dasein até então tinha, que estava fortemente identificado com aquilo com o que ele se preocupava e com quem se mostrava solícito, se esvai, junto com o sentido de mundo.

Rompida sua ligação com o mundo e com os outros, e destruído o sentido de "eu" que o Dasein tinha, justamente, a partir destas ligações, todas as projeções de possibilidades retornam a sua origem, que é o próprio Dasein. Este é o terceiro efeito da angústia: o retorno das possibilidades ao próprio Dasein o individualiza frente ao mundo e aos outros. O Dasein percebe que é dele que partem as projeções de possibilidades nos utensílios e nos outros: o Dasein percebe que ele mesmo é a fon-

---

<sup>4</sup>"... a state-of-mind makes manifest 'how one is'. In anxiety, one feels uncanny... But here uncanniness also means 'not-being-at-home'." (§ 188); "... la angústia 'abre' el ser-en-el-mundo en el modo de la 'inhospitalidad'... Gaos, p. 59.

<sup>5</sup>"The 'world' can offer nothing more, and neither can the Dasein-with of Others. Anxiety thus takes away from Dasein the possibility of understanding itself." (§ 187)

te de seu poder-ser, das suas possibilidades.<sup>6</sup>

Chegamos assim ao quarto e último efeito da angústia: na medida em que o Dasein percebe-se como a fonte mesma das suas possibilidades, ele terá a liberdade para escolher-se a si mesmo.<sup>7</sup> A partir de um estar desembaraçado do mundo e dos outros, individualizado na percepção de si como poder-ser, o Dasein poderá optar livremente no que, e em que, ele projetará suas novas possibilidades. Estas possibilidades serão autênticas, pois partirão de um Dasein centrado em si mesmo, na atenção e cuidado com o seu próprio ser.

Fizemos um tratamento em separado da angústia, e precisamos agora esclarecer que a angústia, como estado de ânimo que é, se fará presente em todas as etapas da conquista da autenticidade, que examinaremos detalhadamente daqui por diante: ela nunca ocorre só. Assim, a angústia, sempre como estado de ânimo, surgirá associada à compreensão do Dasein de sua condição de ser-para-a-morte; será um Dasein angustiado retirado do mundo, que poderá ouvir a voz da consciência; o estado de resolução, instalando o Dasein na autenticidade, também se fará com a presença libertadora da angústia; por fim, só um Dasein que inte-

---

<sup>6</sup> "Anxiety throws Dasein back upon that which it is anxious about - its authentic potentiality-for-being-in-the-world. Anxiety individualizes Dasein for its ownmost Being-in-the-world, which as something that understands, projects itself essentially upon possibilities. Therefore... anxiety discloses Dasein as Being-possible ..." (§ 187); "La angustia opera inmediatamente un aislamiento radical del angustiado, nos arroja en una soledad inviolable. Toda posibilidad de diversión es eliminada..." de Waelhens, p. 129; "... o mundo que circunda o Dasein encontra-se soçobrado... a angústia reduz o Dasein ao seu próprio estar-no-mundo; ela isola-o perante si mesmo e faz-lhe sentir intensamente este isolamento..." Jolivet, p. 118.

<sup>7</sup> "Anxiety makes manifest in Dasein its Being towards its ownmost potentiality-for-Being - that is, its Being-free for the freedom of choosing itself, and taking hold of itself." (§ 188)

grou a angústia como modo-de-ser, poderá assumir sua existência como destino e herança.

O fato de que, para Heidegger, a autenticidade, como o existir com atenção às possibilidades que sejam rigorosamente próprias de um Dasein particular, só se conquistar, e se manter com a angústia, o torna, sem dúvida, um filósofo um tanto sombrio. Precisamos, porém, considerar que qualquer outro "sentimento" que não seja a angústia significa um perder-se novamente no mundo e no "se". Veremos que angústia assimilada desta maneira, se mostra como um estado de sobriedade, companheiro constante do Dasein que persegue sua autenticidade. A angústia, então, desponta como uma experiência importante para o Dasein, a partir dos resultados que ela trará a ele.

## CAPÍTULO II - A ANGUSTIADA COMPREENSÃO DO SER-PARA-A-MORTE

Examinaremos agora como o Dasein, imbuído do estado de ânimo da angústia, se defrontará com a perspectiva de sua morte pessoal, que porá fim ao seu ser-no-mundo e ao seu ser-com-o-outro.<sup>1</sup> O defrontamento angustiado com a morte, convencendo-o do seu fim pessoal, estabelecerá para ele mesmo a percepção da finitude de sua existência. A perspectiva da finitude de sua existência é um elemento essencial da existência autêntica: a autenticidade exige uma compreensão plena do sentido da morte e o existir estritamente de acordo com esta compreensão.<sup>2</sup>

O Dasein, dando vazão a sua potencialidade para ser, tem todo um espaço de desdobramento de si mesmo diante dele. As possibilidades abrem-se diante dele dentro do campo do "não ainda", que abriga um conjunto de possibilidades que o Dasein poderá vir a atualizar ou não, dependendo de sua vontade e da faticidade que

---

<sup>1</sup>"Thrownness into death reveals itself to Dasein in a more primordial and impressive manner in the state-of-mind which we have called 'anxiety'." (§ 251). Observação: a versão inglesa optou por traduzir "Angst" por "anxiety" (ansiedade), embora, a nosso ver, "anguish" (angústia), é a palavra mais indicada para "Angst".

<sup>2</sup>"A experiência autêntica está sempre colocada diante da morte, admitindo-a como próxima e, portanto, encontra-se em condições de poder compreender, em cada momento a vaidade absoluta de qualquer realização e o nada de tudo o que pode ser tomado como real".  
Jolivet, p. 30

encontrar. O Dasein tem, portanto, sempre "alguma coisa ainda pendente", que ele ainda não atualizou, "alguma coisa ainda para ser assentada".<sup>3</sup>

Neste desdobramento de si mesmo, o Dasein busca completar-se, atingir uma totalidade entrevista pela sua compreensão projetiva. Entre o seu desejo de completar-se, completando um projeto de existência e o efetivamente conseguir isto, o Dasein terá que defrontar-se com a sua morte pessoal, fator limitador do seu ser-no-mundo e ser-com-o-outro, e também da totalidade pretendida pelo Dasein.<sup>4</sup>

O Dasein se relaciona com a sua morte pessoal, compreendendo-se como um ser-para-a-morte.<sup>5</sup> O Dasein pode projetar-se como ser-para-a-morte de modo inautêntico ou autêntico. Na primeira modalidade, característica da existência decaída, o Dasein nega a morte, ou pelo menos, nega a iminência sempre possível da sua ocorrência. O ser-para-a-morte autêntico, pelo contrário, significa uma aceitação e uma espera da morte. Veremos porém, primeiramente, como o "se", o verdadeiro sujeito da existência cotidiana, nega a morte.

---

<sup>3</sup>"... in Dasein there is always something still outstanding which, as a potentiality-for-Being for Dasein itself, has not yet become 'actual'... there is always something to be settled. Such a lack of totality signifies that there is something still outstanding in one's potentiality-for-Being". (§ 236)

<sup>4</sup>"The end of Being-in-the-world is death. This end, which belongs to the potentiality-for-Being - that is to say, to existence - limits and determines in every case whatever totality is possible for Dasein." (§ 234) "De fato, enquanto o homem é homem, está sempre aberta para ele uma ou outra forma do poder-ser. Entre estas formas, porém, acha-se o fim de ser-no-mundo, que é a morte. O fim do homem como poder-ser limita e determina a totalidade possível do ser-homem." Luijpen, p. 388.

<sup>5</sup>"... as something of the character of Dasein, death is only in an existentiell Being-towards-death." (§ 234)

A atitude cotidiana em relação à morte é de seu desconhecimento como possibilidade pendente dentro do campo do não-ainda, que o Dasein sempre tem diante de si. Para morrer, basta estar vivo, mas o Dasein, seduzido pelo "se", recusa-se a pensar desta forma.

A posição do "se" em relação à morte é vazada através da tagarelice, que apresenta a morte como um acidente, como se fosse algo fortuito, e jamais uma ocorrência certa.<sup>6</sup> Reconhece-"se" que a morte acontece no mundo, mas, já que ela não é imediatamente presente para o próprio Dasein, não constitui, de fato, uma ameaça real para o Dasein.

Sendo o ser-para-a-morte uma compreensão, e, como já vimos, compreensão e estado de ânimo sempre se dão juntos, o "se" busca combater a angústia, que, como estado de ânimo, tornaria a compreensão do ser-para-a-morte poderosa, para o Dasein. O "se" oferece uma constante tranquilização sobre a morte.<sup>7</sup> Tranquilizada pelo "se", a morte, de ocorrência tida como avulsa no mundo, passa a ser tida como uma "inconveniência social". E além disto, o "se" impõe uma verdadeira interdição ao angustiar-se diante da morte, ao transformar a angústia, no que esta sempre tem de inespecífico, em um medo, para uma circunstância específica, possível ocasionadora de morte, para, finalmente, propor que este medo é uma fraqueza e que, como tal, deve ser erradicada.

---

<sup>6</sup>"La ambigüedad del discurrir y conversar de la existencia de la vida diaria consiste en esto: el carácter personal y intrasferible de la muerte queda escamoteado en provecho de una concepción que reduce la muerte a un accidente que "os viene encima". El man admite la muerte, como un hecho, pero rehusa con intransigencia considerala como una posibilidad propia, constante, ineluctable". de Waelhens, p. 147.

<sup>7</sup>"... the they provides a constant tranquilization about death."  
(§ 253)

Todo este encobrimento da possibilidade da morte aliena o Dasein da compreensão do verdadeiro sentido da sua morte: o Dasein, então, poderá se sentir livre para prosseguir, esquecido de si mesmo, com o seu preocupado ser-no-mundo e seu solícito ser-com-o-outro. A indiferença com a morte chega a tornar-se uma atitude de superioridade para com a morte, como se o Dasein decaído pudesse, pelo seu desconhecimento da morte, fazer-se invulnerável a ela. Assim, a negação da morte é sinal e característica da queda do Dasein, e da inautenticidade, como um todo.<sup>8</sup> Mesmo que o Dasein chegue a se convencer da inevitabilidade da morte, para si mesmo, ele tenderá a acreditar que sua morte não virá logo, mas sim, em uma época ainda distante, quando ele for bastante idoso.

O Dasein se utilizará das urgências, das possibilidades que lhe sejam mais imediatas, para interpô-las entre ele e a sua morte: o Dasein, ocupado e entretido com utensílios e com os outros, não terá ocasião para considerar sua morte. A existência decaída, sem a perspectiva da finitude, aferra-se a si mesma e busca sua própria eternização.

O Dasein, portanto, estará pronto para projetar-se na sua morte pessoal, se romper uma interdição imposta pelo "se": a experiência da angústia, tal como examinamos no capítulo anterior, permitirá isto.

O Dasein que busca compreender sua morte é aquele que, estando angustiado, perdeu o sentido do mundo e dos outros. Fi-

---

<sup>8</sup>"As falling, everyday Being-towards-death is a constante fleeing in the face of death." (§ 254); "... a failure to recognize Dasein's kind of Being, and the Being-towards-death which belongs to Dasein... is characteristic of everydayness." (§ 257)

cou sô, diante de si mesmo, individualizado contra a sua vontade diante do mundo, que não mais sente como acolhedor. Individualizado, sentindo que nele mesmo habitam as suas possibilidades, ele pode abrir-se à compreensão da morte, da sua morte. O poder do "se", como interpretação coletiva, abalou-se, pois os outros, que a transmitiam, perderam a importância para o Dasein, assim como o mundo, como um todo.

A morte surgirá, para o Dasein angustiado, do mesmo futuro no qual o Dasein projeta a totalidade pretendida por ele e porá fim à existência do Dasein. A morte, compreendida desta maneira, é sempre uma interrupção da existência até então vivida pelo Dasein. Não acontece com ele o mesmo que sucede a um fruto que, natural e espontaneamente, caminha para o seu estado de maduro, sendo que este estado de maduro já está implícito no fruto ainda verde. O Dasein, diferentemente, morre, maduro ou não, e mais freqüentemente, a morte surpreende o Dasein em um lamentável estado de não completação de si próprio.<sup>9</sup>

A morte, a partir da percepção de sua inevitabilidade, surge brutalmente, para o Dasein angustiado, com três características terríveis.

Primeiramente, a morte é a sua "mais intrínseca potencialidade-para-ser". Em relação a todas as outras possibilidades de existência, o Dasein poderá realizá-las ou não, dependendo da faticidade que ele encontrar associada a elas, e também de sua resolução pessoal para realizá-las. Com a morte, porém, o Dasein está diante da possibilidade que lhe é mais própria,

---

<sup>9</sup> "Even 'unfulfilled' Dasein ends... For the most part, Dasein ends in unfulfilment, or else by having desintegrated and been used up." (§ 244)

pois é a única que ele realizará, de uma forma ou de outra.<sup>10</sup>

Em segundo lugar, a morte, além de cessar o ser-no-mundo do Dasein, isola-o dos outros Daseins de uma forma definitiva. Por mais próximo que o Dasein agonizante esteja dos outros, a morte será sempre uma experiência solitária para ele e, de modo solitário, ele deverá enfrentá-la. A morte, então, é a "mais intrínseca possibilidade não relacional" do Dasein, e a projeção do Dasein nesta possibilidade isola-o, por antecipação, dos outros, com quem o seu ser-com necessariamente não poderá continuar.<sup>11</sup>

Este auto-isolamento por antecipação, feito por um Dasein desacreditado do seu ser-com, cria um efeito paralelo, que é a "individualização do Dasein nele mesmo". O inconseqüente ser-com-o-outro que caracterizava a cotidianidade decaída do Dasein, ser-com este, no qual o Dasein se sujeitou ao "se", dá lugar a um entricheiramento do Dasein em si mesmo, que rompe o relacionamento ocioso e viciado com os outros.<sup>12</sup>

Em terceiro lugar, a morte surge como a possibilidade da qual o Dasein não poderá passar adiante.<sup>13</sup> Neste particu-

---

<sup>10</sup>"With death, Dasein stands before itself in its ownmost potentiality-for-Being". (§ 250)

<sup>11</sup>"This ownmost non-relational possibility is at the same time the uttermost one". (§ 250); "Na cotidianidade, eu sou todos-os-outros, mas na morte, eu já não sou senão eu. 'Morre-se sozinho', dizia Pascal: a morte, na medida em que é morte, é essencialmente e exclusivamente minha". Jolivet, p. 126.

<sup>12</sup>"The non-relational character of death, as understood in anticipation, individualizes Dasein down to itself." (§ 263); "... a consciência da morte não apenas intensifica o caráter vivencial da experiência, mas também age como o fator decisivo na revelação da própria individualidade... só a pessoa que percebe dever enfrentar a morte sozinho, experimenta verdadeiramente o sentido da sua própria individualidade". Olson, p. 224-225

<sup>13</sup>"As potentiality-for-Being, Dasein can not outstrip the possibility of Death. Death is the possibility of the absolute impossibility of Dasein." (§ 250)

lar, a morte é diferente das outras possibilidades, por que nestas, o Dasein sempre encontra um para além delas, na forma de novas possibilidades que surgem abertas em consequência da realização das primeiras. Com a morte não: o Dasein não passa adiante dela. Acrescentamos que Heidegger, pondo de lado qualquer consideração de ordem religiosa acerca da sobrevivência da alma ou espírito, prende-se à análise da morte como o fim da existência do Dasein, tal como esta se dá como ser-no-mundo e junto-com-os-outros: neste sentido, a morte encerra a existência fática do Dasein de forma definitiva.

Embora já tenha proposto o significado da "compreensão", como "projeção" do Dasein na possibilidade em questão, Heidegger preferirá arranjar um termo especial para a compreensão do ser-para-a-morte, que é a "antecipação".

Antecipar, ampliando o sentido do projetar, significa "estar disponível para". É olhar, do ponto presente, para a possibilidade da morte que se encontra adiante, e de lá, olhar toda a existência que culminará até este fim. Isto significa que o Dasein autêntico é aquele que "compreende" a morte como uma possibilidade, "cultiva" a morte como possibilidade e "convive" com ela como possibilidade. Isto tudo se resume numa espera, numa espera certa, que aguarda pela atualização daquilo que, por hora, é apenas uma possibilidade. É a este compreender amplificado que Heidegger chamará de antecipação.<sup>14</sup>

A perspectiva da morte, sustentada desta forma, leva o Dasein espontaneamente a desapegar-se dos utensílios e dos ou-

---

<sup>14</sup>"Our terminology, for such Being towards this possibility is 'antecipation' of this possibility". (§ 262)

outros, aos quais se mantinha escravizado. A perspectiva da morte, acentuada pela angústia, desvanece a tenacidade que o Dasein tinha para a sua própria existência, tenacidade esta nascida do desejo do Dasein de cumprir todo um caminho entrevisto pelo seu projeto. Esta forte aderência a este projeto, que mantém o Dasein na queda, só se desfaz diante do angustiado defrontamento de sua morte pessoal.<sup>15</sup>

A morte antecipada, portanto, desperta no Dasein uma grande ludidez, pela qual, diante de sua própria existência, vista agora como finita, ele terá toda a atenção para não mais se projetar em possibilidades que não sejam legitimamente suas. O Dasein fica livre para decidir-se por sua própria existência, e disposto a cumpri-la de forma única. A compreensão total do sentido da morte, tal como o efeito final da angústia, deixou o Dasein livre para escolher-se a si mesmo.<sup>16</sup>

Este desmantelamento do sentido do mundo e do ser-com, a individualização do Dasein como um poder-ser puro diante do mundo e dos outros, e a liberdade para escolher-se a si mesmo, não significa que o Dasein autêntico se negue a utilizar-se dos utensílios que viabilizem o seu ser-no-mundo, nem que o Da-

---

<sup>15</sup>"Anticipation discloses to Dasein that its uttermost possibility lies in giving itself up, and thus, it shatters all one's tenaciousness to whatever existence one has reached." (§ 264)

<sup>16</sup>"El correr al encuentro no huye ante lo que la posibilidad irrebasable significa cuatro cosas: 1º) El correr al encuentro no huye ante lo que la posibilidad tiene de irrebasable... sino que se libra a ella, quebrantando todo rígido aferrar-se a la existencia ya alcanzada; 2º) Este librarse a la posibilidad irrebasable libra de perderse en posibilidades que se adelantan accidentalmente, haciendo comprender y elegir las posibilidades antepuestas a la irrebasable... como finitas; 3º) El mismo librarse libra también del peligro de que el ser-ahí se empene en reducir a sus posibilidades finitas, las ajenas ...; 4º) En fin, como la posibilidad irrebasable abre consigo todas antepuestas a ella, es la posibilidad misma de tomar por anticipado el ser-ahí intero e de existir como un poder-ser total." Gaos, p. 68.

sein passe a cultivar a misantropia como estilo pessoal de ser-com-os-outros. A autenticidade como perspectiva da existência, até o ponto que se chegou neste estágio presente, significa que o Dasein, como preocupado ser-junto-com-as-coisas, e solícito ser-com-os-outros, se projetará mais sobre a sua morte pessoal, como sua possibilidade mais intrínseca e inescapável, do que sobre as possibilidades correntes, oferecidas pelo "se". Ou seja, o angustiado defrontamento da morte, instala, de um modo de finitivo no Dasein, a percepção da finitude da sua existência pessoal.<sup>17</sup>

Será também a perspectiva da finitude que permitirá que o Dasein possa, no seu ser-com-o-outro, ser tolerante com o outro, permitindo que o outro caminhe para realizar as possibilidades que sejam legitimamente dele, sem mais querer nivelar o outro a si mesmo.<sup>18</sup>

O Dasein que realizou esta angustiada compreensão de sua morte pessoal rompeu, como já dissemos, a interdição imposta pelo "se", pelo menos de um aspecto do "se" que busca, pela negação da morte e da finitude da existência, privar o Dasein

---

<sup>17</sup>"Dasein is authentically itself only to the extent that, as concerned Being-alongside and sollicitous Being-with, it projects itself upon its ownmost potentiality-for-Being rather than upon the possibility of the they-self." (§ 263); "Comprender-se como ser que muere es, por conseguinte, la verdadera actitude de la existencia autentica cara a la muerte. Esto significa que en todo instante de autenticidad, nuestras posibilidades todas deben ser proyectadas sobre la pantalla de la muerte. Y puesto que la interpretación (compreensão) y el sentimiento de situación se compenetran necesariamente, la comprensión autentica de si estará siempre ligada a la angustia de la muerte". de Waelhens, p. 155.

<sup>18</sup>"El Dasein se ve entonces en su finitud radical, una finitude que le inspirará la más completa y generosa tolerancia. Solo el Dasein autentico tendrá fuerza para dejar a los otros ser lo que son, por que solo él está persuadido de la infinita vanidad del ser. El que hace ilusiones sobre el valor de su ser tendrá siempre la tendencia a inmiscuirse y a tiranizar, por que no puede aceptar que el otro sea de distinta manera de como es él, o que haga cosa distinta de lo que él mismo juzga digno de ser o de hacerse..." de Waelhens, p. 155.

de assumir autenticamente sua existência.<sup>19</sup> Veremos, porém, no próximo capítulo, que o rompimento definitivo com o "se" só se dará quando o Dasein ouvir a voz da sua consciência, que falando como silêncio, destruirá a fala do "se", que é a tagarelice, de uma forma definitiva.

E finalmente, o Dasein que assimilou, sustentado pela angústia, o sentido pleno de sua condição de ser-para-a-morte, conquista a liberdade diante da morte.<sup>20</sup> Esta liberdade não mais o leva a se sentir atemorizado diante da morte, mas o encoraja a levar em frente seu ser-no-mundo e o seu ser-com-o-outro, numa direção em que ele venha a ser autenticamente ele mesmo. O Dasein terá ainda outras etapas a cumprir para realizar sua autenticidade, mas o defrontamento com a morte e com sua finitude, é, sem dúvida, a etapa fundamental.

A compreensão do significado da morte e a integração deste significado à existência caracteriza, como vimos, uma parcela da autenticidade. A perspectiva da morte assumida põe fim ao viver espontâneo do Dasein, que o levava a escravizar-se aos utensílios e aos outros, certo da continuidade eterna do seu ser-no-mundo. O Dasein autêntico ainda precisará lidar com utensílios e com os outros, mas não mais se perderá neles: a finitude de sua própria "ipseidade" relembra-lhe da prioridade que ele deve conceder ao próprio eu e tentar realizar a totalização possível para este eu.

---

<sup>19</sup>"Death is Dasein's ownmost possibility. Being towards this possibility discloses to Dasein its ownmost potentiality-for-Being, in which its very Being is the issue. Here it becomes manifest to Dasein that in this distinctive possibility of its own self, it has been wrenched away from the they". (§ 263)

<sup>20</sup>"... freedom towards death - a freedom which has been released from the illusions of the they, and which is factual, certain of itself, and anxious." (§ 266)

### CAPÍTULO III - A VOZ DA CONSCIÊNCIA COMO O CHAMADO DO "CUIDADO"

O defrontamento angustiado com a morte levou o Dasein a perda do sentido do mundo e dos outros; com isto libertou-se de sua absorção pelo mundo com o qual se preocupava excessivamente. Ficou individualizado consigo mesmo, com toda sua potencialidade para ser recolhida nele mesmo; a partir disto, o Dasein sentiu-se livre para escolher a si mesmo, escolher que direção dar à sua potencialidade para ser.

Se o angustiado defrontamento com a morte recuperou a atenção do Dasein de sua absorção com o mundo, o problema agora está em que direção desenvolver a potencialidade para ser que habita no Dasein: a autenticidade exigirá que ele caminhe para ser si mesmo, de forma original e única.

Na busca de ser si mesmo, que equivale ao ser autêntico, o Dasein, agora, já não tem ilusões sobre a sua existência: sabe que ela é finita, e que seja o que for que ele vier a ser, terá um tempo limitado para se tornar isto. O recurso de fuga à questão de ser si mesmo, que era a antiga identificação com os utilílios e com os outros não mais se sustenta para um Dasein angustiadamente convicto da finitude da sua existência. Mas permanece o problema: o que vem a ser exatamente a sua potencialidade para que ele seja ele mesmo que, realizada, o tornará autêntico?

O Dasein, que quer dar vazão e cumprimento a sua potencialidade para ser, precisa que esta potencialidade seja confirmada nele mesmo, de uma forma que seja indubitável. O Dasein terá, então, na "voz da consciência", a instância que atestará a potencialidade para ser dele, permitindo que ele avance um passo adiante no processo dele se tornar ele mesmo.<sup>1</sup> Por voz da consciência, Heidegger não quer dizer que ela tenha uma origem extra-humana, que por isto traria exigências além do que o Dasein poderia vir a cumprir. A consciência, como algo intrínseco do Dasein, também só vem para um Dasein que a quer, ou que, pelo menos, dela necessita para dar direção à potencialidade para ser si mesmo.<sup>2</sup> Querer ter uma consciência, porém, com toda interiorização que isto implica, significa para o Dasein estar pronto para (continuar com) a angústia.<sup>3</sup>

O Dasein chegou a sua condição de queda por poder ouvir o discurso do "se" que é a tagarelice. A tagarelice, que veicula toda uma interpretação ambígua do ser-no-mundo, do ser-com-o-outro, e do ser-consigo-mesmo, envolveu e subjugou o Dasein, de maneira que, ouvindo-o, ele não consegue ouvir a si mesmo.<sup>4</sup> Importa-nos acrescentar que a assunção da perspectiva da morte, negada pelo "se", foi um abalo no poder do "se", que nega a morte mas não uma destruição definitiva do seu poder sobre o Dasein.

---

<sup>1</sup>"In terms of its possibility, Dasein is already a potentiality-for Being-its-Self, but it needs to have this potentiality attested... this potentiality is attested by... the voice of conscience." (§ 268)

<sup>2</sup>"To the call of conscience there corresponds a possible hearing. Our understanding of the appeal unveils itself as our 'wanting to have a conscience'." (§ 270)

<sup>3</sup>"Wanting-to-have-a-conscience becomes a readiness for anxiety." (§ 296)

<sup>4</sup>"Losing itself in the publicness and the idle talk of the 'they', it fails to hear its own Self in listening to the they-Self." (§ 271)

Para a voz da consciência se fazer ouvir pelo Dasein, habituado a ouvir a tagarelice do "se", precisará ser oposta, na sua natureza, à fala ociosa e descomprometida do "se", e também precisará despertar um outro tipo de ouvir, que não seja o ouvir irrefletido do Dasein decaído.<sup>5</sup>

A voz da consciência surge como um "dar a entender", como um "empurrão", ou ainda, um "súbito despertar", que abala o Dasein na sua condição de queda. A voz surpreende o Dasein, vindo mesmo contra suas expectativas e contra sua vontade exteriorizada na queda.<sup>6</sup> A voz da consciência, paradoxal que possa ser, não diz nada, mas fala, apenas, pelo se manter em silêncio, e obriga o Dasein, que a ouve, a ficar em silêncio.<sup>7</sup> E porque o silêncio? A razão fundamental é que de onde a voz vem só existe um silêncio mudo, de espanto e estranheza, como veremos logo adiante e, em segundo lugar, a voz é silenciosa, por que toda palavra está compromissada com a tagarelice do "se", e com a rede de preocupações arregimentadas por ele. A consciência, opondo-se ao "se", terá que falar diferentemente dele.<sup>8</sup>

A silenciosa voz da consciência que confirma a potencialidade para ser do Dasein, agudiza sua presença pela mesma angústia

---

<sup>5</sup>"... this listening away gets broken by the call if that call... arouses another kind of hearing which... has a character in every way opposite." (§ 271)

<sup>6</sup>"... the voice is taken rather as a giving-to-understand. In the tendency of disclosure which belongs to the call, lies the momentum of a push - of an abrupt arousal." (§ 271); "Indeed the call is precisely something which we ourselves have neither planned nor prepared for, nor voluntarily performed, nor have we ever done so. It calls against our expectations and even against our will." (§ 275)

<sup>7</sup>"Conscience discourses solely and constantly in the mode of keeping silent... (and) forces the Dasein... into the reticence of itself." (§ 273)

<sup>8</sup>"... toda palabra ses mundana, trata de cosas y nutre, por ende, las tendencias de la preocupación... (La consciencia) es llamada silenciosa... una interpelación muda que obliga a aquella existencia que la escucha a hacer callar las solicitudes mundanas." de Waelhens, pp. 160-161

tia, que já vimos surgir associada à compreensão do ser-para-a-morte. A angústia "afina" a voz da consciência, fazendo esta se tornar penetrante e devastadora no Dasein.<sup>9</sup> A angústia surge para sustentar o recolhimento do Dasein em si mesmo, a sua individualização como poder-ser, e a sua vontade de escolher-se a si mesmo, resultados surgidos com o seu angustiado defrontamento com sua morte.

A silenciosa voz da consciência, que atinge um Dasein angustiado, alcança a compreensão que o Dasein tem de si mesmo, em relação a sua sujeição ao "se". O chamado atinge o "eu" do Dasein decaído, numa ocasião em que ele ainda não está absolutamente diferenciado do "se", e constitui-se, misturado ao "se", em um amálgama indiferenciado e despersonalizado. É a este amálgama que a voz da consciência visa, com a intenção manifesta de seccionar e diferenciar o "eu" deste aglomerado.<sup>10</sup>

Podemos nos perguntar, nesta seqüência de etapas para a conquista da autenticidade que propomos, como um Dasein que já foi individualizado em relação aos outros, pode ainda estar subjugado ao "se"? Precisamos, para isto, recordar que, enquanto os outros são outros Daseins reais, o "se" se manifesta mais abstratamente, como uma interpretação pública, feita, no caso, por um conjunto de outros não especificados: o Dasein, separado fisicamente dos outros, ainda está, nesta etapa, preso à interpretação do mundo, do ser-com, e do ser-consigo-mesmo, promulgada pelo "se".

---

<sup>9</sup> "The call, whose mood has been attuned by anxiety, is what makes it possible first and foremost for Dasein project itself upon its ownmost potentiality-for-Being." (§ 277)

<sup>10</sup> "The call reaches Dasein in this understanding of itself, which it always has, and which is concernful in an everyday, average manner. The call reaches the they-self of concernful Being-with-others." (§ 272)

A voz da consciência, portanto, convoca o Dasein diretamente de sua condição de perda no "se".<sup>11</sup> E por que a massa in distinta, na qual o "eu" do Dasein decaído se encontra, é chamado a ouvir a silenciosa voz da consciência, o "se" "desaba", libertando o "eu" do Dasein, individualizando-o agora da interpretação ambígua do "se".<sup>12</sup> O Dasein, recuperado para si mesmo, agora do "se", terá vencido, além da absorção no mundo, a sua sujeição ao "se", tendo então redimido a si mesmo de sua condição de queda.

Nisto consiste o resgate definitivo do Dasein de sua condição de inautenticidade, condição pela qual ele vivia absorvido no mundo de sua preocupação e subjugado ao "se" como interpretação pública. Daí para frente, resgatado da inautenticidade, o Dasein deverá caminhar para conquistar sua autenticidade, que é a atualização de sua potencialidade para ser si mesmo.

Para que este efeito seja possível, e por uma razão de segurança, o chamado da consciência será melhor entendido pelo Dasein quanto mais isolado dos outros ele estiver.<sup>13</sup> A proximidade dos outros sempre poderá levar a que o "se", como interpretação ambígua vazada por eles, desqualifique e invalide esta fundamental experiência de encontro consigo mesmo.

Ouvir e compreender a voz da consciência é fazer a expe

---

<sup>11</sup>"Conscience summons Dasein's Self from its lostness in the 'they'." (§ 274)

<sup>12</sup>"And because only the Self of the they-Self gets appealed to and brought to hear, the 'they' collapses... the Self, which the appeal has robbed of this lodgment and hiding-place, gets brought to itself by the call." (§ 273)

<sup>13</sup>"When the call is understood with an existentiell kind of hearing, such understanding is more authentic the more non-relationally Dasein hears and understands its own Being-Appealed-to, and the less the meaning of the call gets perverted by what one says or by what is fitting and accepted." (§280)

riência plena da consciência.<sup>14</sup> Não ouvir, ou ouvir apenas parcialmente a voz da consciência, é não conhecer a consciência, e sua função.

Para todo este efeito, provocado pela voz da consciência, esta, longe de oferecer algo como uma calorosa aprovação, oferece apenas, ao Dasein que a atendeu, uma "fria reasseguração", uma sóbria e sumária indicação de que ele se encontra diante de sua legítima potencialidade de ser ele mesmo.<sup>15</sup> É contando apenas com esta fria reasseguração, que o Dasein terá que avançar nas etapas seguintes da conquista da sua potencialidade para ser si mesmo.

Tendo nos estendido, até agora, na caracterização, na função, e no efeito da voz da consciência, veremos daqui para frente, no que se constitui o chamado propriamente dito, e por que o seu conteúdo, quando entendido, é tão devastador para a sujeição do Dasein no "se".

Já vimos como o Dasein foi lançado na existência, como ser-no-mundo e como ser-com-os-outros. Nesta condição de lançado, o Dasein se pôs ativamente a estruturar sua existência, através de sua preocupação e da sua solicitude; o resultado disto foi que o Dasein passou a se sentir "em casa" no mundo, em um mundo que foi tornado familiar a ele.

A experiência da angústia, desintegrando o sentido do mundo e dos outros, devolveu o Dasein à percepção primordial do

---

<sup>14</sup>"Only from an understanding of the appeal and together with such an understanding does the full Experience of conscience let itself be grasped." (§ 279)

<sup>15</sup>"When the caller reaches him to whom the appeal is made, it does so with a cold assurance which is uncanny but by no means obvious." (§ 277)

seu mundo, e do seu ser-no-mundo: o Dasein passou a se sentir estranho ao mundo, percebendo que foi lançado, jogado nele. Esta percepção de sua condição de lançado, e da estranheza resultante do Dasein para com o mesmo mundo no qual se sentia antes tão ã vontade, só se dá para um Dasein angustiado.<sup>16</sup> É a mesma angústia que destituiu o sentido do mundo e dos outros, que levou o Dasein a se sentir estranho no mundo e finalmente, o preparou para ouvir a voz da sua consciência.

Será a partir desta estranheza do ser-no-mundo primordial, que o "cuidado", como essência do Dasein e como a voz da consciência, chama o Dasein decaído.<sup>17</sup> Este chamado, que traz o Dasein de volta a si mesmo, e para a derrelição, como a origem real do seu ser-no-mundo, é chamado por Heidegger de "chamado de volta" (call back).<sup>18</sup>

O "cuidado" se revela como sendo aquela compreensão primordial que o Dasein tem de si mesmo, como ser lançado, jogado na existência, compreensão que jamais foi totalmente esquecida. O "cuidado", materializando-se como voz da consciência, lembra ao Dasein recuperado da sua perda na exterioridade do mundo e do "se", da sua condição de estranho, tanto ao mundo, quanto ao "se".

O chamado da consciência é silencioso, por que de onde ele vem, que é da vivência primordial da derrelição, o que exis-

---

<sup>16</sup>"The thrownness of this entity belongs to the disclosedness of the 'there' and reveals itself constantly in its current state-of-mind... For the most part, however, its mood is such that its thrownness gets closed off... Uncanniness reveals itself authentically (only) in the state-of-mind of anxiety." (§ 276)

<sup>17</sup>"Conscience is the call of care from the uncanniness of Being-in-the-world..." (§ 288)

<sup>18</sup>"... the 'whence' of the calling (the uncanniness) is the 'whither' to which we are 'called back'." (§ 280)

te é o silêncio do espanto. O chamado silencioso, que vem do silêncio da derrelição primordial, obriga também o Dasein a ouvir, a permanecer em silêncio.<sup>19</sup> A fala, com todo comprometimento que esta tem com o mundo e com os outros, destruiria esta percepção da estranheza diante do mundo, e do recolhimento do Dasein a esta estranheza.

O chamador é o mesmo Dasein que, a partir da derrelição, está angustiado a respeito de sua potencialidade para ser, enquanto quem é chamado, é o Dasein que se deixou confundir pelo "se".<sup>20</sup> Na verdade, o Dasein é íntegro em si mesmo: o que se deu é que o Dasein nunca foi totalmente absorvido pela preocupação com o mundo, e nem pela interpretação pública do "se". Na intimidade de si mesmo, ele permaneceu estranho ao mundo e aos outros e ao "se", e então esta interioridade estranha ao mundo chama a sua própria exterioridade que se deixou decair.

O chamado, portanto, que brota da intimidade mesma do próprio Dasein, chama-o para a potencialidade de ser si mesmo. É este chamado para ser si mesmo, que se constitui no "chamado para diante" (call forth), que empurra o Dasein para adiante de si mesmo, mas numa direção em que ele torne o desdobramento legíti-

---

<sup>19</sup>"Only in keeping silent does the conscience call; that is to say the call comes from the soundlessness of uncanniness, and the Dasein which it summons is 'called back' into the stillness of itself, and 'called back' as something that it to become still. Only in reticence, therefore, is the silent discourse of conscience understood appropriately..." (§ 296)

<sup>20</sup>"The caller is Dasein, which in its thrownness (in its Being-already-in), is anxious about its potentiality-for-Being. The one to whom the appeal is made is this very same Dasein, summoned to its ownmost potentiality-for-Being (ahead-of-itself); Dasein is falling into the 'they' (in Being-already-alongside the world of its concern), and is summoned out of this falling by the appeal." (§ 277); "El que interpela es el Dasein en la desnudez de su condición original de su derrelición. El interpelado es el Dasein en cuanto extendido y disperso en el Man. de Walhens, p.165

mo de si mesmo.<sup>21</sup> O mesmo Dasein, que diante do angustiado de-  
frontamento com a morte, quis escolher-se a si mesmo, é instado,  
a partir dele mesmo, a assumir seu ser de forma que seja única  
e adequada a ele mesmo. Estamos, portanto, na ante-câmara da au-  
tenticidade: o Dasein é convidado, pela sua própria interiorida-  
de, a se tornar o desdobramento pleno e legítimo de si mesmo. Rea-  
lizar efetivamente isto é conquistar a autenticidade.

A potencialidade de ser si mesmo, evocado no Dasein pe-  
lo chamado para adiante, surge associada à assunção, do Dasein,  
de sua culpabilidade.<sup>22</sup> A noção de culpabilidade tem um signifi-  
cado particular para Heidegger, e reclama uma exposição pormeno-  
rizada; será a assunção plena da culpa, tal como esta é entendi-  
da por Heidegger, que significará que o Dasein ouviu, na sua in-  
teireza, o chamado da sua consciência. Veremos, progressivamen-  
te, o conceito de culpa de Heidegger.

O Dasein, como ser lançado, como ser-no-mundo, e como  
ser-com-os-outros, existe e tem neste existir, a base para o des-  
dobramento de sua potencialidade para ser; a partir desta base,  
o Dasein se projeta, e persegue as suas possibilidades. O Dasein,  
porém, como ser lançado, jamais poderá recuar sua percepção, e  
sua decisão pessoal a um ponto anterior quando ainda não era um  
ser lançado: é só como ser lançado que o Dasein pode ter acesso  
a si mesmo. Isto significa uma falta de poder sobre si mesmo  
que é fundamental, e que impedirá, de forma que é definitiva, que  
o Dasein, em algum dia de sua existência, venha a ser completa -

---

<sup>21</sup>"... it (the conscience) 'calls Dasein forth' (and forward) into  
its ownmost possibilities, as a summon to its ownmost potentiality-  
for-Being-its-Self." (§ 273); "A consciência apresenta-se como  
apelo do Dasein ao seu mais pessoal poder-ser, e à sua própria  
responsabilidade." Jolivet, p. 132

<sup>22</sup>"The call of conscience has the character of an appel to Dasein  
by calling it to its ownmost potentiality-for-Being-its-Self;  
and this is done by way of summoning it to its ownmost-Being-  
guilty." (§ 269)

mente dono de sua existência.<sup>23</sup>

Este é, portanto, o sentido de culpa do Dasein, para Heidegger: o Dasein existindo a partir de sua condição de ser lançado, sem jamais poder ter decidido sobre sua existência. A derrelição, como tal, lançou o Dasein frontalmente ao mundo, aos outros, e ao "se"; a inautenticidade, como esquecimento do próprio ser pela absorção com o mundo e sujeição ao "se" foi, portanto, necessária e inescapável. Esta concepção de falta de poder, que equivale a um defeito intrínseco ao Dasein, a uma nulidade que contamina e se estende a todo o existir fático do Dasein, é o sentido da culpa e do ser culpado.<sup>24</sup>

Será a partir de uma percepção plena de sua condição de lançado, que é a sua culpabilidade, que o Dasein poderá, então, de forma autêntica, perseguir e realizar as possibilidades que levarão à potencialidade dele ser ele mesmo.<sup>25</sup> Só esta é a legi

---

<sup>23</sup>"Dasein ... as this entity to which it has been thus delivered over, it is, in its existing, the basis of its potentiality-for-Being... In being a basis - that is, in existing as thrown - Dasein constantly lags behind its possibilities. It never exists before its bases but only from it and as this basis. Thus 'Being a basis' means never to have power over one's ownmost Being from the ground up. This not belongs to the existential meaning of thrownness. It itself, being a basis, is a nullity of itself." (§ 284); "... la derelición hace que el Dasein se sinta... ya existente; el Dasein toma conciencia de no haberse dado ao ser, se descubre ja arrojado en el mundo... Está portanto excluido que el Dasein pueda llegar a ser dueño absoluto de su existencia. Hemos aqui, la fuente de la negatividad del Dasein... El Dasein debe hacer su existencia sin haber hecho su existir..." de Waelhens, pp. 168-170

<sup>24</sup>"Here we define the formally existential idea of the Guilty as Being-the-basis for a Being which as been defined by a not - that is to say, as Being-the-basis of a nullity." (§ 283)

<sup>25</sup>"The appeal call back by calling forth: it calls Dasein forth to the possibility of taking over, in existing, even that thrown entity which it is; it calls Dasein back to its thrownness so as to understand this thrownness as the null basis which it has to take up into existence." (§ 287); "El llamamiento de la consciencia quiere llevar al Dasein al ejercicio de sus posibilidades autenticas, tal como estas fluyen de su situación fundamental", de Waelhens p. 166.

tima base para o encetamento de sua existência autêntica: a culpabilidade. O Dasein só poderá se projetar autenticamente na potencialidade para ser si mesmo, evocada pelo "chamado adiante" da voz da consciência, se integrar à esta projeção, pelo "chamado de volta", a derrelição, como a origem legítima do seu ser-no-mundo. Assumir a potencialidade para ser, associada à culpabilidade significa que o Dasein escolheu a si mesmo.<sup>26</sup>

Temos, enfim, o sentido pleno da autenticidade: é a realização da potencialidade para ser legitimamente si mesmo, integrando à existência, tanto a compreensão de sua finitude, provocada pela morte, quanto a culpabilidade, como a falta de poder sobre a própria origem da existência. Realizar a si mesmo sob esta dupla perspectiva, é realizar a autenticidade.

O Dasein, que teve pela sua consciência a sua potencialidade para ser atestada de forma definitiva, não caminha para adiante de forma vaga e imprecisa. O Dasein, tendo ouvido e compreendido o apelo da consciência terá uma idéia bastante individualizada e precisa do que seja ser ele mesmo.<sup>27</sup>

O Dasein estará então pronto para agir, para agir numa direção de que ele consumirá, efetivamente, a potencialidade de ser si mesmo.<sup>28</sup> Esta ação efetivamente ocorrerá na próxima etapa da conquista da autenticidade, que será o estado de resolução, que, como compreensão e como ação propriamente dita, instalará

---

<sup>26</sup>"Hearing the appel correctly is thus tantamount to having an understanding of oneself in one's ownmost potentiality-for-Being—that is, to prejecting oneself upon ownmost authentic potentiality for becoming guilty... In understanding the call, Dasein is in thrall to its ownmost possibility of existence. It has chosen itself." (§ 287)

<sup>27</sup>"When the call gives us a potentiality-for-Being to understand, it does not give us one which is ideal and universal; it discloses it as that which has been currently individualized and which belongs to that particular Dasein." (§ 280)

<sup>28</sup>"To hear the call authentically signifies bringing oneself into a factual taking-action." (§ 294)

o Dasein na autenticidade. E só após a superação da queda, com o Dasein não mais enredado no mundo e no "se", é que o Dasein poderá realmente agir para si mesmo: anteriormente a isto, qualquer ação, só aumentaria o estado de auto-emaranhamento e de afundamento em si mesmo no qual o Dasein anteriormente existia.

A derrelição foi inevitável para o Dasein, e daí, sua queda, que foi a sua inautenticidade. Foi pelo fato do Dasein não ter determinado a origem do seu ser-no-mundo, que ele já surgiu no mundo deixando-se absorver preocupadamente com ele. Pela mesma forma, o "se", como interpretação geral do seu ser-no-mundo, ser-com-o-outro, e do ser-consigo-mesmo, foi a única interpretação possível que ele encontrou, para que com isto ele construísse seu próprio "eu".<sup>29</sup> Por isto, e reafirmando uma idéia já desenvolvida, a inautenticidade, sem ser uma falta do Dasein, é antes, a única condição inicial possível do Dasein.

Ao mesmo tempo que a derrelição levou o Dasein à queda, ela permitiu que, pelo chamado da consciência, ele fosse trazido de volta para si mesmo, e para a potencialidade de ser ele mesmo.<sup>30</sup> Isto se deu por que a derrelição, tal como foi a vivência original do Dasein, se deu com um impacto emocional tão forte para o Dasein, pela angústia, que esta experiência individualizada compôs-se como a consciência, que surgiu com a missão de lembrar o Dasein de sua origem real, para que a partir desta origem real, ele pudesse efetivamente se tornar ele mesmo.

---

<sup>29</sup> "In the structure of thrownness... there lies essentially a nullity. This nullity is the basis of the possibility of inauthentic Dasein in its falling; and as falling, every inauthentic Dasein factually is." (§ 285)

<sup>30</sup> "... only because Dasein is guilty in the basis of its Being... conscience possible." (§ 286)

Finalmente, assumir a culpabilidade significa superar uma interdição imposta pelo "se", que por isto mesmo, deixou de existir.<sup>31</sup> O "se", enquanto interpretação ambígua, só se sustentou com a desconsideração da morte, como o fim do Dasein, e com o passar ao lado da derrelição, como a verdadeira origem do Dasein, origem esta que, como culpa, se faz acompanhar ao lado do Dasein, durante todo o correr de sua existência.

---

<sup>31</sup>"... the everyday experience of conscience has no acquaintance with anything like getting summoned to Being-guilty." (§ 292)

## CAPÍTULO IV - O ESTADO DE RESOLUÇÃO ANTECIPATÓRIA E A INSTAURAÇÃO DA EXISTÊNCIA AUTÊNTICA

Após o capítulo passado, ficou claro, para nós, o que significa a autenticidade: é o existir, sendo legitimamente si mesmo, a partir da assunção da dupla perspectiva da finitude e da culpabilidade. Para chegar a esta dupla perspectiva, o Dasein teve que se compreender como ser que morre e teve também que ouvir a voz da sua consciência, que lhe lembrou de sua culpabilidade.

A compreensão de sua culpabilidade foi feita pelo Dasein que, permanecendo angustiado, pode re-experimentar a estranheza do ser-no-mundo primordial. Foi também fazendo silêncio em si mesmo, que ele pôde ouvir a voz muda de sua consciência, falando-lhe a partir desta experiência do ser-no-mundo primordial, que jamais foi esquecida. Angústia, silêncio e culpabilidade somadas instalam o Dasein no "estado de resolução", que as sinala a conquista da sua condição de existente autêntico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>"... this reticent self-projection upon one's ownmost Being-guilty, in which one is ready for anxiety, we call 'resoluteness'." (§§ 296-297); "tal es la existencia autentica o resuelta. Consiste, haciendose asumir en el silencio y en la angustia, la culpabilidad fundamental, que es a su vez, pré-implicación de todas las posibilidades del Dasein." (Gaos, p. 78)

O Dasein, resgatado da inautenticidade, já está diante do que significa sua autenticidade, como ser si mesmo: o "estado de resolução", que veremos logo a seguir, leva o Dasein a agir, para efetivar sua autenticidade na existência fática.

O Dasein, que agora está pronto a agir para realizar seu ser, terá que agir no mundo, e junto aos outros. Lembramos que foi a absorção preocupada com o mundo, e a sua sujeição ao "se", que o levaram à sua condição de queda e de inautenticidade, tendo sido necessário todo um esforço de desconexão e individualização, para que o Dasein pudesse se alçar desta condição. A potencialidade para ser, anunciada inicialmente no angustiado ser para a morte, e confirmada com o "chamado para adiante" da voz da consciência, reformularam a compreensão que o Dasein tinha do seu ser-no-mundo e do seu ser-com-os-outros, em função de sua potencialidade para ser.<sup>2</sup> O mundo e os outros, tal como ressurgem para um Dasein em estado de resolução, não mais o levam a esquecer de si próprio. Assim, após o Dasein ter-se separado do mundo e dos outros, agora ele retorna a ambos, entendendo que é no mundo, junto com os outros, que ele realizará a potencialidade para ser ele mesmo.<sup>3</sup>

O Dasein que retoma seu ser-no-mundo, reassume a preocupação circunspectiva necessária para que ele descubra e se

---

<sup>2</sup>"The world which is ready-to-hand does not become another one 'in its content', nor does the circle of others get exchanged for a new one; but both... are now given a definite character in terms of their ownmost potentiality-for-Being-their-Selves". (§§ 297-298)

<sup>3</sup>Resoluteness brings Dasein right into its current concerned Being-alongside what is ready-to-hand, and pushes it into solicitous Being with Others." (§ 298); "... la existencia resuelta es precisamente aquella que está plenamente edificada sobre la necesidad ineludible para el hombre de ser-en-el-mundo. Igualmente es la existencia resuelta que más que ninguna otra siente el ser-en-común, puesto que éste es una condición existencial del Dasein." de Waelhens, p. 180

utilize dos utensílios, precisará estar circunspectivamente atento aos signos, regiões, lugares e redondezas dos utensílios. A diferença agora é que, enquanto que antes ele se deixava absorver com isto, agora ele, preservando o sentido do seu próprio ser, subordina sua preocupação à sua potencialidade para ser, com isto, contendo-a dentro de limites seguros.<sup>4</sup>

Pela mesma forma, um Dasein resoluto, retoma o convívio vivido com os outros, redescobrendo a sua solitudine para com eles. Agora, porém, a diferença dele em relação aos outros, e dos outros em relação a ele, denominada de "distanciamento" não mais será alvo de uma redução à "medianidade", com isto "nivelando para baixo", tanto o próprio Dasein quanto os outros. O Dasein, atento a realizar a potencialidade dele mesmo, numa atitude de tolerância, será condescendente que os outros também realizem a potencialidade deles, sem a sua interferência. Só assim, um autêntico ser-com-o-outro poderá acontecer. O Dasein, livre no seu ser-com, poderá atuar como a consciência dos outros, lembrando-lhes tanto a potencialidade de ser deles, quanto a derrelição, como origem comum de todos.<sup>5</sup>

O estado de resolução conquistado permite entender que ao superar o "se", o Dasein também deixe para trás a "irresolução", como a condição na qual o Dasein era vivido pela ambígua interpretação do "se", na qual, devido ao seu efeito paralizan-

---

<sup>4</sup>"... la existencia resuelta no trata tampoco de arrancarnos de nuestras tareas cotidianas, mas quiere que no nos perdamos en ellas... La existencia resuelta no nos aparta de nuestras preocupaciones, pero nos libra de su obsesión y tiranía." de Waelhens, p. 180

<sup>5</sup>"Dasein's resoluteness towards itself is what first makes it possible to let the Others who are with it 'be' in their ownmost potentiality-for-Being, and to co-disclose this potentiality in the solitudine which leaps forth and liberates. When Dasein is resolute, it become the 'conscience' of Others." (§ 298)

te, ninguém resolve coisa alguma.<sup>6</sup> O estado de resolução, diferentemente, surge como a mais autêntica realização por que é realização do ser mesmo do Dasein.

Como já vimos, a potencialidade para ser perseguida pelo Dasein, surge estritamente associada à projeção no ser-culpado: o Dasein entende que é a partir da base deficiente da sua existência que ele deverá realizar a potencialidade de ser si mesmo; a compreensão da culpabilidade acompanha o Dasein ao longo de toda sua existência. Na medida em que o Dasein se projeta compreensivamente sua potencialidade para ser até adiante, em direção ao seu futuro, a culpabilidade, como a origem do seu ser-no-mundo, encontra com a morte, como o fim do seu ser-no-mundo. A antecipação da morte, retomada e associada à culpabilidade e à potencialidade para ser si mesmo, torna o estado de resolução poderoso no Dasein. Será, portanto, apenas como antecipação da morte, que o estado de resolução poderá se estabelecer como tal.<sup>7</sup> Ao estado de resolução, que se reencontra com a antecipação da morte, Heidegger denominará "estado de resolução antecipatória".

Da mesma forma, o ser-para-a-morte reinvocado junto ao estado de resolução, agudiza para o Dasein o sentido da culpabilidade.<sup>8</sup> Fica claro com isto que o Dasein é o ente que não

---

<sup>6</sup>"The term 'irresolutness merely expresses that phenomenon which we have interpreted as a Being-surrendered to the way things have been prevalentely interpreted by the 'they'. Dasein, as they-self, gets lived by the common-sense ambiguity of that publicness in which nobody resolves upon anything but which has always has made its decision." (§ 299)

<sup>7</sup>"... as anticipation of death - resolutness becomes authentically what it can be." (§ 305)

<sup>8</sup>"Anticipatory resolutness lets the potentiality-for-Being-guilty... be struck wholly into the conscience." (§ 307)

pode determinar nem a origem, e nem o fim de sua existência. Desta forma, sua existência, no esforço de provar-se autêntica, terá que se desenvolver, com angústia e com silêncio, entre duas coisas. Este é o sentido último da autenticidade disponível para o Dasein: existir sendo legitimamente ele mesmo, com angústia e em silêncio, entre a derrelição como a origem do seu ser-no-mundo, e a morte, como o fim do seu ser-no-mundo.

A retomada do ser-para-a-morte, com a angústia que sempre lhe é concomitante, traz de volta os mesmos efeitos que já consideramos anteriormente, ou melhor, revifica os mesmos efeitos. Nesta ressurgência o olhar, à partir da morte, reconsidera as possibilidades presentes, e descarta as possibilidades que não sejam legitimamente pertinentes à potencialidade para ser do Dasein. Este olhar discriminativo, que antes considerava apenas cognitivamente as possibilidades, é agora especialmente importante, quando o Dasein, em estado de resolução antecipatória, está pronto para agir. Assim, o Dasein, diante da sua potencialidade para ser, cômico da culpabilidade, e diante da morte, não mais verá a autenticidade de sua existência abalada por fator algum.<sup>9</sup>

A associação entre a angústia e o estado de resolução se dá de forma interdependente. A angústia, inicialmente ligada à antecipação da morte, já incitava o Dasein a que este escolhesse a si mesmo. Por outro lado, a angústia só pode crescer

---

<sup>9</sup> "When, in anticipation, resoluteness has caught up the possibility of death into its potentiality-for-Being, Dasein's authentic existence can no longer be outstripped by anything." (§ 307); "Esta resolução, que coloca tudo sob a perspectiva da morte... corresponde a uma conquista permanente... a uma vitória que continuamente se renova, contra os sempre novos e constantes aliciamentos da inautenticidade." Jolivet, p. 138

em um Dasein que se encontra em estado de resolução.<sup>10</sup> Vemos assim mais uma vez, a onipresença da angústia no processo de conquista da autenticidade: ela permitiu o defrontamento com a morte, trouxe o Dasein para ouvir a voz de sua consciência, e o sustentou para que ele alcançasse e se sustentasse no estado de resolução.

O estado de resolução antecipatória, que estabelece o Dasein na existência autêntica, virá permitir que o Dasein, executando a sua existência de uma forma que lhe seja única, conquiste poder sobre seu existir, resgatando assim sua existência da derrelição e da culpabilidade, que sempre a marcaram.<sup>11</sup> Resgatar a existência da derrelição e da culpabilidade não significa que estas cessem de pesar sobre o existente autêntico: quer dizer, antes, que o Dasein autêntico ao resgatar sua existência do nada de onde esta saiu, incorpora este nada no seu existir, e faz deste nada a base de sua potencialidade de ser.

O estado de resolução antecipatória posiciona o Dasein face a face à situação. A situação é o "aí" do Dasein, o terreno fático absoluto, do qual a sua ação como Dasein autêntico deverá partir, para efetivar concretamente a autenticidade de sua existência. A situação a que nos referimos agora, não é a situação de derrelição, à qual o Dasein está submetido desde a origem de sua existência: a situação, revelada pelo estado de resolução, é a totalidade de faticidade que circunscreve e apri-

---

<sup>10</sup>"The indefiniteness of death is primordially disclosed in anxiety. But this primordial anxiety strives to exact resoluteness of itself. It moves out of the way everything which conceals the fact that Dasein has been abandoned to itself (to die)." (§ 308); "But anxiety can mount authentically only in a Dasein which is resolute... he understands the possibility of anxiety (as) the mood which neither inhibits nor bewilders him." (§ 344)

<sup>11</sup>Anticipatory resoluteness... is rather that understanding which follows the call of conscience and which frees for death the possibility of acquiring power over Dasein's existence..." (§ 310)

siona o Dasein no instante mesmo que ele a considera. Esta situação, só se revela para um Dasein em estado de resolução.<sup>12</sup>

O estado de resolução antecipatória, integrando culpabilidade e ser-para-a-morte, num clima de angústia e silêncio, deixa o Dasein pronto para agir. A ação, porém, emergirá através de um "ato de resolução", que significa a ação do Dasein. O "estado de resolução", como potencialidade de ação, se atualiza através do "ato de resolução"; apenas como ato de resolução, o estado de resolução se concretiza.<sup>13</sup>

Se pelo ato de resolução o Dasein se viu colocado diante da situação, o ato de resolução descortina para o Dasein o que é faticamente possível fazer.<sup>14</sup> A ação autêntica nunca emergirá desconsiderando a faticidade na qual o Dasein se encontra; pelo ato de resolução, o Dasein perceberá o espaço de liberdade que ficou em aberto para o seu agir, e assim, ele age.

Agir numa situação não é algo fácil para o Dasein. A situação varia incessantemente, não podendo, por isto, ser calculada previamente.<sup>15</sup> O ato de resolução do Dasein, precisará portanto, estar atento a esta mutabilidade da situação, para eventualmente não agir absolutamente, aguardando, então, circunstâncias mais apropriadas para a ação.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup>"The situation is the 'there' which is disclosed in resoluteness... the situation is only through resoluteness and in it." (§§ 299-300)

<sup>13</sup>"Resoluteness exists only as a resolution... Only in a resolution is resoluteness sure of itself ." (§ 298); "El estado de resuelto tiene una indeterminación que sólo se determina en la resolución misma...". Gaos, p. 74

<sup>14</sup>"The resolution is precisely the disclosive projection and determination of what is factually possible at the time." (§ 298)

<sup>15</sup>"The situation cannot be calculated in advance, or presented like something present-at-hand which is waiting for someone to grasp it." (§ 307)

<sup>16</sup>"... the resolution ... must be held open and free for the current factual possibility. The certainty of the resolution signifies that one holds oneself free for the possibility of taking it back - a possibility which is factually necessary." (§§ 307-308)

A percepção do Dasein da sua situação, e das possibilidades de ação que ele terá a partir dela, se dá em um "momento de visão", quando então, tanto a faticidade da situação quanto as possibilidades existentes se abrem para o Dasein.<sup>17</sup> O momento de visão é a atenção do Dasein, resgatada do fazer-presente da preocupação e curiosidade; o momento de visão é, também, a forma do Dasein viver autenticamente seu presente.<sup>18</sup>

Finalmente, é o momento de visão, como o olhar que considera a situação na qual o Dasein agirá, que permite a ele a "equanimidade", que, de forma oposta à "turbulência" da queda, caracteriza a existência autêntica.<sup>19</sup> Além da equanimidade, Heidegger nos lembra que, apesar de toda angústia presente no processo da conquista da autenticidade, angústia que se faz sóbria, o Dasein que realiza a sua potencialidade para ser também é capaz de experimentar uma inamovível "alegria". Esta alegria é resultado de uma potencialidade para ser que realiza a si mesma, sem mais se deixar enredar nas malhas dispersivas do "se".<sup>20</sup>

Heidegger não se detém em considerar quais venham a ser, especificamente, as ações concretas, efetuadas pelos atos de resolução, que efetivam a autenticidade do Dasein. Fazer isto, seria sair do plano da análise da "essência" do Dasein, isolado

---

<sup>17</sup>"When resolute, Dasein has brought itself back from falling, and has done so precisely in order to be more authentically 'there' in the 'moment of vision' as regards the situation which has been disclosed". (§ 328)

<sup>18</sup>"That present which is held in authentic temporality and which thus is authentic itself, we call the 'moment of vision'." (§ 338)

<sup>19</sup>"... equanimity. This... mood springs from resoluteness, which, in a moment of vision, look at those situations which are possible in one's potentiality-for-Being-a-whole as disclosed in our anticipation of death." (§ 345)

<sup>20</sup>"Along with the sober anxiety which brings us face to face with our individualized potentiality-for-Being, there goes an unshakable 'joy' in this possibility. In it, Dasein becomes free from entertaining incidentals with which busy curiosity keeps providing itself..." (§ 310)

abstratamente dos homens concretos que vivenciam situações diversas. Contudo, podemos conjecturar que cada Dasein, tomado individualmente, tendo alcançado o estado de resolução, saberá reconhecer a faticidade geral na qual se encontra, e a situação particular que o envolve, e então agirá, consolidando, assim, a autenticidade da sua existência individual.

Veremos no próximo capítulo, como última etapa do processo da conquista da sua autenticidade, como o Dasein, já existindo autenticamente, caminha para concretizar sua existência como destino, recuperando para isto, modelos de existência, que do passado do grupo ao qual pertence, o inspiram a agir na simplicidade de ser fiel a si mesmo.

## CAPÍTULO V - A CONSTITUIÇÃO DA EXISTÊNCIA RESOLUTA COMO DESTINO

Após o Dasein ter-se alçado ao estado de resolução antecipatória, nós vemos o Dasein estabelecido na existência autêntica. O Dasein autêntico é aquele que é cômscio da derrelição como a origem da sua existência (ou seja, cômscio de sua culpabilidade), e está à espera da morte, como o fim do seu ser-no-mundo. A partir daí, como angústia e em silêncio, ele, face a face à situação, pela especificidade do ato de resolução, busca concretizar a potencialidade dele ser ele mesmo.

Na medida em que a existência do Dasein transcorre entre os dois pontos terminais, que são o seu nascimento como ser lançado, e sua morte, a existência do Dasein transcorrerá como "um estender a si mesmo ao longo de".<sup>1</sup> Este estender-se, se faz integrando-se tanto a origem quanto o fim do Dasein e transcorre de uma forma que é única, para cada Dasein, e sempre surpreendente para o próprio Dasein, pois que situação alguma, bem

---

<sup>1</sup>"Dasein does not fill up a track or stretch 'of life'... It stretches itself along in such a way that its own Being is constituted in advance as a stretching-along." (§ 374)

como seu agir para com cada situação, poderão ser previstos de ante-mão. À este movimento auto-propulsionado de extensão ao longo de, Heidegger denomina de historialização do Dasein".<sup>2</sup> No estender-se no tempo, o Dasein se faz história.

A historialização no sentido aqui considerado, só se dá para um Dasein autêntico. O sentido de uma historialização só se pode dar para um Dasein, que, em estado de resolução antecipatória, alcançou a autenticidade, por que só um Dasein que se projetou tanto sobre sua culpabilidade, quanto sobre sua morte, pode ter um entendimento da questão da temporalidade, subjacente à questão da historialização.<sup>3</sup>

Tratar da historialização nos remete ao tratamento da questão do passado. A nossa compreensão usual do passado nos leva a ver em tudo que é passado, algo que não mais está no presente, e que portanto, não mais influencia significativamente o presente. Para Heidegger, porém, tudo aquilo que é passado sobrevive, e, a partir desta sobrevivência, continua a influenciar o presente. Por isto, Heidegger preferirá considerar a história, bem como o passado nela acumulado, como uma "derivação", que do passado se estende até ao presente.<sup>4</sup>

Já vimos como o Dasein, a partir do estado de resolução antecipatória se pôs diante da sua situação, e pela especificidade do ato de resolução, descobriu as possibilidades fáticas do existir autêntico, possíveis para aquela situação, agin-

<sup>2</sup>"The movement of existence... is definable in terms of the way Dasein stretches along. The specific movement in which Dasein is stretched along and stretches itself along we call its 'historizing'." (§ 375)

<sup>3</sup>"Temporality gets experienced in a phenomenally primordial way in Dasein's authentic Being-a-whole, in the phenomenon of anticipatory resoluteness." (§ 304)

<sup>4</sup>"What we next have in mind with the term 'history' is not so much 'the past' in the sense of that which is past, but rather 'derivation' from such a past. Anything that 'has a history' stands in the context of a becoming." (§ 378)

do logo a seguir. Acrescentamos agora que o Dasein descobre estas possibilidades de ação como uma "herança" que do passado, estava preservada, como derivação, e disponível, para que ele, através do estado de resolução, tomasse posse dela para si.<sup>5</sup>

A herança será assumida pelo Dasein, através de uma "repetição", pela qual o Dasein toma para si, de um modo que é explícito, as possibilidades que do passado ficaram preservadas; com isto, ele tem algo, por onde começar a compor a sua existência autêntica.<sup>6</sup> Repetir aquilo que pode e deve ser repetido, passa a ser um ato de lealdade do Dasein à sua herança, bem como àqueles outros Daseins que deixaram esta herança. Vemos, por isto, que a existência autêntica, se constitui na atualização de um modelo básico de existência, que dos recessos da história humana anteriores ao Dasein em questão, é essencialmente o mesmo, e por isto, pode se repetir.

A herança constitui-se naquelas possibilidades autênticas de ser-si-mesmo, que longe de serem, na sua essência, exclusivas de um Dasein isolado, pertencem a todos os Daseins como um patrimônio comum. Estas possibilidades são praticamente as mesmas, tanto para os Daseins que antecederam ao Dasein presente, quanto para aqueles que ainda se seguirão a ele em um tempo futuro. Temos, então, neste patrimônio comum, um vínculo que une gerações.

---

<sup>5</sup>"The resolutness in which Dasein comes back to itself, discloses current factual possibilities of authentic existing and discloses them in terms of the 'heritage' which that resolutness, as thrown take over." (§ 383)

<sup>6</sup>"The resolutness which comes back to itself and hands itself down, then becomes the 'repetition' of a possibility of existence that has come down to us. Repeating is handing down explicitly - that is to say, going back into the possibilities of the Dasein that has-been-there." (§ 385); "... a repetição corresponde a uma réplica das possibilidades da existência passada, a um chamamento daquilo que, do passado, age sobre o presente. É que o passado... está em constante prorrogação." Jolivet, p. 148.

A repetição, sendo também um ato de resolução, se dá em um momento de visão no qual, ao mesmo tempo em que possibilidades passadas são seletivamente escolhidas e integradas à existência presente, possibilidades presentes que atuam como sobrevivências indevidas do passado são descartadas.<sup>7</sup> Ao mesmo tempo que a repetição recupera um passado que deve ser recuperado, ela nega aquelas possibilidades presentes que são remanescentes das passadas, e que prejudicam a inserção adequada do Dasein no seu tempo. Importa que o Dasein escolha que elementos do passado ele vai integrar, e não que aceite passivamente a influência do passado sobre si.<sup>8</sup>

A perspectiva da morte e da finitude da existência que permanece no Dasein que recupera, pela repetição, a sua herança, leva o Dasein a compreender e levar sua existência como "destino".<sup>9</sup> Destino é "o poder superior", que no entanto, é desprovido de poder real, "que se põe em prontidão para enfrentar adversidades".<sup>10</sup> A existência autêntica, constituída como

---

<sup>7</sup>"... the repetition makes a reciprocative rejoinder to the possibility of that existence which has-been-there. But when such a rejoinder is made to this possibility in a resolution, it is made in a moment of vision; and as such it is as the same time a disavowal of that which in the 'today', is working itself out as the 'past'." (§ 386)

<sup>8</sup>"Es evidente que la repetición no puede ser la loca doctrina de Nietzsche, del eterno retorno... El Dasein no se repite a la manera de las estaciones... El mensaje acumulado por nuestro pasado propone ejemplos y heroes que imitar... Así, sin alterar en nada la unicidad... inevitable de mi existencia y de mi destino, podría yo repetir al otro... sin ser ni copista ni plagiaro... El existente resuelto proyecta en su existencia um acto integral-suyo, mas para el cual ha recibido el ejemplo (no el contenido) porque es heredero de tradiciones. La verdadera repetición es una recreación que trata de salvaguardar a la vez la unicidad de todo acto humano y el valor imperecedero de lo que ha logrado verdaderamente ser inscrito en el ser...". de Waelhens, pp. 238-239.

<sup>9</sup>"Once one has grasped the finitude of one's existence, it snatches one back from the endless multiplicity of possibilities which offer themselves as closest to one... and brings Dasein into the simplicity of its fate." (§ 384)

<sup>10</sup>"Fate is that powerless superior power which puts itself in readiness for adversities...". (§ 385)

destino, agindo para efetivar na ação a sua potencialidade para ser, terá necessariamente que se bater com dificuldades. Todo compreender, é vislumbrar uma possibilidade de ação na faticidade circunjacente; todo agir é estabelecer um outro estado de coisas: isto não se faz sem esforço.

O Dasein existindo como destino estará pronto para se bater tanto contra circunstâncias que lhe sejam favoráveis, quanto contra as que lhe sejam adversas.<sup>11</sup> Destino não significa que o Dasein encontre um caminho aplainado diante de si, e nem uma eventual derrocada é algo que venha por em risco a estabilidade de sua autenticidade: autenticidade é agir sendo fiel ao ser próprio, quer a ação redunde em êxito, ou não.<sup>12</sup>

O Dasein que realiza seu destino não está só. O ser-com, passado e presente, integrou os Daseins entre si, de tal modo que a historialização do Dasein como destino é sempre uma co-historialização, e o destino, pela mesma forma, é sempre um destino comum.<sup>13</sup>

Finalmente, o destino, como acabamento da existência autêntica foi também composto a partir da herança, recuperada

---

<sup>11</sup>"Existing fatefully in the resolutness which hands itself down, Dasein has been disclosed as Being-in-the-world both for the fortunate circumstances which come its way and for the cruelty of accidents." (§ 384)

<sup>12</sup>Cuanto el Dasein esteja mas resuelto en sua existencia y sea mas dueño de su patrimonio, tanto menos aparecera lo que hace o lo que le sucede como el efecto del acaso. No hay para nosotros libertad absoluta, pero una cierta libertad podrá y deberá ejercerse en la situación, desde en el momento que esta es verdaderamente percebida. Sólo el existente autentico tiene un destino, por que solo el puede determinar lo que en su vida es impuesto y lo que el puede imponer... El existente resuelto... saca de su impotencia fundamental una hiperpotencia pratica: la de saber lo que sucede y por aqui poder insertar su voluntad en las lacunas del mecanismo mundano." de Waelhens, p. 237.

<sup>13</sup>"But if fateful Dasein, as Being-in-the-world, exists essentially in Being-with-Others, its historirizing is a co-historirizing and is determinative for it as destiny." (§ 384)

através da repetição.<sup>14</sup> O Dasein, assim como não inventa, de modo originário, a autenticidade de sua existência, tão pouco poderá ter condições de sacar, isoladamente, apenas a partir de sua existência, os recursos e o poder para enfrentar os obstáculos que estarão diante dele, e da sua existência. A existência autêntica, como existência resgatada da absorção no mundo e da sujeição ao "se", retoma contato com o mundo e com os outros, outros imediatos à sua volta, e os outros, que do passado, darão exemplo para a sua existência autêntica. A existência autêntica une os Daseins dispersos ao longo da história. Suas existências, somadas, comporão um acervo da autenticidade, como um patrimônio crescente disponível para todo Dasein disposto a realizar sua existência individual de uma forma única, original e legítima.

---

<sup>14</sup>"In repetition, fateful destiny can be disclosed explicitly as bound up with the heritage which has come down to us." (§ 386)

QUARTA PARTE - A ESTRUTURA DA  
AUTENTICIDADE

## INTRODUÇÃO

Após termos examinado o processo pelo qual o Dasein se estabelece na autenticidade, nos encontramos em condição de, revendo este processo sob algumas perspectivas fundamentais, definir o que venha a ser a estrutura da existência autêntica.

Veremos que a existência autêntica ocorre como uma experiência ampla da temporalidade, que, privilegiando o futuro, integra também o passado em um presente que surge então ampliado. A autenticidade também se dá a compreender pela constituição de um "eu" perfeitamente diferenciado, que é recuperado de sua condição de esquecimento e dispersão no mundo e no "se". Por fim, veremos que a experiência da temporalidade e o "eu" são elementos integrantes do "cuidado", que então, na condição da existência autêntica, é vivido na sua plenitude pelo Dasein que se resgatou a si mesmo.

Todos os elementos que caracterizam a existência autêntica já estavam presentes no Dasein inautêntico; nenhum outro elemento teve que vir "de fora" do Dasein. Nesta acepção, a autenticidade surge como a reunificação daquilo que estava disperso e fragmentado, ou seja, o "cuidado".

O "cuidado", portanto, se revela como o segredo da autenticidade, segredo este que estava dispersado entre os utensílios

intramundanos e os outros, com os quais o "eu" decaído se identificava. Descobrir e reintegrar o "cuidado" na existência é realizar a autenticidade.

o0o

## CAPÍTULO I: O SENTIDO TEMPORAL DA CONQUISTA DA AUTENTICIDADE

Vimos inicialmente em nosso trabalho, o Dasein, que como ser-no-mundo deixou-se absorver pela sua preocupação e que como ser-com-os-outros, gradualmente se sujeitou a um aglomerado de interpretações veiculadas por uma totalidade de outros anônimos. O resultado disto foi o esquecimento e a perda das características próprias do Dasein, ou seja, sua inautenticidade.

Vimos também que a inautenticidade se apresentou como uma forma peculiar do Dasein existir temporalmente. Na estreiteza do fazer-presente, que alimentava tanto a preocupação circunspectiva quanto as atitudes somadas da curiosidade, da ambiguidade e da tagarelice, o Dasein perdeu o sentido maior da temporalidade da sua existência.

O processo pelo qual o Dasein saiu da existência inautêntica e alcançou a existência autêntica, determinou uma mudança radical na forma dele vivenciar a temporalidade. Neste capítulo, veremos em que medida este processo determinou estas mudanças para, então, examinarmos o sentido temporal da existência autêntica propriamente dita.

Durante o processo da conquista da autenticidade, com-

preensão e estado de ânimo estiveram presentes integradamente em todas as suas etapas. Veremos, inicialmente, como compreensão e estado de ânimo se apresentam na inautenticidade, para, depois, vermos estes no processo da conquista da autenticidade e, finalmente vermos como estes se dão na existência autêntica.

A compreensão, como projeção do Dasein em uma certa possibilidade, sob a inautenticidade só se dá sobre os utensílios com os quais o Dasein se preocupa, no imediatismo dos seus "negócios preocupados".<sup>1</sup> Lidando preocupadamente com os utensílios, o Dasein construiu o sentido do mundo, como também a interpretação de si mesmo, definindo-se apenas pela sua relação com aquilo com o que ele se preocupava.<sup>2</sup>

Pela mesma forma, a variedade dos estados de ânimo possíveis ocorria junto à absorção do Dasein no mundo pelo qual ele se preocupava, alimentando justamente esta absorção, que levava ao esquecimento de si próprio.<sup>3</sup>

Projetando-se apenas naquilo com o que se preocupa, e tendo esta projeção alimentada pela variedade dos estados de ânimo, a existência inautêntica transcorre aprisionada nos limites estreitos do fazer-presente da preocupação circunspectiva. Isto trouxe para o Dasein o conforto com aquilo que ele se habituou: na previsibilidade da lida com os utensílios, e mesmo na familiariedade com um

---

<sup>1</sup>"Inauthentic understading projects itself upon that which one can concern itself, or upon what is feasible, urgent or indispensable in our everyday business." (§ 337)

<sup>2</sup>"Dasein finds 'itself' proximally in what it does, uses, expects, avoids - in those things environmentally ready-to-hand with which it is proximally concerned." (§ 119)

<sup>3</sup>"States-of-mind... assail Dasein in its unreflecting devotion to the 'world' with which it is concerned and on which it expends itself." (§ 136); "Dasein's openness to the world is constituted existentially by the attunement of a state-of-mind." (§ 137)

gado conjunto de estados de ânimo, o Dasein passa mesmo por uma "pálida carência de estados de ânimo", que, ocorrendo como um tédio, assinala sua existência.<sup>4</sup>

Retomando o sentido original de estado de ânimo, sua função autêntica é a de trazer o Dasein ao seu "aí", a sua situação, e de levá-lo a perceber que, mais do que apenas estar presente em alguma situação particular, ele leva-o a perceber sua condição geral de ser-lançado, ou seja, sua condição de derrelição.<sup>5</sup>

O aperceber-se desta condição de derrelição, como já vimos, remonta à origem do Dasein no mundo, e à estranheza primordial que o Dasein experimentou quando se deparou com o mundo, então desconhecido. Foi apenas pela descoberta progressiva dos envoltórios dos utensílios entre si, e pelo estabelecimento do ser-com-os-outros, que o Dasein superou esta condição da estranheza primordial. Por isto, a tendência cotidiana do Dasein em relação aos seus estados de ânimo, será de fugir desta percepção de sua derrelição, preferindo ater-se à percepção posterior do mundo como um local que lhe é familiar.<sup>6</sup>

A fuga do Dasein do seu "aí" se dá, a nível de estado de ânimo, por todos os estados de ânimo possíveis - que são a forma com a qual o Dasein se deixa absorver no mundo -, com a exceção de um deles, que é especialíssimo: a angústia. A angústia, co

---

<sup>4</sup>"Everydayness means the 'how' in accordance with which Dasein 'lives unto the day'... To this 'how' there belongs further the 'comfortableness of the accustomed'... Everydayness is a way to be... and it (this way) is familiar to it (the Dasein) through that state-of-mind which consists of 'a pallid lack of mood.'" (§§ 370-371)

<sup>5</sup>"In this 'how one is', having a mood brings the Being (of Dasein) to its 'there'. (§ 134); "This characteristic of Dasein's Being (its 'there') we call it the thrownness of this entity into its 'there'." (§ 135)

<sup>6</sup>"... (Dasein) found itself in a way of finding which arises not so much from a direct 'seeking', as rather from a 'fleeing'. The way in which the mood discloses is not one in which we look at thrownness, but one in which we turn away." (§ 135)

mo vimos, desarticula o sentido do mundo e dos outros, trazendo o Dasein de volta à percepção da estranheza do seu ser-no-mundo primordial, e a sua derrelição.<sup>7</sup>

A angústia, trazendo ao Dasein de volta a si mesmo, traz a ele ao seu "aí", ao qual ele está lançado, de uma forma inescapável. E considerando que este estar-lançado remonta à origem do Dasein no mundo, conclui-se que o estado de ânimo da angústia abre para o Dasein não só seu "aí", mas, também, o seu passado, que como "tendo sido", se estende até o presente.<sup>8</sup> Reafirmando mais uma vez: qualquer outro estado de ânimo, que não a angústia, desvia o Dasein da percepção autêntica do seu "aí", que é a sua derrelição, que do passado, permanece até o seu presente.

Vimos como a angústia se fez presente em todo o processo da conquista da autenticidade, e como permaneceu, uma vez esta alcançada, sustentando-a. A angústia, como estado de ânimo, rompeu a exclusividade do presente do fazer-presente, no qual o Dasein inautêntico existia, abrindo para ele a temporalidade em direção ao passado do "tendo sido". Tendo ampliado sua percepção temporal até o passado e presente de sua derrelição, a angústia então desarticulou o sentido do mundo e dos outros, individualizou-o em si mesmo e levou-o a desejar escolher-se a si mesmo.<sup>9</sup>

<sup>7</sup>"Anxiety brings Dasein face to face with its ownmost Being-thrown, and reveals the uncaniness of every familiar Being-in-the-world." (§ 342)

<sup>8</sup>"One's state-of-mind is therefore based upon thrownness. My mood represents whatever may be the way in which I am primarily the entity that has been thrown. Bringing Dasein... (to) its thrownness... becomes possible only if Dasein's Being... constantly is a 'having been'... One's state-of-mind temporalizes itself primarily in 'having been'." (§ 340); "... anxiety brings one back to one's thowness as something possible which can be repeated." (§ 343)

<sup>9</sup>"In anxiety what is enviromentally ready-to-hand sinks away, and so, in general, do entities within the world... Anxiety individualizes Dasein for its ownmost Being-in-the-world... Anxiety makes manifest in Dasein its Being-towards its ownmost potentiality-for-Being - that is, its Being - free for the freedom of choosing itself and taking hold of itself." (§ 187-188)

Foi também nesta condição de recuo temporal que ele pode ouvir a voz de sua consciência, que como chamado do "cuidado", permitiu-lhe projetar-se na sua potencialidade dele ser ele mesmo.<sup>10</sup> Foi também a angústia que criou a sustentação para que ele assumisse o estado de resolução antecipatória, como coroamento da conquista de sua autenticidade.<sup>11</sup>

Consideremos agora, como a compreensão do Dasein, resgatada do imediatismo do fazer-presente, abre para ele o horizonte do futuro. Assim como o estado de ânimo está referido ao passado, e levou o Dasein a reassumir este passado, assim a compreensão, como projeção, aponta para o futuro.<sup>12</sup> E o futuro, como horizonte temporal, é especialmente importante, pois enquanto a inautenticidade se estabeleceu por um privilegiamento do presente, a autenticidade, como experiência integral da temporalidade, prioriza o futuro.<sup>13</sup>

A angústia, desarticulando o sentido do mundo e dos outros, deixou a compreensão do Dasein, como projeção, sem o seu antigo alvo, que eram os utensílios e os outros, bem como sua forma de ser em relação a eles. Recuado temporalmente à sua derrelição foi que o Dasein pôde compreender que na sua condição primordial de ser-lançado-no-mundo, ele já estava lançado no mundo como um ente que ia morrer.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup>"The call(of conscience) whose mood has been attuned by anxiety is what makes possible and foremost for Dasein to project itself upon its ownmost potentiality for Being." (§ 277)

<sup>11</sup>"Anxiety merely brings one into the mood for a possible resolution...; ... But anxiety can mount authentically only in a Dasein which is resolute." (§ 344)

<sup>12</sup>"When one understands oneself projectively in an existentiell possibility, the future underlies this understanding." (§ 336)

<sup>13</sup>"... the future has a priority in the ecstatical unity of primordial and authentic temporality." (§ 32)

<sup>14</sup>"Dasein does not... have any explicitness or even any theoretical knowledge of the fact that it has been delivered over to its death, and that death thus belongs to Being-in-the-world. Thrownness into death reveals itself to Dasein in a more

A compreensão autêntica do ser-para-a-morte, e, junto com esta, a compreensão da finitude da existência pessoal, rompeu a estreiteza temporal do fazer-presente, desta vez abrindo a percepção do Dasein para o seu futuro. Isto se deu por que, como vimos, a compreensão projetiva, ocorre como algo mais do que a mera consideração de um possível, mas leva o Dasein a se instalar, projetivamente, na possibilidade considerada.<sup>15</sup> A compreensão da morte faz então que o Dasein, instalado projetivamente no lá futuro, de lá avalie a existência presente, descartando elementos desta que o estejam aprisionando em formas inautênticas de existência.

Outra compreensão do Dasein, foi a compreensão de sua culpabilidade. Esta se originou, como vimos, da percepção do Dasein da falta de seu poder sobre a origem mesma do seu existir. Esta deficiência primordial, assinalando a origem do ser-no-mundo do Dasein, se estende por sua existência inteira até a sua morte. Por isto, na medida em que a culpabilidade se estende até o futuro, é que ela é passível de ser compreendida projetivamente.<sup>16</sup> A compreensão de sua culpabilidade está estreitamente associada à compreensão e realização da sua potencialidade-para-ser: uma não se dá sem a outra.

Por fim, a compreensão da morte ressurge na etapa do estado de resolução, que é, por isto, chamada de "antecipatória",

---

primordial and impressive manner in that state-of-mind which we called anxiety." (§ 251)

<sup>15</sup>"It must be noted that understanding does not primarily means just gazing at a meaning, but rather understanding oneself in that potentiality-for-Being which reveals itself in projection." (§ 263)

<sup>16</sup>"The disclosedness of Dasein in wanting to have a conscience, is thus constituted by anxiety as state-of-mind, by 'understanding as a projection of oneself upon ownmost Being-guilty, and discourse as reticence.'" (§ 296)

estabelecendo então de forma definitiva o Dasein na sua autenticidade.<sup>17</sup>

Ora, podemos dizer que da origem da condição de inautenticidade do Dasein, na estreiteza temporal do fazer-presente, até chegar a expansão do sentido temporal do estado de resolução antecipatória, o Dasein foi como que sacudido na sua experiência íntima da temporalidade. Apenas no estado de resolução antecipatória, como culminância do processo da conquista da sua autenticidade, o Dasein, então, poderá experimentar o sentido pleno da temporalidade da sua existência.<sup>18</sup>

O sentido pleno da temporalidade constitui-se a partir da abertura temporal para o futuro da compreensão projetiva, e da abertura para o passado do "tendo sido, através do estado de ânimo, notadamente, da angústia. Esta abertura da experiência da temporalidade implicará em uma nova forma do Dasein experimentar o seu presente, o qual ele experienciará integrando seu futuro e seu passado na percepção da sua situação presente, no qual como existente autêntico, ele terá que agir. Este presente, agora experienciado de forma autêntica, é que é chamado de "momento de visão".<sup>19</sup> O momento de visão, como experiência autêntica do presente, que integra o presente imediato no qual a situação se

---

<sup>17</sup>"When, in anticipation, resolutness has caught the possibility of death unto its potentiality-for-Being, Dasein's authentic existence can no longer be outstripped by anything." (§ 307)

<sup>18</sup>"Temporality gets experienced in a phenomenally primordial way in Dasein's authentic Being-a-whole, in the phenomenon of anticipatory resolutness." (§ 304)

<sup>19</sup>"To the anticipation, which goes with resolutness, there belongs a present in accordance with which a resolution discloses the Situation. In resolutness, the Present is not only brought back from the distraction with the objects of one's closest concern, but it gets held in the future and in having been. That Present which is held in authentic temporality, and which thus is authentic itself, we call the 'moment of vision'. (§ 338)

abre para o Dasein resoluto, com o todo da temporalidade da existência do Dasein, é a antítese perfeita do fazer-presente da existência inautêntica, que excluiu o futuro e o passado do Dasein, no imediatismo do presente da queda.

Será também na perspectiva da temporalidade integrada do momento de visão que o Dasein, de olhos postos no futuro, recuperará, do passado do tendo sido, pela repetição, os elementos da herança que o ajudarão a consumir sua existência autêntica como destino. Por isto Heidegger fala em "momento de visão da repetição antecipatória", querendo, com isto, deixar claro que assim como a antecipação da morte consolidou o estado de resolução, também ela orientou a repetição, que levou o Dasein a existir como destino.<sup>20</sup>

Assim sendo, enquanto a inautenticidade significa uma forma de existência aprisionada nos estreitos limites temporais da experiência inautêntica do presente, a autenticidade traz para o Dasein uma abertura temporal. Firmemente assentado no presente autêntico do momento de visão, aonde ele consoma sua existência autêntica, ele tem sempre consigo o seu próprio passado, como história de si mesmo, e seu futuro antevisto, como o campo de projeção de sua potencialidade para ser.

---

<sup>20</sup>"The temporality of authentic historicity as the 'moment of vision' of anticipatory repetition... (lets Dasein to) understand history as the 'recurrence of the possible, and to know that a possibility will recur only if existence is open for it fatefully in a moment of vision, in resolute repetition." (/ 391)

## CAPÍTULO II - A PASSAGEM DO "EU" SUBJUGADO PARA O "EU" RESGATADO

Vimos como o tema da temporalidade perpassa toda a trajetória do Dasein, da inautenticidade para a autenticidade, sendo mesmo o elemento básico para nós entendermos a autenticidade. Pela mesma forma, o tema do "eu", ou, para utilizar o termo inglês, o "self", também está presente em todo Ser e Tempo. Importa-nos examiná-lo com cuidado, pois a autenticidade só ocorre para um "eu" perfeitamente individualizado.

Em apenas um trecho do seu trabalho, Heidegger se refere explicitamente ao "eu" do Dasein: o "eu", ou a "ipseidade" do Dasein, é caracterizado pela "substancialidade, simplicidade e personalidade".<sup>1</sup>

Revisaremos o nosso trabalho para verificarmos como o "eu" se apresenta na inautenticidade, que alterações acontecem com ele durante o processo da conquista da autenticidade, e como, finalmente, ele se apresenta em um Dasein autêntico.

Vimos como o Dasein, que se deixou absorver no mundo com

---

<sup>1</sup>"... substantiality, simplicity and personality as characteristics of Selfhood." (§ 323)

o qual se preocupava, descuidou-se do seu próprio ser, ou seja, do seu "eu".<sup>2</sup> Vimos como isto foi inevitável, dado o irresistível poder de atração que o mundo teve para o Dasein que iniciou sua vida como um ser-lançado.

A perda do sentido do eu agravou-se com o adensamento do ser-com-os-outros do Dasein com os outros, tanto com os outros próximos, quanto dos outros anônimos, que como o "se", passaram para o Dasein um conjunto de interpretações ambíguas, que ele assumiu como suas. O Dasein também não pode escapar do "se", pois este, veiculando-se como e através da tagarelice, estava onde o Dasein estivesse.

Sujeitado ao "se", o Dasein não tem verdadeiramente um "eu" que lhe seja próprio, mas sim uma parcela do aglomerado anônimo total do "se". Por isto, Heidegger fala no eu-"se" como sendo o "eu" do Dasein, ou "they-self" como nos apresenta a versão inglesa. Este eu-"se" existe como uma modificação, ou mesmo, uma deterioração do que seria o "eu" do Dasein.<sup>3</sup>

Verificamos, também, que o "se", além de ter subjogado o "eu" do Dasein decaído, é também responsável pela absorção do Dasein no mundo, pois, existindo como conjunto de interpretações, estas fizeram a articulação do sentido do mundo, e do ser-no-mundo que seria desejável para o Dasein: enfatizando a importância do mundo, conduziram o Dasein a absorver-se nele.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup>"When Dasein is absorbed in the world of its concern - that is, at the same time in its Being-with towards Others - it is not itself." (§ 125)

<sup>3</sup>"It has been shown that ... Dasein is not itself but is lost in the 'they-self', which is an 'existentiell modification' of the authentic Self." (§ 317)

<sup>4</sup>"... the they itself prescribes that way of interpreting the world and Being-in-the-world which lies closest... the they itself articulates the referential context of significance." (§ 129)

Absorvido no mundo pelo qual se preocupava e sujeito ao "se", como interpretação pública, vimos o Dasein instalado na inautenticidade; nesta condição, ele falhou em relação ao seu próprio "eu".<sup>5</sup> Sem acesso a si mesmo, por não saber por onde começar a ter acesso a si mesmo, a existência do Dasein, sob a turbulência da queda, levou-o a um tipo de existência no qual ele não fazia escolhas, e existia sendo arrastado por todos, que são ninguém.<sup>6</sup>

Esta situação mudou quando o Dasein passou pela angustiada compreensão projetiva de sua morte pessoal. A experiência do estado de ânimo da angústia individualizou o Dasein diante do mundo, abrindo para ele a possibilidade dele escolher-se a si mesmo.<sup>7</sup> Nesta interiorização forçada, o Dasein percebe que a autenticidade e a inautenticidade são as possibilidades fundamentais do seu ser.<sup>8</sup> Mas, mais do que simplesmente se sentir livre para optar entre uma e outra, a percepção angustiada da sua morte e da finitude da sua existência, obriga o Dasein a que este escolha a autenticidade, como a única forma pela qual ele não porá a perder a sua própria existência até então vivida inautenticamente.<sup>9</sup> E escolher a autenticidade é escolher ser si mesmo,

---

<sup>5</sup>"In these characteristics of Being which we have exhibited - everyday Being-among-one-another, distantiality, averageness, levelling down publicness, the disburdening of one's Being, and accomodation lies the constancy of Dasein which is closest to us... In these modes one's way of Being is that of inauthenticity and failure to stand by one's Self." (§ 128)

<sup>6</sup>"Dasein makes no choices, gets carried along by the nobody, and thus ensnares itself in inauthenticity." (§ 188)

<sup>7</sup>"Anxiety makes manifest in Dasein its Being towards its ownmost potentiality for Being - that is, its Being-free for the freedom of choosing itself." (§ 188)

<sup>8</sup>"Anxiety individualizes. This individualization brings Dasein back from its falling, and makes manifest to it that authenticity and inauthenticity are possibilities of its Being." (§ 191)

<sup>9</sup>"... holding death for true does not demand just one definite kind of behavior in Dasein, but demands Dasein itself in the full authenticity of its existence." (§ 265)

ou seja, encontrar, desenvolver e consumir o próprio "eu".

Por que o Dasein é um "eu", e ele tem que tomar uma decisão sobre este "eu", é que o problema da autenticidade, e da necessidade de conquistá-la se coloca para ele. O Dasein, existindo, se compreende a si mesmo a partir de sua existência, e ele pode existir sendo ele mesmo, assumindo a ele mesmo na sua existência, ou seja, ser autêntico, ou ainda, negligenciar a si mesmo, não sendo ele mesmo na sua existência. O "eu", portanto, está no centro do problema da autenticidade.<sup>10</sup>

Heidegger enfatiza também que o ser do Dasein, que existe na existência e que deve assumir a si mesmo, é "meu", ou seja, pertence rigorosamente ao Dasein que se propõe o problema da existência e da autenticidade.<sup>11</sup> É por que o ser do Dasein é "meu", que a opção entre autenticidade e inautenticidade existe e é significativa para o Dasein que a faz.<sup>12</sup>

O Dasein, porém, cientificado a partir da compreensão angustiada da morte, da urgência dele se tornar ele mesmo, e, com isto, alcançar sua autenticidade, ainda tem o seu "eu" perdido, misturado ao "se". O próprio fato dele ter se sujeitado ao "se" se deu trazendo uma falha do Dasein em ouvir o seu "eu".<sup>13</sup> Portanto, a primeira coisa que o Dasein, perdido no "se", terá que

---

<sup>10</sup>"Dasein always understands itself in terms of its existence - in terms of a possibility of itself: to be itself or not itself... Only the particular Dasein decides its existence, whether it does so by taking hold or by neglecting." (§ 12)

<sup>11</sup>"That Being which is an issue for this entity in its very Being, is in each case mine." (§ 42)

<sup>12</sup>"As modes of Being, authenticity and inauthenticity... are both grounded in the fact that any Dasein whatsoever is characterized as mineness." (§ 43)

<sup>13</sup>"Losing itself in the publicness and the idle talk of the they, it fails to hear its own Self in listening to the they-self." (§ 271)

fazer, será encontrar-se a si mesmo "dentro" do "se", ou seja, localizar a sua individualidade dispersada no "se".<sup>14</sup>

O que o chamado da consciência faz, em relação ao "eu", como vimos, é retirar o "eu" do Dasein decaído, do seu "abrigo" e "esconderijo" no eu-"se".<sup>15</sup> A eficácia do chamado da voz da consciência se deve a que o Dasein decaído, que a ouve, consente, permite, que o eu, que habita nele mesmo, desponte nele mesmo e assumo o seu lugar devido.<sup>16</sup> A eclosão do eu em meio ao eu-"se" confirma e leva adiante a potencialidade para ser si mesmo, que ele anteriormente tinha desejado conhecer e realizar, mas não sabia por onde começar. Ao compreender o chamado, o Dasein afirma, para si mesmo, que ele escolheu a si mesmo, e, com isto, ele optou pela existência autêntica.<sup>17</sup>

A convocação para escolher seu ser, porém, não leva o Dasein para a empresa fácil de encontrar um "eu" que já esteja pronto e acabado, apenas a espera de ser descoberto. O "eu", que o Dasein é levado a escolher pelo chamado da consciência, se abre em uma "potencialidade para ser si mesmo, que deverá se realizar no campo futural das possibilidades que estão adiante temporalmente do Dasein".<sup>18</sup> E esta potencialidade para ser, como elemento central do ser do Dasein, está intrinsecamente ligada à

---

<sup>14</sup>"If Dasein is to be able to get brought back from this lostness of failing to hear itself... then it must be able to find itself." (§ 271)

<sup>15</sup>"... the Self, which the appeal has robbed of this 'lodgement' and 'hiding place' (in the they) gets brought to itself by the call." (§ 273)

<sup>16</sup>"In understanding the call, Dasein lets its own Self take action in itself in terms of that potentiality-for-Being which it has chosen." (§ 288)

<sup>17</sup>"In understanding the call Dasein... has chosen itself." (§ 287)

<sup>18</sup>"It (the call of conscience) summons the Self to its potentiality-for-Being-its-Self, and thus calls Dasein forth to its possibilities." (§ 274)

sua existência.<sup>19</sup>

Na medida em que o Dasein tem em si mesmo esta potencialidade para ser si mesmo que aponta para o futuro, como o seu campo de desdobramento, ele tentará realizar esta potencialidade, e realizá-la, significa o objetivo e sentido de sua existência. Realizar a potencialidade para ser si mesmo é consumir a existência, realizá-la na sua inteireza. O problema, e diríamos mesmo, a tragédia da existência do Dasein, é este não saber se terá o mesmo tempo para realizar a si mesmo, antes que a morte o surpreenda nesta tentativa. Na maioria das vezes, o Dasein terminará sua existência de modo "incompleto, desintegrado e gasto", sem ter realizado este objetivo.<sup>20</sup>

Se o Dasein, enquanto potencialidade para ser, tem sempre "alguma coisa para ser assentada", constituindo-se, isto, numa "falta de totalidade" que lhe é constitucional,<sup>21</sup> por outro lado, a morte, como possibilidade intrínseca dentro da sua potencialidade para ser, limita inexoravelmente a totalidade possível que o Dasein venha a pretender alcançar.<sup>22</sup>

É a angústia do Dasein, premido entre a sua necessidade de realizar a sua potencialidade para ser si mesmo, e a antecipa

---

<sup>19</sup>"When we came to analyse this Being, we took as our clue existence, which, in anticipation, we had designated as the essence, of Dasein. This term 'existence' formally indicates that Dasein is 'an understanding-potentiality-for-Being which, in its Being, makes an issue of that Being itself.'" (§ 231)

<sup>20</sup>"Even unfulfilled Dasein ends... For the most part, Dasein ends in unfulfilment, or else by having desintegrated and been used up." (§ 244) ... "But ending as 'getting finished' does not include fulfilling. On the other hand, whatever has got to be fulfilled must indeed reach the finishedness that is possible for it." (§ 245)

<sup>21</sup>"Its essential to the basic constitution of Dasein that there is constantly something still to be settled. Such a lack of totality signifies that there is something still outstanding in one's potentiality-for-Being." (§ 236)

<sup>22</sup>"The end of Being-in-the-world is death. This end, which belongs to the potentiality-for-Being, that is to say, to existence - limits and determines in every case whatever totality is possible for Dasein." (§ 234)

ção da morte, que o surpreenderá nesta tentativa, que obriga ao Dasein a conduzir sua existência com uma atenção vigilante à temporalidade da sua existência, ou, mais exatamente, ao transcorrer desta como existência. Descuidar-se da temporalidade, e deixar a existência correr é ser surpreendido pela morte de modo incompleto. Só o Dasein que alcançou a autenticidade do estado de resolução antecipatória, tendo uma percepção plena da temporalidade da sua existência, pode agir resolutamente para realizar sua potencialidade para ser, pois estará atento a cada possibilidade neste sentido. Por isto, o estado de resolução antecipatória uma vez alcançado e, junto com ele, a autenticidade, significa a "lealdade da existência ao seu próprio Self".<sup>23</sup>

O "eu" assumido do estado de resolução antecipatória, torna-se, por isto, "uma firmeza que se estende" ao longo da historialização da sua existência, firmeza esta que integra a temporalidade total do Dasein, entre seu nascimento e morte, na percepção da situação fática na qual o Dasein se encontra, e na qual atualiza de cada vez a sua potencialidade de ser si mesmo.<sup>24</sup>

A ipseidade plena do Dasein, portanto, só pode surgir como tal, em um Dasein que tem plenamente desenvolvida a sua potencialidade para ser, e esta aponta para o "cuidado", que desde a origem do ser-no-mundo do Dasein, já estava angustiado a respeito da realização plena deste "eu".<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup>"Resolutness constitutes the loyalty of existence to its own Self." (§ 391)

<sup>24</sup>"The Self's resolutness against the inconstancy of the distraction, is in itself a 'steadness which has been stretched along' - the steadness with which Dasein as fate incorporates into its existence birth and death and their beetwen, and them as thus incorporated, so that in such constancy Dasein is indeed in a moment of vision for what is world-historical in its current situation." (§§ 390-391)

<sup>25</sup>"Selfhood is to be discerned existentially only in one's potentiality-for-Being-one's-Self - that is to say, in the authenticity of Dasein's Being as 'care'." (§ 322)

O processo da conquista da autenticidade, portanto, pode ser definido sob a perspectiva do "eu", como o processo pelo qual o "eu", absorvido no mundo e sujeitado ao "se", é resgatado e levado a desenvolver ao máximo a sua potencialidade para ser si mesmo. E o Dasein que, recuperando e realizando a sua individualidade, se torna diferenciado dos outros, é que poderá, a partir desta diferença, estabelecer um autêntico ser-com-o-outro. Só o Dasein que está seguro do seu eu, terá a tolerância necessária para permitir que os outros desenvolvam livremente suas próprias potencialidades-para-serem-eles-próprios, ajudando até que os outros realizem em si mesmos esta potencialidade.<sup>26</sup>

E, finalmente, é o "eu" emerso do estado de resolução antecipatória que, tendo integrado em si mesmo o sentido pleno da temporalidade da sua existência a situação na qual vive, é que integrou a sua temporalidade pessoal com a temporalidade de sua geração, unindo-se, desta forma, com ela.<sup>27</sup> É, portanto, o "eu" resgatado, que pode ser autenticamente, com os outros e com sua geração.

---

<sup>26</sup>"Dasein resolutness towards itself is what first makes it possible to let the Others who are with it 'be' in their ownmost potentiality-for-Being, and to co-disclose this potentiality in the solicitude which leaps forth and liberates." (§ 298)

<sup>27</sup>"Dasein's fateful destiny in and with its 'generation' goes to make up the full authentic historizing of Dasein." (§ 385)

### CAPÍTULO III - AUTENTICIDADE COMO EXPERIÊNCIA INTEGRADA DO "CUIDADO".

Nos dois capítulos anteriores, revimos todo o processo da conquista da autenticidade sob a perspectiva da temporalidade e do "eu". Veremos, agora, como tanto a temporalidade quanto o "eu" confluem para o fenômeno do "cuidado", que, como a essência do Dasein, foi o agente que comandou todo o processo da conquista da autenticidade.

A partir da estrutura primordial do ser-no-mundo, entendida como um todo, o "cuidado", como o ser do Dasein, se revela como um "fenômeno unitário" que é a sustentação ontológica da totalidade do mundo, e de tudo o que nele está contido.<sup>1</sup>

Esta estrutura unitária, como vimos, se desdobra, sem perder sua integridade, em um trino "ser-adiante-de-si-mesmo/sendo-já-em-um-mundo/sendo-junto-aos-objetos-intramundanos".<sup>2</sup> Ou se

---

<sup>1</sup>"Being-in-the-world is a structure which is primordially and constantly a whole" (§ 180) "... the 'Being of Dasein'... becomes accessible to us (as) a single primordially 'unitary phenomenon' which is already in this whole in such a way that it provides the ontological foundation for each structural item in its structural possibility" (§ 181)... "'Dasein's Being' reveals itself as 'care'." (§ 182)

<sup>2</sup>"The Being of Dasein means 'ahead-of-itself-Being-already-in-the-world-as-Being-alongside-entities-encountered-within-the-world. This Being fills in the signification of the term 'care'..." (§ 192)

ja, o "cuidado" mantém integrados tanto a perspectiva da potencialidade para ser si mesmo, através do aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo", quanto a derrelição, no aspecto "sendo-já-em-um-mundo", quanto a queda, que se deu por causa do aspecto "sendo-junto-aos-objetos-intramundanos". É o cuidado que torna possível tanto a preocupação com os utensílios quanto a solicitude para com os outros.<sup>3</sup>

Estes três aspectos do "cuidado" não têm a mesma importância. O aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo", que é o guardião da potencialidade para ser si mesmo do Dasein, a se realizar no campo temporal do futuro, é o aspecto essencial do "cuidado", e subordina a si os outros dois aspectos.<sup>4</sup>

O "cuidado" na sua globalidade é sobretudo uma globalidade temporal, que guarda em si mesmo o conhecimento da temporalidade total da existência do Dasein.<sup>5</sup> O "cuidado", portanto, se estriba na morte, como o fim da existência, no qual ele se projeta como "ser-adiante-de-si-mesmo", na consciência, que é a memória de sua entrada no mundo, como ser-lançado, e na culpabilidade decorrente desta entrada no mundo como ser lançado.<sup>6</sup>

O "cuidado" ainda tem um último ponto de sustentação no "eu" do Dasein, que nasceu da experiência do Dasein com o mundo e com os outros, e que daí "caiu" no mundo e no "se".<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup>"Because Being-in-world is essentially 'care', Being-alongside the ready-to-hand could be taken in our previous analyses as 'concern', and Being-whith the Dasein-with of Others as we encounter it within the world could be taken as solicitude." (§ 193)

<sup>4</sup>"As 'care', Dasein is essentially ahead-of-itself." (§ 337)

<sup>5</sup>"Factual Dasein exists as born, and as born, it is already dying, in the sense of Being-towards death. As long as Dasein factically exists, both the 'ends' and their 'between' are, and they are in the only way which is possible, on the basis of Dasein's Being as 'care'." (§ 374)

<sup>6</sup>"... it became plain that the existential phenomenon of death, conscience and guilty are anchored in the phenomenon of 'care'." (§ 317)

<sup>7</sup>"Care already harbours in itself the phenomenon of the Self'." (§ 318)

Ou seja, o "cuidado" se estriba em tudo aquilo que está ausente da existência inautêntica, absorvida no mundo e sujeitada ao "se": compreensão da morte, compreensão da culpabilidade, a experiência total da temporalidade da existência, e principalmente, o "eu", que na inautenticidade existe apenas como eu-"se". A existência inautêntica, portanto, é aquela na qual o Dasein não tem acesso à essência de si mesmo, que é a experiência integrada do "cuidado".

Recompondo aquilo que seria a história toda do Dasein, como "cuidado", inicialmente existia apenas o "cuidado" no seu aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo" como potencialidade para ser pura. Para que a possibilidade de ser se atualizasse, o "cuidado" se lançou no mundo, como palco onde ele pudesse desdobrar e realizar a sua potencialidade para ser. Ao fazer isto, ele se desdobrou no segundo aspecto, o "sendo-já-em-um-mundo". O confronto entre o aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo" e o mundo deu-se de forma em que o mundo foi encontrado como um caos não organizado, diante do qual ele, agora já como "sendo-já-em-um-mundo", se sentiu estranho e angustiado. Podemos considerar que junto ao segundo aspecto, se deu o nascimento da consciência, que permaneceu estranha ao mundo e por esta estranheza, não tendo "aprendido" a falar, permaneceu muda.

O "cuidado", "sendo-já-em-um-mundo", fazendo a experiência do mundo, fez contato com os objetos intramundanos e com os outros que estão neste mundo; vemos então surgir o terceiro aspecto do Dasein, como o "sendo-junto-aos-os-objetos-intramundanos", que levou ao nascimento do "eu" do Dasein, como o agente que, pela preocupação circunspectiva, descobriu e passou a utilizar-se dos utensílios, e que pela solícitude, encontrou e passou a se relacionar com os outros. Para Heidegger, a constituição do sentido do mundo e a constituição do "eu" são simultâneos: o

"eu" se define em relação aos objetos que ele descobre e passa a utilizar na sua existência, que também envolverá um contato crescente com os outros. Fazendo isto, o "eu" se familiariza com o mundo e com os outros, e o mundo se torna um lugar familiar para ele.

O problema é que este "eu", nascido do contato com a totalidade de utensílios intramundanos, já se forma marcado pela sua absorção neles. Posteriormente, ao se encontrar com um conjunto maior de outros, que veiculam, pela sua fala, uma totalidade de interpretações sobre o mundo, e o ser-no-mundo (reforçado pelas da absorção no mundo), o "eu" se sujeita totalmente a estas interpretações, e se perde completamente. Sua perda significa o esquecimento do seu ser total, que inclui o "ser-adiante-de-si-mesmo", guardião de sua potencialidade para ser originária, e o "sendo-já-em-um-mundo" depositário da consciência, como a experiência primordial da estranheza do mundo.

Enquanto o "eu" decaído prossegue na sua existência inautêntica, esquecido da totalidade do seu ser como "cuidado", o seu aspecto "adiante-de-si-mesmo", guardião de sua potencialidade para ser, presente na intimidade do aspecto "sendo-já-em-um-mundo", depositário do fenômeno da consciência, se inquieta à respeito da sua potencialidade para ser original, que levou à experiência do mundo, e que não está sendo lembrada e nem atendida pelo "eu" decaído, esquecido de seu ser total.

Daí, a voz da consciência, como "chamado do cuidado", falando da estranheza muda da origem do "sendo-já-em-um-mundo", como o segundo aspecto do "cuidado", representando a potencialidade para ser si mesmo, inerente ao primeiro aspecto do "cuidado", como "ser-adiante-de-si-mesmo", chama ao "eu" do Dasein, nascido e perdido no encontro com os utensílios e com os outros, pa

ra que ele seja ele mesmo.<sup>8</sup> Foi na medida em que o "eu", resultando do desdobramento do terceiro aspecto do "cuidado", como sendo-junto-aos-objetos-intramundanos", se deixou absorver no mundo e ainda se sujeitou ao "se", que o "cuidado", como "ser-adiante-de-si-mesmo" precisou chamá-lo de volta para a potencialidade para ser si mesmo, da qual ele é o guardião.

Foi com a compreensão angustiada da morte que, como vimos, deu-se o início do processo de resgatamento do "eu" do Dasein de sua condição de queda e esquecimento de si. Podemos dizer que a compreensão projetiva da morte, dado seu aspecto futuro, foi também provocada pelo "cuidado", por que ele, como "ser-adiante-de-si-mesmo", sempre teve presente para si mesmo a morte como o fim de sua existência fática.

Liberado da sedução do mundo, o "eu" do Dasein pôde ouvir o chamado da voz da consciência, despreendeu-se do "se", individualizou-se, superando então totalmente, a sua condição de queda, que até então ainda permanecia a nível de sua sobrevivente sujeição ao "se". Individualizado como "eu", pôde voltar-se para a potencialidade de ser si mesmo, guardada pelo aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo", formando, então, novamente, uma unidade com ele. Isto explica por que quem chama e quem é chamado é, para Heidegger, a mesma pessoa.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>"Conscience is the call of 'care' from the uncaniness of Being-in-the-world." (§ 289); "Conscience summons Dasein's Self from its lostness in the they... to its potentiality-for-Being-its-Self." (§ 274)

<sup>9</sup>"... the caller is Dasein, which, in its thrownness (in its Being-already-in) is anxious about its potentiality-for-Being. To one to whom the is made is this very same Dasein... falling into the 'they' (in Being-already-alongside-the-world of its concern), and it is summoned out of this falling by the appeal." (§ 277)

Assim, a autenticidade, sob a perspectiva do "cuidado", se explica como a re-integração da totalidade do "cuidado", como "ser-adiante-de-si-mesmo", que guarda a potencialidade para ser do Dasein, com o "eu" do "sendo-com-os-objetos-intramundanos", agora recuperado de sua dispersão no mundo e da sua sujeição ao "se", pela mediação da consciência, nascida do confronto da potencialidade para ser com o mundo primordial.

Tanto a potencialidade para ser, quanto a consciência, quanto o "eu", recuperado de sua absorção no mundo e sujeição ao "se", são aspectos diferenciados de um mesmo fenômeno, que é o "cuidado". A autenticidade, portanto, é a re-integração dos diferentes aspectos do "cuidado", que estavam dispersos, em uma unidade reconstituída. Por esta re-integração, o "eu" se amplia para incorporar em si a totalidade de si mesmo como "cuidado", agora na faticidade do mundo, no qual, como existente autêntico, ele continua a existir. Por outro lado, é o "eu" resgatado e reunificado ao todo do "cuidado", que poderá atualizar a potencialidade para ser, latente e irrealizada no aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo" inicial do "cuidado", pois, liberado da queda no mundo e no "se", estará atento à realização desta potencialidade. E vimos, ao tratar da direção da potencialidade para ser aberta para o Dasein, através do "chamado-para-adiante" da voz da consciência, que esta abria uma direção de ser única para um Dasein particular; podemos concluir que já na origem da potencialidade para ser do aspecto "ser-adiante-de-si-mesmo", já residia o caráter único da missão do Dasein no mundo, em forma latente, à espera de ser realizado por um "eu" resgatado.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>"When the call gives us a potentiality-for-Being to understand, it does not give us one which is ideal and universal; it discloses it as that which has been currently individualized and which belongs to that particular Dasein." (§ 280)

É como "cuidado" que o Dasein autêntico existe: atuando como "eu", na faticidade do mundo, atento à temporalidade total da sua existência, ele descobre, pelo momento de visão, a especificidade de cada situação na qual se encontra, e age, por sucessivos atos de resolução, realizando com isto sua potencialidade para ser si mesmo, e consumando sua existência.

Daí, podemos entender o sentido proposto por Heidegger a destino, como o "poder superior (embora) desprovido de poder, que prepara a si mesmo para enfrentar adversidades":<sup>11</sup> o Dasein autêntico existindo integradamente como "cuidado", está pronto para enfrentar qualquer situação, em nome da realização da potencialidade para ser si mesmo, e com isto consumir sua existência, antes que a morte encerre o seu existir fático.

---

<sup>11</sup>"Fate is that powerless superior power which puts itself in readiness for adversities..." (§ 385)

**QUINTA PARTE - O HOMEM  
HEIDEGGERIANO**

## INTRODUÇÃO

Heidegger, como vimos, não se preocupa com o homem, mas sim, com a sua existência, e em que medida ele se realiza nesta existência ou não. É na existência que o Dasein existe como ser lançado, que ele cai e que ele sente a necessidade de se resgatar a si mesmo. A conquista da autenticidade significa a luta do Dasein contra uma forma de existir com a qual ele se acostumou, e a autenticidade significa uma nova forma de existir.

Nesta quinta parte e última parte do nosso trabalho, recuamos a análise de Heidegger, da existência do Dasein, para o Dasein mesmo, e procuramos nos atentar à forma de como Heidegger concebe, nos seus aspectos essenciais, o homem, o sujeito da existência.

Verificamos que Heidegger privilegia uns tantos aspectos na sua concepção de homem, ao mesmo tempo que desconsidera, ou mesmo, omite totalmente outros tantos aspectos. Sem pretensão alguma de exaurir o assunto, que absolutamente não é central em nosso trabalho, assinalamos alguns pontos que verificamos ser ênfases de Heidegger, e outros tantos que constatamos que ele deixou de lado na elaboração do conceito de homem.

Que Heidegger tenha omitido alguns elementos na elaboração de sua concepção de homem em nada diminuiu o vigor do seu tra

balho. No que ele nos apresenta, estamos diante do trabalho do filósofo, que nos propõe justamente novas formas de compreendermos as coisas e, principalmente, a nós mesmos.

o0o

## CAPÍTULO I - A CONCEPÇÃO HEIDEGGERIANA DO HOMEM

Ao longo do exame que fizemos de como o Dasein conquista a sua autenticidade, vimos um conjunto de concepções de Heidegger sobre o Dasein, que vem a compor, na sua totalidade, sua concepção sobre o homem. Julgamos ser importante recolher estas afirmações disseminadas ao longo do texto, para podermos apreciar de uma perspectiva global, quais sejam estas concepções.

Ao falarmos de "homem", estamos falando daquilo que Heidegger preferiu denominar de "Dasein". Acreditamos que Heidegger preferiu utilizar-se deste segundo termo por razões de ordem teórica: se ele desenvolvesse afirmações sobre o "homem", seu pensamento necessariamente estaria vinculado a toda uma corrente humanista, ou ainda existencialista, com as quais ele não queria se confundir. Com esta ressalva lembrada, prosseguiremos na intenção deste capítulo.

Em primeiro lugar, o homem heideggeriano não tem uma distinção, pelo menos periférica, com o mundo no qual habita. A interioridade do Dasein projeta o homem no mundo no qual, pela sua preocupação, ele se deixa absorver, e o leva de encontro ao "se", que, como malha interpretativa, reforça ainda mais este

aprisionamento. O homem já existe no mundo, sem poder ter uma consciência de si que seja anterior à esta entrada no mundo, e é a partir deste estar-já-no-mundo, que ele leva adiante a sua existência; por isto, ele se perderá a si mesmo. A derrelição, como origem do seu ser-no-mundo, segue-se a queda no mundo e no "se", e a inautenticidade, em um sentido mais amplo.

A única interioridade real que o Dasein tem, que se diferencia do mundo, dos outros e do "se", é a sua consciência, que como voz, que provém da estranheza primordial diante do mundo, reconvoça o Dasein de volta a si mesmo. Esta interioridade, porém, é bastante peculiar: é muda, ou seja, silenciosa, e só pode ser entendida por um Dasein angustiado, desiludido com o mundo e separado dos outros.

A voz da consciência busca levar o Dasein a resguardar uma distância de envolvimento necessária com o mundo, distância esta, que sendo insuficiente, leva o Dasein a perder-se a si mesmo, e sendo muito acentuada, leva a uma inviabilização da existência do Dasein, que terá sempre que se dar em um mundo, e junto com os outros.

O homem heideggeriano também - e aqui nos referimos ao autêntico - é aquele que tem uma experiência integrada da sua temporalidade. O cuidado, que como essência sua, existindo na sua interioridade como consciência, sempre guardou a perspectiva exata da temporalidade da existência fática. O cuidado como interioridade oculta do Dasein, sempre esteve atento à derrelição, que assinalou a entrada do Dasein no mundo ao nascer. Foi também o cuidado, no seu aspecto de ser "adiante-de-si-mesmo", que levou o Dasein a antecipar-se projetivamente na sua morte. O cuidado, portanto, conduz o Dasein autêntico a existir no momento presente, atento tanto a origem quanto ao fim do seu ser-no-mundo.

É sob a perspectiva da temporalidade integrada, alcançada com o estado de resolução antecipatório, que o Dasein realiza sua existência como destino, em cada situação que ele encontra a sua frente. O presente da situação fática é onde ele exerce e confirma sua autenticidade, o ser ele mesmo, com angústia e em silêncio; é deste presente que se abrem os horizontes temporais do passado e do futuro. No passado está sua derrelição, e daí a sua culpabilidade, mas também, como derivação, a sua herança. No futuro, sua morte o surpreenderá a qualquer momento, mas também é lá, no "não-ainda" que ele assistirá ao desdobramento da potencialidade dele ser ele mesmo.

A existência autêntica, portanto, será aquela que, estreitamente associado à voz da consciência, busca realizar a sua potencialidade de ser, tendo diante de si sua origem no mundo, que não foi decidida previamente, e a morte, que porá fim a ela mesma. O momento de visão, que efetiva o ato de resolução, se dá com a perspectiva exata da temporalidade da existência fática.

O homem heideggeriano faz uso extensivo da vontade para conquistar e manter sua autenticidade. Após, pela experiência da angústia, ter-se defrontado com a morte, foi por "querer ter uma consciência" que o Dasein consentiu na escuta da voz da consciência, que é silenciosa, quando poderia querer ter escutado a tagarelice do "se". Após a destituição do sentido do mundo e dos outros, com o angustiado defrontamento com a morte, o Dasein, recolhido a si mesmo, incapaz de compreender a si mesmo, e querendo escolher a si mesmo não tinha outra escolha. A sua consciência, desejada pelo "querer ter uma consciência", era a única instância doadora de sentido e de direção, sobrevivente à terrível destruição das significações, operada pela angústia diante da morte. É também por um querer, que o Dasein, já estabelecido na

autenticidade, decidirá, para cada ato de resolução que se tornar possível para ele, qual o curso exato de ação que ele tomará, ou mesmo, se não agirá absolutamente.

Finalmente, o homem heideggeriano existe de forma predominantemente angustiada. É pela angústia que ele se defronta com a morte, e permanece com a compreensão da morte como uma ameaça constante. É pela angústia que ele pode ouvir a voz da consciência, e re-experimentar a estranheza primordial do seu ser-no-mundo. É a angústia, que somada ao silêncio e à culpabilidade, que compõe o estado de resolução, que depois se concretiza no ato de resolução.

A importância fundamental da angústia radica-se no fato dela anular, ou de manter reduzida, a importância excessiva que o mundo, os outros, e mesmo o "se", sempre representaram, ou ainda poderiam vir a representar, para o Dasein. A angústia dá a partida no processo de conquista da autenticidade, sustenta-o no decorrer da sua conquista e garante a sua preservação uma vez alcançada.

Como já vimos, a angústia que acaba por se fazer habitual, se fez "sôbria", permitindo a "equanimidade", e até condescendeu com a "alegria" do Dasein ter conquista a si mesmo, mas na sua essência, ela é, na perspectiva de Heidegger, o preço que repetidamente tem de ser pago pela autenticidade.

É inevitável que toda concepção antropológica privilegie alguns aspectos do homem, enquanto desconsidera outros tantos. Apresentamos, então, algumas observações sobre a concepção de homem de Heidegger, no que consideramos serem algumas lacunas, ou pontos não suficientemente desenvolvidos.

Após Freud, ficamos tentados, ao ler Heidegger, a nos

perguntar qual é a relação do homem com seus impulsos, ou instintos básicos, notoriamente, a sexualidade e a agressividade. Heidegger não desenvolve consideração alguma a este respeito - o que brota da interioridade do Dasein, e que é capaz de influenciar sua conduta, são os estados de ânimo, a compreensão, a interpretação, e a fala. A idéia mesma da corporeidade prima pela sua ausência. O papel do corpo só se faz inevitável com a morte, que é principalmente, a cessação da vida biológica em um corpo físico.

Temos outro ponto a observar relativamente à questão do "se". Para Heidegger, o "se" é uma interpretação coletiva do ser-no-mundo, do ser-com-o-outro e do ser-consigo-mesmo, que estando "aí", e sendo veiculada pelos outros pela tagarelice, é introjetada no Dasein. Heidegger omite o que seria a inevitável origem ideológica desta interpretação coletiva, e do papel que as condições sócio-econômicas teriam tido na sua composição.

Uma terceira e última observação, fazemos no tocante à proximidade do pensamento heideggeriano, com o pensamento teológico. Segundo MacDowell Amazonas, a concepção de homem, e de mundo de Heidegger é em tudo devedora da herança cristã, na qual Heidegger teria se inspirado profundamente. Alguns destes pontos, que são próximos, mas não idênticos, referem-se, por exemplo, à idéia do mundo como o local de queda do homem, o próprio conceito de queda, a necessidade de rompimento com o mundo e com os outros para o acesso à autenticidade, a importância da confrontação da morte e o alcançamento de uma perspectiva da finitude da existência, a autenticidade como uma opção individual, etc.

Outro comentarista, de Waelhens, chega a falar de uma "laicização" do pensamento teológico cristão, em Heidegger. O fa

to é que, apesar desta origem, à nosso ver, inegável, as conclusões relativas à existência do homem evoluem para uma conclusão bastante diversa. O homem é aquele ente que, a partir da sua origem no mundo, como ser lançado, caminha diretamente para a sua morte; saiu de um nada, e para o nada ele retorna. Entre estes dois nadas, em silêncio e em angústia, resta-lhe apenas o brio de decidir-se corajosamente a viver uma vida que lhe seja rigorosamente sua, enquanto a morte não o surpreender neste tentativa, sendo dele mesmo. Estamos, portanto, perigosamente próximos do desespero.

A idéia fundamental de Heidegger, porém, que é a autenticidade, e de que ela é conquistada com um esforço pessoal acentuado, é sem dúvida, a sua proposição fundamental, dentro do âmbito do trabalho que consideramos nestas páginas. Numa era tecnológica, que sempre enfatiza a consideração e a transformação de coisas, em detrimento do próprio homem, o trabalho de Heidegger é uma revalorização do homem, e do dever deste, de conquistar a si mesmo.

Se acrescentarmos a isto, a proposição de Heidegger de que além de ser uma conquista, a autenticidade é conquistada individualmente, temos então um chamamento à uma responsabilização do homem contemporâneo para assumir sua existência, com o mesmo empenho que ele dedica à projeção dispersiva de suas possibilidades no mundo, junto com os objetos de sua preocupação, junto com os outros, objetos de sua solicitude, e junto ao "se", como a enganosa malha interpretativa onipresente no mundo.

## CONCLUSÃO

Após termos examinado a estrutura da existência inautêntica, o processo de conquista da autenticidade, e a estrutura da autenticidade, podemos tirar algumas conclusões finais deste trabalho.

O Dasein não foi responsável pela sua inautenticidade, dada a inevitabilidade da derrelição e sua conseqüente queda; será, porém, responsável em sair da inautenticidade conquistando sua autenticidade.

A existência inautêntica oculta o significado pleno do que venha a ser a inautenticidade como a perda de si mesmo, ao mesmo tempo que oferece, para aquele que venha a se inquietar com este problema, direções falsas e desencontradas para aquele que "apenas deseja" querer ser si mesmo, sem "querer" sê-lo efetivamente.

Aquilo contra o que o Dasein luta, para realizar sua autenticidade, existe tanto exteriormente a si mesmo, como o conjunto de utensílios e de outros Daseins, que com ele dividem o ser-no-mundo, quanto na intimidade de si mesmo, como o conjunto de concepções do "se", que se tornaram a sua própria forma de compreender o mundo, os outros e a si mesmo.

A autenticidade, como o ser si mesmo, não é um problema que se resolve com a mera compreensão cognitiva do que venha

a ser este si mesmo; o Dasein que compreendeu o que seria ser si mesmo, terá que realizar a si mesmo no domínio da existência fática, no mundo, e junto com os outros. A ação, que efetiva o ser si mesmo, deve, necessariamente, se seguir à compreensão do ser si mesmo.

A conquista da autenticidade, como a conquista de si mesmo, surge-nos como o objetivo da existência fática, a mesma que teve início com o arremesso da potencialidade de ser si mesmo, como aspecto inerente ao "ser-adiante-de-si-mesmo", de encontro ao mundo e aos outros, como o aspecto complementar do "cuidado", "sendo-já-em-um-mundo-junto-com-os-objetos-intramundanos".

Finalmente, a questão da conquista da autenticidade, como a conquista de si mesmo, nasce da existência mesma, e floresce na filosofia, na religião, na arte, na psicologia e na história humana como um todo. Acreditamos, porém, que o tratamento filosófico desta questão, dá-lhe um enquadramento teórico básico, capaz de orientar adequadamente o desenvolvimento desta questão e a aplicação dos seus resultados nestes outros campos da pesquisa e atuação humanas.

## BIBLIOGRAFIA

### 1) TEXTO BASICO: SER E TEMPO

Heidegger, M. Sein und Zeit. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1963.

Heidegger, M. Being and Time. Translated by John Macquarrie and Edward Robinson. Basil Blackwell. London, 1985.

### 2) OUTRAS OBRAS DE HEIDEGGER DISPONÍVEIS EM PORTUGUES

Heidegger, M. Sobre a essência do fundamento/A determinação do ser do ente segundo Leibniz/Hegel e os gregos. Livr. Duas Cidades, 1971.

Heidegger, M. Que é Metafísica. Livr. Duas Cidades, 1969.

Heidegger, M. Sobre a essência da verdade/A tese de Kant sobre o ser. Livr. Duas Cidades, 1970.

Heidegger, M. Sobre o humanismo. Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.

Heidegger, M. Sobre o problema do ser/O caminho do campo. Livraria Duas Cidades, 1969.

Heidegger, M. O que é isto: a filosofia/Identidade e Diferença. Livraria Duas Cidades, 1969.

Heidegger, M. Da experiência do pensar. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969.

## 3) OBRAS CONSULTADAS SOBRE HEIDEGGER

- Biemel, Walter. Le concept de monde chez Heidegger. J. Vrin, Paris.
- Châtelet, François. *Historia da Filosofia, Idéias, Doutrinas*. Vol. 8: O Século XX. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1974.
- Gaos, José. Introducción a El Ser y El Tiempo de Martin Heidegger. Ed. Fondo de Cultura Económica. México, 1971.
- Giles, Thomas R. História do Existencialismo e da Fenomenologia. E.P.U. São Paulo, 1975.
- Guilead, Reuben. Être et Liberté. Ed. Nauwelaerts. Louvain, 1965.
- Jolivet, Régis. As doutrinas existencialistas. Livraria Tabamartins. Porto, 1975.
- Luijpen, W. Introdução à Fenomenologia Existencial. E.P.U. São Paulo, 1973.
- Macdowell, J.A.A., S.J. A gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger. E.P.U. São Paulo, 1973.
- Nunes, Benedito. Passagem para o Poético. Ed. Ática, São Paulo, 1986.
- Olson, Robert G. Introdução ao Existencialismo. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1970.
- Pöggeller, Otto. La pensée de Heidegger. Ed. Montaigne, Paris, Aubier, 1967.
- Resweber, Jean-Paul. La pensée de Martin Heidegger. Privat Editeur, 1971.

- Stein, Ernildo. A questão do Método na Filosofia: um estudo do modelo heideggeriano. Livraria Duas Cidades, 1973.
- Steiner, George. As idéias de Heidegger. Ed. Cultrix, São Paulo, 1982.
- Trotignon, Pierre. Heidegger. Edições 70, Lisboa, 1982.
- Waelhens, A. de. La Filosofia de Martin Heidegger. Instituto Luis. Vives de Filosofia, Madrid, 1952.
- Wahl, Jean. L'idée d'être chez Heidegger. Centre de Documentation Universitaire, Paris, 1951.

#### 4) OUTRAS OBRAS, DE REFERÊNCIA, SOBRE HEIDEGGER

- Ballard, Eduward and Scott, Charles. ed.s Martin Heidegger: in Europe and America. The Hague, Martinus Nijhoff, 1973.
- Birault, Henri. Heidegger et l'expérience de la pensée. Gallimard, Paris, 1978.
- Brehier, E. Histoire de la Philosophie Allemand. J. Vrin, Paris, 1954.
- Cohn, Priscillas N. Heidegger: su filosofia através de la nada. Guadarrama, Madrid, 1975.
- Cotten, Jean Pierre. Heidegger. Seuil, Paris, 1974.
- Levinas, E. En decouvrant l'existence avec Husserl et Heidegger. J.Vrin, Paris, 1949.
- Löwith, Karl. Heidegger, pensador de um Tempo Indigente. Realto, Madrid, 1956.
- Mehta, J.L. The philosophy of Martin Heidegger. Harpertorch Books, New York, 1971.

- Pouget, Pierre-Marie. Heidegger ou le retour à la voix scientifique. L'Age D'Hourme, Lausaune, 1975.
- Ricardson, Willian, J. S.J. Heidegger - through phenomenology to thought. The Hague Martinus Nijhoff, 1974.
- Shérer, Réne et Kelkel, Arion. Heidegger ou l'expérience de la pensée. Seghers, Paris, 1973.
- Varsenyix Laszlo. Heidegger being and truth. Yale University Press, New Haven, 1966.